



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Ana Carolina Cotta Vieira

**Afetos, transgressões, corpos e trânsitos: um rolê cartográfico pelo
circuito sapatão entre Niterói e Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2024

Ana Carolina Cotta Vieira

**Afetos, transgressões, corpos e trânsitos: um rolê cartográfico pelo circuito
sapatão entre Niterói e Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Contemporaneidade e Processos de Subjetivação.

Orientada: Prof.^a Dra. Cláudia Carneiro da Cunha

Coorientadora: Prof.^a Dra. Jimena de Garay Hernández

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V658 Vieira, Ana Carolina Cotta.
 Afetos, transgressões, corpos e trânsitos: um rolê cartográfico pelo
 circuito sapatão entre Niterói e Rio de Janeiro / Ana Carolina Cotta
 Vieira. – 2024.
 124 f.

 Orientador: Cláudia Carneiro da Cunha.
 Coorientadora: Jimena de Garay Hernández
 Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Instituto de Psicologia.

 1. Psicologia Social — Teses. 2. Lésbicas – Teses. 3. Sociabilidade
 – Teses. I. Cunha, Cláudia Carneiro da. II. Hernández, Jimena de Garay.
 III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.
 IV. Título.

bs
CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Ana Carolina Cotta Vieira

**Afetos, transgressões, corpos e trânsitos: um rolê cartográfico pelo circuito
sapatão entre Niterói e Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Contemporaneidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 25 de março de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr^a. Cláudia Carneiro da Cunha (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr^a. Jimena de Garay Hernández
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr^a. Anna Paula Uziel
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof.^a Dr^a. Beatriz Adura Martins
Universidade Federal Fluminense – UFF

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por ter me inundado de um amor incondicional, sem o qual, nada disso seria possível.

À minha mãe Célia Cristina, pelas incontáveis horas ao telefone, a escuta e o acolhimento.

Ao meu pai Iuram, por me lembrar da força de continuar seguindo meus caminhos independente das dificuldades.

À minha irmã Juliana e meu irmão Marco Antônio, pela empolgação inabalável com minha vida acadêmica.

À minha avó Marly por torcer por mim. Ao meu avô Aloysio, que viu o início desse trajeto, mas não teve a oportunidade de ver sua finalização, agradeço por ter compartilhado sua calma de viver.

À Arthur, por seu meu solzinho.

Ao meu amor Júlia, pelo acolhimento, amor, paciência, suporte e por me fazer enxergar muita força na vida. Obrigada por fazer de cada pedaço dessa jornada uma aventura.

Às todas as minhas parceiras de rolê, em especial: Carol, Fernanda, Katurrita, Joyce, Marília, Adriana, Luana, Fabi, Camila e Lara que passaram por perrengues e delícias comigo ao longo desse campo e que continuaram na minha vida depois dele.

À minha orientadora professora Claudia Cunha, por toda a atenção, o cuidado, e por ter enxergado tantas coisas incríveis no meu trabalho onde nem eu enxergava.

À minha coorientadora professora Jimena de Garay pela troca e pelo olhar astuto nas observações.

Às minhas amigas da UERJ: Ana, Clara e Isabella. Pelas risadas e pelas implicâncias amorosas.

À minha banca de qualificação que me acompanhou nessa caminhada até a finalização do percurso. Professora Anna Uziel muito obrigada por me mostrar o quão interessante poderia ser andar comigo por esse território. Professora Beatriz Adura muito obrigada por me fazer enxergar a potência de um trabalho fúngico.

Às cidades do Rio de Janeiro e Niterói, pela pulsação, a euforia, a tensão e o tesão de andar em suas ruas.

Finalmente agradeço aos meus companheiros não humanos, que me ajudam sempre a ter a sensação de calor perto do peito. Agradeço Nissa pelos chameguinhos inesperados, Arisco por me acompanhar nas longas madrugadas de escrita e Irineu que sempre esteve ao meu lado. Sem calor não há corpo e sem corpo não há escrita.

RESUMO

COTTA VIEIRA, Ana Carolina. *Afetos, transgressões, corpos e trânsitos: um rolê cartográfico pelo circuito sapatão entre Niterói e Rio de Janeiro*. 2024. 124f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Este trabalho teve como objetivo se debruçar sobre a experiência de determinadas mulheres sapatão em territórios de sociabilidade voltados para e construídos por elas. Tratam-se de territórios físicos e simbólicos onde constroem seus entendimentos com relação a sua sexualidade, seus corpos, suas performances, situações de violência e de segurança, além de redes de sociabilidade através de encontros e relações estabelecidas nesses espaços. A pesquisa de cunho cartográfico foi realizada de julho de 2022 até agosto de 2023, e compreendeu observações participantes em espaços e eventos de sociabilidade sapatão, além de entrevistas com três mulheres localizadas em lugares chave, na medida em que promovem e fomentam diversos encontros entre esse público específico. O questionamento da heteronormatividade através da experiência sapatão e do que chamamos de “mofo”, na tentativa de “traduzir” o intraduzível dessa experiência, trazem a possibilidade de construção de “redes fúngicas” de diversas configurações, assim como de refúgios sáficos que permitem modos de r(e)xistência coletiva à normatividade e ao capitalismo.

Palavras-chave: Sapatão. Lésbicas. Sociabilidade. Território. Redes.

ABSTRACT

COTTA VIEIRA, Ana Carolina. *Affects, transgressions, bodies and transits: a cartographic tour along the dyke circuit between Niterói and Rio de Janeiro*. 2024. 124f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This work aimed to delve into the experience of certain lesbian women in social spaces dedicated to and constructed by them. These spaces, both physical and symbolic, are where they build their understandings of sexuality, bodies, performances, instances of violence and safety, as well as social networks through encounters and relationships established in these spaces. The cartographic research was conducted from July 2022 to August 2023, involving participant observations in lesbian social spaces and events, along with interviews with three women located in key places that promote and facilitate various gatherings within this specific community. Questioning heteronormativity through the lesbian experience and what is referred to as "mofo" (mold), in an attempt to "translate" the untranslatable aspects of this experience, opens up the possibility of constructing "fungal networks" of various configurations, as well as sapphic refuges that enable modes of collective resistance to normativity and capitalism.

Keywords: Dykes. Lesbians. Sociability. Territory. Networks

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Tabela de Entrevistas.....	32
Figura 1 –	Registro das cartas trocadas, que me acompanharam na minha mudança, de uma casa para outra.....	43
Figura 2 –	Mapa com as minhas andanças entre os territórios.....	61
Figura 3 –	Mapa da Carol.....	90
Figura 4 –	Mapa da Fernanda.....	93
Figura 5 –	Mapa da Katurrita.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
LGBT+	Lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis, queer, intersexo, assexual, pansexual, não binário etc.
UFF	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO:

	INTRODUÇÃO.....	10
1	Chegando no Rolê.....	14
1.1	Por que Cartografia Sapatão?.....	14
1.2	Campo, corpos e trânsitos: os locais de observação e as entrevistas.....	25
1.3	A implicação no pesquisar e o desafio do familiar.....	33
1.4	Um percurso: da idealização ao cansaço.....	38
2	Um mergulho na fantasia heteronormativa através da lesbianidade	48
2.1	Mapeando teoricamente o campo.....	48
2.1.1	<u>Construção dos Corpos</u>	56
2.2	Os corpos em Cena.....	60
3	As pistas do campo: da busca por segurança até a criação de redes.....	73
3.1	Pista 1 <i>refúgio sáfico</i> : motivo para ter espaços exclusivos e a experiência de ser sapatão	73
3.2	Pista 2 <i>saber andar</i> : territórios, trânsitos dos corpos, afetos e sentidos.....	89
3.3	Pista 3 <i>burburinho</i> : os rolês, consumo e formação de redes	100
	Considerações finais: Sapatonas no fim do mundo, a vida através do mofo	109
	REFERÊNCIAS.....	110
	Anexo I - Roteiro de Entrevista.....	118
	Anexo II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	115
	Anexo III - Aprovação do Comitê de Ética.....	117
	Anexo IV - Mapa com as minhas andanças entre os territórios...	120
	Anexo V – Mapa da Carol.....	121
	Anexo VI – Mapa da Fernanda.....	122
	Anexo VII – Mapa da Katurrita.....	123

INTRODUÇÃO

Limpar o mofo é uma tarefa difícil. Não se trata apenas de comprar coisas novas e jogar as velhas fora: se você joga as roupas mofadas no lixo e coloca roupas novas em armários mofados, elas estragam. Se você estiver disposta a uma atitude radical e decidir por jogar os armários fora, as paredes com mofo precisarão de uma limpeza meticulosa ou uma reforma. Assim, o mofo encontra uma maneira de se entranhar e permanecer. Ele se faz presente porque suas marcas não ficam só nas roupas, mas também nos armários e nas paredes.

Começo este texto trazendo a imagem do “*mofo*”¹ para então desfiar a escolha do meu tema de pesquisa. Volto no tempo... eu tenho 12 anos, já me acostumei a gostar de brincar sozinha e criar meus próprios prédios e mundos de lego. Gostaria de ganhar videogames e carrinhos, mas meus pais são terminantemente contra por algum motivo. Minha irmã no meu aniversário me dá alguns *hot wheels* e eu fico maravilhada! É a primeira vez que seguro os meus carrinhos de ferro e não preciso brincar com os dos meus amigos da escola. Num papo com a minha melhor amiga do colégio, ela me conta que na novela que ela assiste com a mãe *tem uma mulher que fica com outra mulher*. Minha amiga me conta isso chocada como se fosse a situação mais absurda do mundo. Diz que a personagem televisiva estava se odiando por gostar de outra mulher. Alguma coisa me bate mal e falo: “*eu também me odiaria se fosse ela*”.

Eu tenho 14 anos, acabei de me mudar e estou indo para o primeiro ano do ensino médio numa escola nova, numa casa nova e numa cidade nova. Não conheço ninguém ali. Um dia escuto de longe duas meninas e um menino conversando sobre uma banda que eu adoro e, apesar da minha timidez, entro na conversa. Viramos amigos e tudo corre bem. Uma das meninas brilha para mim, ela é muito mais interessante do que os outros, apesar de todos eles serem legais. Por algum motivo eu não paro de pensar nessa minha amiga, o porquê de eu gostar tanto dela, até o momento de uma realização interna: “*e se eu gostar dela além da nossa amizade?*”

¹ Nesse texto, escolhi utilizar do itálico para trazer as expressões e gírias, termos êmicos utilizados pelas mulheres observadas e entrevistadas, além de alguns termos em inglês. E utilizei o recurso das aspas para ponderar o sentido de alguns termos, para citar trechos de autores/as e para me referir aos nomes das coisas, dos lugares e festas do contexto investigado. Em alguns casos, escolhi ressaltar palavras e trechos que considere muito importantes através do recurso “negrito”.

Isso significa que eu teria que me odiar também como me comprometi dois anos antes?” Independente de todas essas supostas consequências, falo com ela sobre isso e acabo ganhando uma namorada pouco tempo depois.

Junto com o nosso relacionamento e a concretização de me relacionar com uma outra mulher, nasce em mim também uma sensação rastejante, que aparece com mais frequência do que eu desejo: *“e se formos descobertas? Que tipo de afeto pode ser respondido com violência por quem nos observa? Onde estamos seguras?”* Essa sensação ainda permanece, de forma quase involuntária, mesmo depois de quatorze anos e de as coisas estarem mais calmas dentro de mim.

Percebo que a sensação de arrepio, de sentir a nuca quente quando vejo cenas de afetos entre mulheres e quando reconheço o meu afeto, se traduz na imaginação de que alguém está me observando, situação que permanece até hoje contra a minha vontade. Um misto de ansiedade, vergonha, alegria, desejo e medo, um aprendizado afetivo que me constrói e me intoxica, entranhado feito mofo nesse corpo que sou eu.

Sinto agora uma urgência de lidar com o meu mofo, e dessa necessidade nasce essa pesquisa e esse texto. De onde parto e que me move na investigação acerca de experiências de mulheres lésbicas e que podem ser comuns à minha.

A ideia de mofo é inspirada no trabalho do antropólogo Tim Ingold (2012), que traz a figura do micélio fúngico. Não entrarei aqui no mundo dos fungos de maneira profunda, recorro somente à imagem e à ideia que ela provoca. Essa quase infinita ramificação da parte menos visível do fungo parece a Ingold uma exemplificação mais exata do que Deleuze e Guattari (1995) chamam de rizoma em seu livro *Mil platôs*; essa multiplicidade descentralizada de fios e instituições, ramificadas onde não se sabe muito bem o início e o fim, o dentro e o fora, e essa é a imagem que quero trazer. Mas o interesse por falar de fungos não veio apenas da leitura. Morar por anos em uma área de praias e floresta me forçou a ter um contato intenso com umidade e, o sempre presente mofo, o que me mostrou o desafio de conviver com ele no cotidiano, e que se traduziu na ideia de tomá-lo como imagem-inspiração para tratar de um conjunto de sensações relacionadas a uma afetividade e sexualidade vistas e sentidas como dissidentes.

Pretendo com esse trabalho me debruçar sobre a experiência das mulheres sapatão em espaços de sociabilidade voltados a elas, territórios físicos e simbólicos onde constroem seus corpos através de encontros afetivos e/ou sexuais em determinado eixo entre Niterói e Rio de Janeiro

Escolho o método da cartografia feminista interseccional, que chamei de *cartografia sapatão*, pois me pareceu a melhor ferramenta para tratar a inseparabilidade da experiência sapatão dos marcadores sociais da diferença e de uma visão feminista inspirada por nomes como Anzaldúa (2021), Lorde (2020), Butler (2003; 2020) e Preciado (2013; 2014), para questionar cristalizações heteronormativas e para estar em campo buscando compreender como se constroem esses corpos e como os espaços de sociabilidade voltados para mulheres sapatão contribuem para essa experiência.

Organizo essa dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo abordo as questões metodológicas: do porquê da cartografia sapatão, enquanto discorro sobre a forma como se deu essa pesquisa, os locais, a forma como fui delimitando meu interesse por eles e pelas minhas possíveis interlocutoras. Também incluo, o recorte final com relação ao campo e as entrevistadas, as dificuldades apresentadas nesse percurso e a minha implicação nesse e com esse campo.

Importante dizer que ao longo da dissertação, levando em consideração a importância dos regimes de visibilidade e invisibilidade e as dimensões éticas da pesquisa, não revelo a identidade das mulheres com as quais travei conversas informais em eventos e festas que compuseram o campo de observação participante, ainda que elas possam, em alguma medida, ser identificadas por pessoas que, como eu, transitam pelos territórios cartografados. Porém, revelo a identidade de duas das três mulheres com as quais realizei entrevistas semi-estruturadas, que demonstraram ao longo desse processo o interesse e a importância de que suas identidades aparecessem nesse trabalho.

Assim, considerando o campo das mulheres sapatão/lésbicas e todo o debate em entorno da (in)visibilidade desses corpos, achei de extrema importância afirmar a escolha de minhas interlocutoras que desejaram se identificar. Essa opção passa por um cuidado com as pessoas, menos pela possibilidade duvidosa de uma possível transparência ou de um total apagamento, e mais por entender a complexidade e dilemas éticos e políticos em jogo em uma pesquisa (Fonseca, 2007).

No segundo capítulo me debruço sobre a abordagem teórica para analisar os meandros da heteronormatividade a partir de uma perspectiva que a desnaturaliza, desafiando as construções conceituais e analíticas sobre corpos dissidentes e como é possível escapar dessas capturas e construir um novo corpo para nós mulheres sapatonas. Ao final desse capítulo, trago momentos do meu diário de campo que

considero preciosos para explorar e exemplificar questões que vão aparecendo ao longo da pesquisa no universo investigado.

No terceiro e último capítulo, trago as pistas cartográficas encontradas no meu percurso de estudo, desde a busca por segurança até a possibilidade de criação de redes. E nas considerações finais, trago o que encontrei no campo, as expectativas e frustrações, os bons encontros, as redes formadas, algumas respostas e questões que ficaram em aberto para futuras investigações.

Espero que com esse trabalho um pouco mais do universo sapatão esteja disponível para que, principalmente, outras mulheres sapatão saibam que as nossas vidas, nossos corpos e nossas histórias seguirão vivas e pulsantes.

1. Chegando no rolê

1.1 Por que *Cartografia Sapatão*?

Ao longo de minha graduação acadêmica, por ser uma pessoa curiosa, experimentei várias coisas desde o início. Muito do que me interessa hoje eu descobri de forma quase lúdica nessa época, ia orbitando onde meu desejo me apontava. Do meu interesse por entender a forma como o mundo via o meu “interesse por mulheres” encontrei, em 2014, o primeiro grupo de pesquisa que fiz parte na Universidade Federal Fluminense (UFF). Era o grupo intitulado “Produção de narrativas sobre a experiência homossexual masculina em três cidades do Rio de Janeiro”, coordenado pelo professor Marcelo Santana. Eu engatinhava nos conceitos do feminismo e eles já estavam estudando sobre contrassexualidade, teoria queer, epistemologias dissidentes, muita coisa para entender de uma vez só. Mas eu intuitivamente sentia onde eu deveria estar, esse grupo me proporcionava essa sensação de pertencimento inicial.

Uma parte da pesquisa do grupo se dava na frente da faculdade na Praça da Cantareira, o lugar onde muitos/as jovens universitários/as se encontravam, e ainda se encontram em Niterói. É uma praça circular, rodeada por bares, árvores e restaurantes, que em certos dias da semana fervilhava de gente, muitos tipos de gente que queriam muitos tipos de coisas indo para a praça.

A proposta da pesquisa com relação à Cantareira era fazer um trabalho de ir e conversar com as pessoas LGBTQ+² para conhecer um pouco mais de suas experiências, no momento em que a praça estivesse o fervor, o puro suco do caos. E esse primeiro contato com a possibilidade de estabelecer relações de pesquisa com as pessoas dessa forma, foi um estalo de lucidez na minha formação. Essa experiência se repetiu em alguns momentos da graduação entre idas e vindas com os estudos de gênero, sexualidade e de saúde mental. Fui entendendo que estabelecer relações de proximidade e afeto com o que eu queria conhecer normalmente era mais interessante para de fato conhecer as coisas, sempre me norteando pelo desejo, o que ia me levando até essas relações.

² Aqui vou utilizar a sigla LGBTQ+ para representar além de lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis e outras como Intersexo, *queer*, assexual, pansexual etc.

Essas experiências, minhas satisfações e minhas angústias com relação ao tema em que me debruço agora, tão caro para mim, me levaram até a cartografia, por entender que todos os movimentos dentro e fora do campo e dentro e fora de mim, teriam que ser analisados através da ótica da formação do desejo no campo social. Ou seja, como a vida tem encontrado formas de se expressar e produzir movimento nos corpos e nos encontros. (Rolnik, 1989).

Para me debruçar sobre a experiência das mulheres lésbicas em espaços de sociabilidade voltados a elas, territórios físicos e simbólicos, onde elas constroem seus corpos através de encontros afetivos e/ou sexuais em um eixo determinado de Niterói-Rio, considere que a cartografia seria uma grande aliada. Isso porque:

"entender", para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar... O que há em cima, embaixo e por todos os lados são **intensidades** buscando **expressão**. E o que ele quer é mergulhar na **geografia dos afetos**, e ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: **pontes de linguagem**. Vê-se que a linguagem, para o cartógrafo, não é um veículo de mensagens e salvação. Ela é, em si mesma, criação de mundos. (ROLNIK, 1989, p.66, grifos meus).

Destaco no trecho acima as palavras intensidades, expressão, geografia dos afetos e pontes de linguagem, pois entendo que tais dimensões, conectadas, são capazes de dizer o modo pelo qual construo o meu objeto de pesquisa e busco perscrutá-lo. É no encontro vivo, intenso, em determinados territórios onde se produzem afetos e pontes, que procuro entender determinadas linguagens operando, corpos vibrando e se construindo, afirmando suas potências e intensidades.

A abertura aos encontros, aos afetos, aos significados atribuídos às experiências, tem a possibilidade de criar, de construir novos mundos simbólicos e encarnados. E esse era o meu desejo com a cartografia, com o fazer ciência (Haraway, 2009), mesmo que ele fosse muito ambicioso, construir um mundo diferente desse em que instituições de poder rígidas como a cisheternormatividade, o racismo, dentre muitas outras, são cristalizadas e endurecidas. Um mundo de fissuras, brechas e rupturas, um mundo em que eu e outras mulheres pudéssemos existir sendo sapatão. Entendo a cartografia também como produto, como o trabalho escrito final, que permite apontar novos caminhos de entendimento, rumos de práticas, outros corpos e devires.

Neste sentido, o método cartográfico friccionado com o feminismo e a interseccionalidade, que levasse em consideração os corpos, suas marcas e de onde

estão localizadas suas fronteiras, funcionou para mim como uma inspiração e um guia. Poderia dizer uma cartografia mestiza, com a aproximação de Gloria Anzaldúa (2021, p.194): “[a] nova mestiza é um sujeito liminar que vive nas fronteiras entre as culturas, raças, linguagens e gênero. Nesse estado de entre-lugar a mestiza pode mediar, traduzir, negociar e navegar por essas diferentes localidades.”

A vontade de fazer uma cartografia fronteira, como nos trazem D’Angelo, de Garay Hernández e Uziel (2019), inspiradas em Anzaldúa (1987), me conduziu a uma perspectiva que borra as delimitações entre supostas classificações e identidades anteriores, apostando nas interseccionalidades que atravessam e forjam os corpos e as experiências dessas mulheres. Uma cartografia fronteira para que fosse possível desnaturalizar concepções relacionadas ao *universo sapatão* ou *hétero*, e se produzisse um *entre*.

Levando em consideração como as palavras, e a forma como se escolhe denominar as coisas tem um papel importante nos regimes de visibilidade ou invisibilidade dos nossos corpos, comecei a me questionar sobre como denominar essa cartografia. Quando eu chegava nesses grupos para conversar sobre a vida, sobre filmes, sobre qualquer coisa, algumas pessoas eventualmente usavam os termos “lésbica”, “sáfica”, “mulher que gosta de mulher”, mas a palavra que não saía da boca do povo mesmo era “sapatão”. “Vamos fazer um piquenique sapatão?”, “Vamos numa festinha sapatão?” “Vocês conhecem algum filme de sapatão que não termine em desgraça pra me indicar?”, “Típico de sapatão!”. O “xingamento” ressignificado em forma de orgulho, de saber das marcas que carregam essa palavra, era e é a forma como nos chamamos e nos afirmamos nesse lugar no mundo.

Katurrita³, uma das minhas interlocutoras, trouxe em sua entrevista que ao procurar uma psicóloga para *entender* sobre a *própria sexualidade*, começou a ter um sentimento de pertencimento ao utilizar a palavra “sapatão” em análise. Mas disse que a profissional a advertiu, pedindo que ela não utilizasse essa palavra “por achar agressivo” e “desconfortável”. Segundo a minha interlocutora, a profissional era uma pessoa “mais velha”, o que, em tese, justificaria parte da rejeição ao termo.

Vale dizer, que a fala da psicóloga *me deixou desconfortável*, não só na hora de fazer a entrevista como também ao revisitá-la, principalmente, por ter vindo de uma

³ Nome fictício escolhido pela própria entrevistada.

outra profissional. Nem mesmo naquele espaço supostamente acolhedor, Katurrita podia se nomear da forma como queria e trabalhar a potência de ser sapatão.

Adura e Gusmão (2023), quando apontam para os aspectos de “terapia de conversão sexual” mais conhecida como “cura gay” na experiência das mulheres que participaram das suas pesquisas, tanto nas favelas da Maré quanto nas comunidades de Niterói e São Gonçalo, trazem os dados de que a psicologia fica atrás apenas das religiões com relação a esse tipo de violação de direitos. O que acaba por corroborar com meu incomodo com relação a essas limitações e violências encontradas no atendimento psicológico de mulheres lésbicas e bissexuais. A sapatão não podia existir ali, mas faço a aposta de que nesse texto nós possamos existir, do jeito que nós nos identificamos e chamamos umas às outras.

Reconhecendo o valor e a importância das expressões diversas utilizadas para se referir a uma mulher que sente interesse afetivo/sexual por outras mulheres, usarei ao longo do texto propositalmente de forma alternada e situada as expressões “lésbica”, “sapatão”, “sáfica”, “mulheres que se relacionam com mulheres” e “mulheres que amam mulheres”, considerando que esse campo não é composto apenas por mulheres lésbicas ou sapatão, ele também tem mulheres bissexuais, pansexuais, heterossexuais e muito provavelmente outros tipos de identificação que me escapam.

Faço a escolha política pela expressão *cartografia sapatão*, pois opto pela afirmação da existência dessas mulheres cuja “performatividade” como nos traz Borba (2014) inspirado por Butler (1993) é *sapatão*, ou seja, quando falo aqui de performatividade não estou tratando de apenas da performance que estaria atrelada ao ato “se relacionar com mulheres”, mas de um conjunto de signos que compõem essa denominação.

Já as expressões “sáfica” e “mulheres que se relacionam ou amam mulheres”, no meu campo, são expressões mais gerais para se referir a mulheres que, se relacionam com mulheres, mas não necessariamente se denominam como sapatão/lésbica. Considerei importante então afirmar minha escolha pela palavra sapatão, que acredito ser, não só mais bonita e subversiva, como menos higienizada no contexto brasileiro. Uma escolha política, uma apropriação de um “xingamento”, a meu ver a que mais se aproxima desse mofo da experiência de ser sapatão.

A partir dessas escolhas e desse referencial, entendi que a pesquisa não aconteceria em mim somente, ou em alguma dessas mulheres que me passariam as

informações “ocultas” ou “secretas” sobre “o ser sapatão”, até porque eu não estava interessada em falar necessariamente sobre identidade, ou essência, mas sobre a experiência sapatão desses encontros. Essa pesquisa se deu na mistura de pessoas e lugares, afetos e sentidos compartilhados, e no que se produziu nessas fronteiras. Essas mulheres, muito longe de serem apenas “informantes” de uma fotografia estática do “ser sapatão” que me permitiram à construção de “dados”, são pessoas-relações-fluxo, com quem convivi, que voltei a encontrar, que continuei conversando pelo *WhatsApp*, recebi na minha casa e fui à casa delas. Mulheres que sei o jeito, o rosto, o sorriso, o cheiro e a textura da pele.

O que eu pretendo registrar a partir daqui, na parte metodológica, é essa artesanaria, esse percurso dos encontros, do que construímos juntas, eu e elas, e em orientação. Não teria sido possível fazer esse trabalho sozinha, porque, como fui compreendendo, os *rolês de sapatão* só fazem sentido através da coletividade. Chamo de *rolê* aqui todas as saídas, idas a bares, piqueniques, todos os encontros que tivemos ao longo dessa pesquisa. Compartilho dessa expressão com uma grande parte das mulheres nesse campo, que também se referem aos encontros e saídas dessa forma. Também compreendo como *rolê* todo o percurso que envolve a preparação de uma dessas saídas e os desdobramentos dessas preparações.

Geralmente os *rolês* começavam com alguma das mulheres mandando uma mensagem no grupo do *WhatsApp*, perguntando se alguém queria fazer alguma coisa, sugerindo um evento ou uma saída. Isso se seguia com as interações das outras pessoas do grupo com as possibilidades, as opiniões sobre o evento, se achavam que “ia dar gente” ou não, se tinha gente comentando de ir ou não, se parecia ser legal, uma boa ideia ou não.

Essa conversa prévia aos *rolês*, em si, é tão importante que em alguns momentos desisti de ir para alguns desses eventos porque me pareceu que não seria bom, seja porque as pessoas dos grupos estavam desanimadas com a estrutura da festa, o local, ou porque não achavam que seria “tranquilo” (seguro), para voltar para casa, já que em muitos momentos as festas aconteciam no Rio de Janeiro e eu, como outras mulheres dos grupos, moram em Niterói, que é outra cidade. Outro motivo de desistir de *rolês* é como o clima de chuva, por exemplo, muda completamente a configuração dos territórios tanto físicos quanto subjetivos, já que as duas cidades ficam constantemente alagadas e se deslocar nelas se torna quase impossível.

A chuva forte já impossibilitou a realização de alguns eventos também, como na ocasião da comemoração de 1 ano da Festa “Lambe Lambe⁴”, um evento que parecia estar criando uma grande expectativa entre o público da festa, sendo bastante falado nos grupos de *WhatsApp* em que eu estava incluída e nas postagens da própria página da festa do Instagram à época. Resgato aqui os escritos do meu diário de campo do mês de fevereiro de 2023 sobre essa festa, que exemplifica como se tecem e se reinventam as relações a partir de situações inesperadas no universo pesquisado:

No dia 11/02 iria acontecer uma super comemoração da festa da Lambe de comemoração de 1 ano do início da festa, com show da Letrux, uma artista que ficou conhecida nos meios sáficos mais “alternativos” por causa principalmente da música “Que estrago” que fala sobre transar com outra mulher, e do clipe da música “Ninguém perguntou de você” que mostra um casal de mulheres. A mulherada, e eu me incluo nisso, parecia animada para ir à festa e ver esse encontro de Letrux com Lambe.

Eu e minha namorada combinamos com duas meninas do grupo de Niterói de racharmos um Uber para ser mais tranquilo de chegar lá à noite, o plano era que uma delas, a Luana, que conheceríamos pessoalmente no dia da festa, mas que estava no grupo do WhatsApp pediria o Uber na casa dela. Ela então me buscaria com minha namorada depois, porque moramos razoavelmente perto, e seguiria para a última pessoa a embarcar Helena, que mora mais perto da ponte para irmos juntas até o local do evento no Santo Cristo já na cidade do Rio de Janeiro. Uma logística bem-feita dessas não tinha como dar errado, mas assim que saímos para pegar o Uber havia começado a chover, porém de forma moderada, dando a entender que iria passar. Buscamos a última componente da caravana, Helena, já em clima de apocalipse, com o motorista do Uber dizendo que se ela demorasse não daria para voltar do bairro da casa dela porque ali enchia muito. Pegamos muitas ruas no limite de encher, com o carro já passando com dificuldade pelos bolsões de água, rezei pela nossa vida. O motorista parecia realmente determinado a nos deixar na festa enquanto ríamos e quase chorávamos com a situação toda, o clima apocalíptico de enchente, estarmos revendo uma amiga e conhecendo uma nova pessoa do grupo naquela situação e a vontade de conseguir aproveitar a festa com o show da Letrux depois de passar por isso tudo.

Chegamos no local da festa rindo do nosso infortúnio repentino. Como a chuva não parava, entramos no ambiente totalmente encharcadas e pingando. A música acabou assim que chegamos e a luz também. Com a chuva intensa, todas aguardávamos para ver no que daria, até que ela começou a diminuir. Ligaram a luz e começamos a nos animar, resolvi que compraria uma bebida já que a festa devia estar prestes a começar. No minuto em que peguei o drink, uma pessoa subiu ao palco pra dizer que “a festa estava cancelada, sem data certa pra ser remarçada”. A pessoa que deu o aviso disse que seria perigoso tentar ligar qualquer coisa de som, pois tinha entrado água em todo o equipamento. Uma grande decepção! A Luana perguntou se não queríamos ir para casa dela, talvez aquele senso de ter saído de casa nesse dia para passar por uma enchente juntas e chegar em uma festa cancelada tenha nos aproximado, porque topamos ir.

Enquanto decidíamos como fazer para voltar pra Niterói vimos um dos poucos homens da festa, gritando revoltado, após o anúncio de cancelamento, dizendo que tinha uma “sapatona querendo brigar com ele”, porque ela tinha esbarrado

⁴ Trarei com mais detalhes sobre a Lambe Lambe mais à frente. Por ora, é importante dizer que se trata de uma festa muito frequentada pelo público sáfico e que acontece no Rio de Janeiro.

nele de propósito antes. Uma das mulheres que não estava no nosso grupo, mas que estava próxima de nós fisicamente comentou: “tinha que ser um cara pra falar isso.” Ao olhar para esse cara percebi que ele não performava uma masculinidade padrão, não era o cara da “camisa polo e sapatênis”, nem ele nem os outros homens do grupo que estavam com ele foram lidos por mim como “homens héteros”, mas isso não impediu a hostilidade com relação às mulheres da festa. E essa hostilidade não era esperada por mim num ambiente como esse. Juntamente com a chuva e o cancelamento do evento, a segurança não estava necessariamente garantida ali se não estivéssemos atentas, mesmo que eu me sentisse mais segura ali pela presença maior de mulheres do que em outros tipos de festas.

Depois dessas quebras de expectativas fomos para a casa de nossa nova companheira de grupo em Niterói e foi muito divertido, brincamos, dançamos, comemos, bebemos, conhecemos gatinhos, tudo num ambiente muito acolhedor e seguro, onde era possível relaxar. Desse dia surgiram amizades, beijos, redes de apoio, e a certeza de que em dias de chuva forte ir para festa no Rio é furada. (Trecho do diário de campo 11/02/23)

Tentei me manter atenta a esse norte da construção do percurso ao longo do caminho e disponível para os encontros e os agenciamentos como nos trazem Barros e Kastrup (2009, p.57): “[o] agenciamento é uma relação de co-funcionamento, descrita como um tipo de simpatia. A simpatia não é um mero sentimento de estima, mas uma composição de corpos envolvendo afecção mútua”. Assim, as composições que foram se dando me permitiram estar em relação, como no caso relatado acima e todas as “simpatias” que isso envolveria: rachar o *uber*, a confiança de conhecer uma mulher no trajeto até a festa, passar por um perrengue com essas pessoas e, posteriormente, aceitar um gesto de cuidado e ir para casa de uma dessas mulheres “para ver o que poderia sair dali”. Busquei então me dar conta das pistas e dos mapas relacionais, de trânsitos e percursos por mim percorridos junto a elas, e que iam se desenhando a partir do campo. Onde ficavam seus adensamentos, seus nós, seus fluxos e seus pontos de calor e intensidade. Fui aprendendo também, talvez por ser psicóloga, a ter uma escuta atenta ao inesperado, ao cansaço, ao frustrante, meu e delas, entendendo que todos esses elementos fazem parte dessa cartografia.

O ato de cartografar, como definido provisoriamente por Suely Rolnik (1989), é ser capaz de enxergar e dar passagem às forças, instituições e afetos em jogo nas relações e cenários não estáticos que se apresentam no momento de pesquisa. Me percebi ocupando um duplo lugar: estou intimamente ligada ao meu campo de pesquisa por ser uma mulher sapatão que frequenta os espaços e que enxerga dimensões da experiência parecidas com essas outras mulheres. Ao mesmo tempo, entendo também que por ser pesquisadora-psicóloga-cartografa-feminista-sapatão, meus múltiplos papéis suscitam diferentes reações e consequentemente intervenções

no campo. Penso ser ingênuo e indesejável de minha parte imaginar que minha presença não movimentou o território de alguma forma, desde o início de meu trabalho de campo fui muito convocada a dizer o que eu achava sobre as experiências trazidas pelas outras mulheres e da pesquisa em si, e eu igualmente as convocava para um diálogo, afinal:

[...] a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência - o que podemos designar como plano da experiência (Passos e Benevides, 2009, p.17)

No “plano de experiência”, estaríamos nós tentando dar passagem às forças, instituições e afetos também por fissuras, criando brechas através de conversas inicialmente descompromissadas nos bares e festas, mas também através de golpes de lutas aprendidos no espaço do curso de autodefesa ou nos gritos de cunho político no trânsito em comboio pela cidade? Penso que sim. E que tudo isso se enlaça a partir das minhas observações do campo, mais do que uma clássica “observação participante”, mas, sim, uma “participação observante” (Villela, 2002).

Portanto, a noção de experiência (LARROSA, 2002) é central no meu trabalho. Ela é sempre coletiva, e é ela que comunica o que vivo com o que vivem outras mulheres lésbicas. Segundo o autor (2002: p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. A experiência constitui corpos em relação. Ela arrebatada! Ela marca os sujeitos e aponta para dimensões compartilhadas. Ao mesmo tempo, de acordo com Scott (1999), a experiência não é uma transmissão simples dos fatos, mas uma narrativa possível baseada em nossa leitura política social do meio em que vivemos, dos sentidos e as interpretações que fazemos com o que nos passa, o que nos é possível experienciar:

Experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar. Esse tipo de abordagem [...] interroga os processos pelos quais sujeitos são criados, e, ao fazê-lo, reconfigura a história e o papel do/a historiador/a, e abre novos caminhos para se pensar a mudança (SCOTT, 1999, p.48)

Outra noção central e que se conecta diretamente com a escolha pelo campo cartográfico, é a de território. Nota-se, que vou além da discussão de que as dimensões subjetivas, simbólicas, sociais e culturais perpassam essa noção, para além do fator geográfico. Tomo de empréstimo as discussões sobre corpo-território Haesbaert (2020), que intenta fazer uma abordagem do que seria território numa

perspectiva latino-americana e decolonial. O autor não faz uma separação binária entre corpo e território, mas entende que os fluxos que constroem o corpo são indissociáveis dos que constroem o território, e vice-versa. Exploro nesse contexto, a possível composição nas narrativas dessas mulheres, de mapas de sentidos e mapas geográficos, buscando conhecer a sobreposição ou não, entre territórios físicos e territórios existenciais. Aqui trago as palavras de Rolnik (1989) para justificar que um território não é apenas um lugar físico, mas uma conjunção de fatores subjetivos que vão se construir ao longo da experiência singular de cada pessoa:

[...] o que lhes dá essa impressão de familiaridade é que [...] as imperceptíveis dinâmicas de atração e repulsa que experimentavam conquistaram um espaço para se exercer, um território. Conquistaram direções para sua apresentação: uma cartografia de território, uma inteligibilidade. (ROLNIK, 1989, p. 33.)

Nessa perspectiva a interseccionalidade ganha ainda mais força por levar em consideração que todos os fluxos entre corpo-território-gênero-sexualidade-raça são formadores de mundo, como apontam Adura e Gusmão (2023) ao mapear por exemplo a experiência de mulheres lésbicas e bissexuais das favelas de Niterói e São Gonçalo:

Assim qualquer aspecto da vida de uma lésbica na favela guardará complexidades maiores: ao se avaliar a evasão escolar, o não acesso a trabalho digno ou a violência de gênero que sofrem, por exemplo, é preciso entender a experiência social destas mulheres a partir da lesbofobia, que é um sistema de opressão imputado a mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres. A lesbofobia, enquanto sistema de opressão, tem caráter estrutural e atravessa a experiência desta mulher em todos os ambientes. Se a lesbofobia se apresenta enquanto marcador que atravessa todos os aspectos da vida destas mulheres, a política pública precisa reconhecê-lo. (ADURA; GUSMÃO, 2023, p.18)

Enxergando como uma das grandes potências desse trabalho a impossibilidade de separação dos marcadores sociais da diferença das mulheres em campo, faço o esforço de tentar entender como nós nos construímos em relação aos trânsitos e fluxos buscando “objetivos comuns”, não constituindo um grupo homogêneo mas através de nossas diferenças tentando traçar um plano em comum (PASSOS; KASTRUP, 2013) para que nós, mulheres lésbicas, possamos nos encontrar em espaços voltados para socializar, discordar, namorar, “tretar”, flertar, nos divertir e afirmar outros modos de ser e estar no mundo.

Optei, portanto, pela ideia de “territórios de sociabilidade” - territórios em (des)construção e disputa -, a fim de compreender experiências socialmente compartilhadas pelas minhas interlocutoras. Uso a expressão territórios de sociabilidade fortemente inspirada por HAESBAERT (2005), pelas ideias de inseparabilidade do território de outras dimensões da vida, da construção de si e dos usos do poder. E de FRANÇA (2010), pelo que ela chama de "espaços de sociabilidade", principalmente os espaços comerciais de sociabilidade por ela estudados para tratar de espaços de interação afetiva, sexual e performativa voltados para homens homossexuais em São Paulo. Territórios de sociabilidade aqui então é usado para falar de territórios onde mulheres lésbicas se constroem através de sua relação com o espaço e com outras mulheres que nele interagem constituindo a si próprias.

Segundo Passos e Benevides (2000, p. 77), “[u]m conceito-ferramenta é aquele que está cheio de força crítica. Ele está, portanto, cheio de força para produzir crise, desestabilizar”. Nesse sentido, visei tornar instável tanto o que possa parecer um lugar comum que venha da minha experiência como lésbica, quanto em relação às representações que se constroem sobre nossos corpos. Para tanto, lancei mão dos conceitos de Interseccionalidade e do feminismo interseccional a fim de me ajudar a enxergar como as Instituições do poder atuam e atravessam as situações e as pessoas com as quais tive contato durante o período de estudo.

Importante considerar, através de uma análise interseccional, que a minha vivência de uma mulher branca de classe média pode diferir muito da de uma mulher preta e periférica por exemplo, e que existem diferentes visões de mundo, distintos pertencimentos e modos de vida a partir dos marcadores sociais da diferença sejam eles de cor/raça, gênero, deficiência, geração, classe social, orientação sexual, entre outros. Portanto, estar no mundo sem considerar a interseccionalidade seria uma perda muito significativa na análise do que aconteceu no campo e ocorre na vida. Segundo Collins e Bilge (2021):

O domínio interpessoal do poder refere-se ao modo como os indivíduos vivenciam a convergência de poder estrutural, cultural e disciplinar. Esse poder molda identidades interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, nação e idade que, por sua vez, organizam as interações sociais. A interseccionalidade reconhece que a percepção de pertencimento a um grupo pode tornar as pessoas vulneráveis a diversas formas de preconceito, mas, como somos simultaneamente membros de muitos grupos, nossas identidades complexas podem moldar as maneiras específicas como vivenciamos esse preconceito. (COLLINS e BILGE, 2021, p.30)

Portanto, para tratar de temas que são constituídos por tantos atravessamentos e matizes como “a experiência sapatão”, são necessárias ferramentas igualmente complexas. Principalmente com relação às desigualdades sociais, uma das principais premissas orientadoras da interseccionalidade, que busca não normalizar tais desigualdades, mas sim entender o funcionamento das relações de poder, o contexto social em que elas se dão, viabilizando uma possível mudança de paradigma (Collins e Bilge, 2021).

O feminismo lésbico também compõe com a cartografia e a interseccionalidade outra ferramenta que utilizo, principalmente, com relação à compreensão das experiências comuns de mulheres lésbicas e através da perspectiva de valorizar e priorizar as relações e trocas entre mulheres, sejam elas de qualquer orientação sexual. Adrienne Rich (2010) nos traz a importância de priorizar as relações entre mulheres e da existência lésbica, mesmo entre mulheres heterossexuais, como uma forma de lutar contra a heterossexualidade compulsória, que é a ideia de que todas as mulheres sejam obrigatoriamente heterossexuais, com seus desejos voltados para homens (RICH, 2012) dentro da chave de entendimento do patriarcado. Essa organização do poder patriarcal não oprime apenas mulheres sáficas, mas todas as mulheres, mesmo que em diferentes formas.

Outro importante atravessamento na produção de subjetividades é a raça. Audre Lorde (2020) discute como a heteronormatividade e o racismo atingem as mulheres negras e como frequentemente as mulheres negras são incentivadas a criar laços de inimizade com mulheres negras e lésbicas para não incorrer no risco de quebrarem seus laços com homens. A autora afirma:

“Mulheres negras somos programadas para nos definirmos de acordo com a atenção masculina e para competirmos umas com as outras por ela, em vez de reconhecermos nossos interesses comuns e nos mobilizarmos em pro deles” (LORDE, 2020, p.61).

Esse arranjo de poder patriarcal é especialmente cruel com mulheres negras, como Lorde aponta, por entrelaçar o machismo e o racismo, visto que as oportunidades afetivas/sexuais entre as mulheres negras são reduzidas com relação às mulheres brancas.

1.2 Campo, corpos e trânsitos: os locais de observação e as entrevistas

Para adentrar nesse campo, que foi se construindo ao longo do processo em que transitei por ele, comecei pelo que chamamos de “campo exploratório” aonde eu ia através de pessoas da minha rede pessoal, de amizades e proximidade, através de indicações de pessoas, de divulgações virtuais das páginas de estabelecimentos e eventos, e da divulgação, através de redes sociais, de mulheres lésbicas consideradas “razoavelmente famosas” e reconhecidas pela comunidade, buscando entradas e estabelecer relações de troca, confiança e vínculo. Fui conhecendo alguns lugares e grupos voltados a pessoas LGBTQ+ e principalmente voltados ao público sáfico.

Digo sáfico e não lésbico/sapatão porque o campo das relações entre mulheres em diversos espaços de sociabilidade não abrange apenas a experiência de mulheres lésbicas, muitas mulheres pansexuais e bissexuais, até mesmo que se identifiquem como “héteras”, ou pessoas não binárias frequentam esses espaços. Assim, uma suposta “identidade” não se mostrou ser um elemento definidor nem um impedimento para as escolhas de parcerias para as interações sexuais, afetivas ou de qualquer outro tipo para a maioria das mulheres que frequentaram esses espaços e que tive contato no momento da pesquisa. Já a presença de homens nos ambientes voltados para mulheres, em especial de homens héteros e cisgênero, teve um potencial de causar desconfortos e, em alguns casos, uma sensação de insegurança, conforme trarei em detalhes mais à frente.

Não acho que seria impossível tentar estabelecer contato com outros grupos de mulheres que têm interesse em outras mulheres para a realização dessa pesquisa, mas também levei em consideração que esses grupos poderiam não estar tão abertos e ou mesmo em evidência para serem achados, por questões de privacidade, segurança ou qualquer outra razão. Além disso, nesse momento eu estava mais interessada em estudar o que era mais familiar às pessoas do meu convívio, por entender que começar a interagir com um grupo de mulheres e de fato iniciar um possível vínculo de confiança é um processo que leva tempo, ou seja, não seria tão fácil estabelecer vínculos com diversos grupos ao mesmo tempo em um pequeno intervalo de tempo, incorrendo no risco de não ser possível prestar a atenção necessária a nenhum deles. Para mim era também importante que dos grupos e os espaços que eu fosse frequentar se denominassem abertamente como

lésbicos/sáficos/sapatão para que as questões envolvendo segurança, conforto/desconforto e pertencimento aos espaços pudesse ultrapassar as barreiras do momento de início de “saída do armário” e tivessem a possibilidade de abranger outras questões da vida dessas mulheres.

Nesse momento, se mostrou importante para mim escolher espaços e circuitos de sociabilidade que tinham a possibilidade de ser considerados por mulheres sáficas como “mais seguros” por serem justamente voltados para esse público ou para o público LGBTQ+, em sua maioria. A organização desses espaços/eventos falava abertamente sobre a preocupação de que nesses ambientes não fosse praticada violência de gênero ou ligada a LGBTQ+fobia. Por isso, escolhi ir através de pessoas que eu já tinha algum tipo de relação e vínculo, e acabei ao longo dos encontros, criando um mapa mental de onde nós, eu e essas mulheres que participam dos grupos, íamos para as saídas e para realizar atividades de campo. Esse mapa depois de um tempo virou físico, onde fiz os registros e consegui visualizar com mais clareza onde e como eram os nossos rolês.

Me utilizei no início da observação participante para as idas aos bares, festas e encontros de forma mais livre. Destacando aqui o *Armazém 7* um bar LGBTQ+ no bairro do Ingá em Niterói. A cidade no momento da pesquisa não possuía nenhum tipo de bar ou festa voltada com o foco para mulheres sáficas. Tinha como ponto de interesse também as *festas da “Lambe Lambe”* e o bar *“Boleia”*, conhecido por ser *um bar feito por uma mulher lésbica, para lésbicas*, que se localizava em Botafogo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Após o fechamento do Boleia em janeiro de 2023, passei a frequentar majoritariamente as festas e eventos da Lambe Lambe e suas variações, sejam por motivos sazonais ou pela escala do tamanho da festa, como por exemplo com relação a *“Lambidinha”* como falo mais a frente, que priorizavam o público das mulheres lésbicas e bissexuais. Essas festas normalmente são noturnas, com entrada através da compra de ingressos, com DJ’s e esporadicamente outros nomes do mundo da música que são mais conhecidas nos meios de mulheres sáficas.

A Lambe Lambe acontece no Rio de Janeiro, em diferentes casas de festa mais próximas da Zona Sul e do Centro da cidade. Algumas de suas variações são o *“Batuque da Lambe”* um evento mais voltado para pagode e samba e a *Lambidinha*, que é conhecida como *“a filha da Lambe”* segundo sua produção. Existe também a *“Carnalambe”* no período de carnaval, e possivelmente outros nomes para a festa de acordo com a época do ano. Fui identificando que esses espaços seriam ambientes

interessantes para essas observações e entradas por serem idealizados como ambientes “seguros” para a sociabilidade de mulheres lésbicas e pessoas LGBTQ+ por essas mulheres lésbicas ou bissexuais familiares a mim. Os nomes das festas e eventos são provocativos fazendo alusão a formas de transar que remetem ao sexo entre mulheres, em que o elemento principal não necessariamente é a penetração, mas sim lambidas, a fricção dos corpos afirmando no nome das festas a dimensão do sexo lésbico que não busca reproduzir a heteronormatividade, como Azevedo (2020) salienta:

[q]uando o sexo lésbico se afirma como sexo, como potência sexual e de prazer, faz com que seja preciso pensar através de outra perspectiva de mundo. É possível pensar nesse corpo-atritável, ou um corpo-friccionador. Roçar os corpos na produção de um entre. O “atritar” é uma outra economia, que pensa a superfície da pele em sua totalidade como uma dimensão erótica, para além da centralidade do genital- o próprio corpo da mulher como esse corpo-atritável, como produtor de um prazer do atrito (AZEVEDO, 2020, p.308)

Importante dizer aqui que nesses espaços a entrada e participação de homens nas festas e nesses bares nunca teve restrições, mas nas festas e no Boleia, durante minha entrada no campo, a maioria das pessoas que frequentavam os locais eram mulheres, ao contrário do bar de Niterói, onde os frequentadores estavam quase que em mesmo número de homens e mulheres. Minha inserção maior no que chamarei de *Grupo de Niterói*, que frequentava tanto o bar quanto as variadas festas, se deu a partir do momento em que fui convidada para entrar no grupo de *Whatsapp* de Niterói, pude começar a interagir mais com essas mulheres e a ver quais outros tipos de rolês que as interessavam.

O outro grupo de *Whatsapp* que chamarei aqui de *Grupo dos Piqueniques* foi formado a partir de pessoas ligadas, de várias formas diferentes, ao projeto Documentadas⁵, sendo fotografadas como casal, participando como psicólogas do projeto que oferece atendimento psicológico a “mulheres que amam mulheres” a valores sociais, ou apenas mulheres que tinham o desejo de estar nos encontros ou conversando no grupo. Apesar do projeto e do apoio psicológico já existirem desde 2021, o grupo dos encontros para piqueniques só foi formado em meados de 2023, após dois eventos com esse perfil de reunir mulheres em encontros para uma

⁵ O *Projeto Documentadas* é uma iniciativa independente que busca registrar o amor entre mulheres através da fotografia. Ele foi idealizado por uma mulher lésbica, fotógrafa que vai até casais que expressam o interesse em contar suas histórias, e através de um trabalho muito delicado e atento, registra essas relações com fotos e um breve relato dessas relações. Hoje o *Documentadas* também oferece atendimento psicológico para mulheres que amam mulheres em sua plataforma.

atividade específica que não fosse necessariamente uma festa, ou algo noturno. Ele foi criado porque havia um interesse em manter esse canal aberto para marcação de piqueniques, manutenção desses vínculos e criação de novas conexões.

Ao contrário do *Grupo de Niterói*, eu estava no *Grupo dos Piqueniques* desde o princípio, e frequentava eventos promovidos e divulgados pelo Documentadas antes da existência desse grupo do WhatsApp, a exemplo da “Aula de Defesa Pessoal Para Mulheres”, um dos lócus de participação e observação dessa pesquisa. A aula de defesa pessoal foi anunciada na página do Instagram do Documentadas e *chamava para a aula todas as mulheres que quisessem aprender sobre defesa pessoal*. Enquanto o encontro para o piquenique foi comemorativo de 2 anos de existência do projeto do Documentadas foi uma reunião, que não foi tão divulgada publicamente, mas que visava reunir as mulheres que passaram ou participam do projeto num piquenique para celebrar e trocar experiências.

Considero importante colocar que hoje faço parte do time de psicólogas e psicanalistas do Documentadas, uma iniciativa que visa oferecer atendimento psicoterapêutico a valores mais acessíveis do que o piso do Conselho Federal de Psicologia sugere, *para mulheres que amam mulheres*⁶. O convite para participar como psicóloga realizando atendimento social pelo projeto veio para mim e para minha namorada Júlia, também psicóloga, já que quando participamos da nossa sessão de fotos como um “casal” no projeto de registro de amor entre mulheres através da fotografia do Documentadas expressamos a nossa vontade de participar de alguma forma do projeto, mesmo que de modo mais esporádica, o que fez com que quando a ideia do atendimento psicológico nasceu fossemos convidadas a participar. E estando mais dentro desse contexto de cuidado do atendimento psicológico, também fico mais próxima de outras mulheres lésbicas e bissexuais que frequentam e divulgam os eventos voltados para esse público.

Como trazido na página do próprio projeto sobre o motivo de ofertar atendimento a valores sociais para *mulheres que amam mulheres*, e que reverbera a experiência de muitas mulheres sáficas, existe uma dificuldade para pessoas LGBTQ+ no geral de encontrarem atendimento adequado para falar de suas questões com relação a saúde mental, o que acaba sendo reproduzido também nos atendimentos às mulheres que se relacionam com mulheres. Muitas dessas mulheres, que tive a

⁶ Essa expressão é utilizada pelos meios de comunicação do Documentadas, como a página do Instagram e o site.

oportunidade de atender, traziam a lesbofobia em atendimentos psicoterapêuticos anteriores como uma dificuldade para o que tratamento se desenrolasse, e relataram que ser atendida por uma mulher que tivesse esse contato com o mundo sáfico era uma barreira a menos para transpor para realizarem o atendimento.

Ao longo do período da pesquisa frequentei os dois grupos, presencial e virtualmente, observando e fazendo um diário de campo com as minhas percepções, acontecimentos e coisas que julgava interessantes, assim como ia conhecendo e criando relações mais estreitas com as pessoas dos grupos. Em nossas reuniões de orientação a figura do mapa continuava voltando quando eu começava a falar sobre coisas do campo e acabei por fazer um mapa geral⁷ dos lugares por onde eu percorri cartografando.

Esse mapa foi exposto na minha qualificação e me foi sinalizado que o meu circuito de participação e observação era um “circuito zona sul” (mesmo quando incluía lugares mais centrais da cidade fora de localidades descritas como “Zona Sul”), região da cidade do Rio de Janeiro que se caracteriza por ser de classe média e alta e contar com uma ampla oferta de serviços públicos – transporte, cultura, saneamento básico, educação, saúde, esporte, lazer - e que eu deveria assumir e explicitar essa escolha, bem como, o perfil das minhas interlocutoras, em sua maioria mulheres lésbicas, brancas e de classe média. Essa sinalização me causou um certo desconforto de início. Afinal, o que significava estar acompanhando um circuito zona sul? Entre outras dimensões que a análise do campo mostrará, significava assumir não somente marcas de classe, gênero, geração e cor/raça das interlocutoras do meu campo, mas também de pensar as características dos lugares frequentados por estas pessoas no centro ou na Zona Sul do Rio de Janeiro ou Niterói, a exemplo dos eventos realizados pelo Boleia Produções, organizador da festa Lambe Lambe.

Nesse momento, fiquei preocupada sobre a questão da representatividade, pois percebi que seria completamente impossível querer fazer um trabalho que fosse representativo de “todas as mulheres lésbicas”, afinal, nós não somos um todo monolítico, cristalizado no tempo e no espaço. Temos corpos, materialidades, habitamos lugares e papéis muito diferentes na cidade de acordo com nossa cor/raça, classe social, se somos cis ou trans, de acordo com nossos interesses pessoais, entre outros aspectos. Assim, fiz uma aposta de que mesmo através desse recorte existiam

⁷ Esse mapa virou um mapa “físico” e ele pode ser encontrado no capítulo 2, mais especificamente no item 2.2

experiências e narrativas compartilhadas por esse grupo, e que esses encontros e mapas valiam muito justo pelos seus “saberes localizados” (Haraway, 2009).

Desse modo, após minhas diversas saídas e incursões no campo, fui entendendo que os lugares de convergência dessas mulheres, desses grupos eram através das pessoas chave que queriam e se empenhavam para que esses rolês acontecessem e que os grupos de mulheres vinculados aos rolês continuassem existindo. Assim, elegemos perfis de mulheres, possíveis entrevistadas, como aquelas que organizavam as festas, eventos, piqueniques e administravam os grupos de Whatsapp.

Chegamos então em alguns nomes de mulheres que se encaixavam nesse perfil: Fernanda, pelo seu trabalho no Documentadas com os registros e outras atividades que envolviam reunir grupos de mulheres. Carol, que criou e movimentava o grupo de encontros de piqueniques no Aterro do Flamengo através das mulheres que vieram do Documentadas, mantendo de alguma forma o vínculo do Grupo dos Piqueniques. E, por último, Katurrita, que é administradora do Grupo de Niterói e que também tenta manter o grupo sempre ativo, por exemplo, checando junto a outras mulheres as pessoas que querem participar do grupo.

Aqui acho importante dizer que apesar de ter escolhido deixar o nome dos lugares que frequentei ao longo dessa cartografia, nem todos os nomes das minhas parceiras de rolês e interlocutoras das entrevistas foi mantido. O nome das mulheres que estavam comigo ao longo das observações participantes foram trocados por outros nomes para preservar seu anonimato nas situações. Com relação às entrevistas, esse ponto foi um pouco mais complexo de se decidir, porque duas das três mulheres entrevistadas demonstraram interesse em manter seus nomes e suas identidades. Como ao longo das entrevistas optei por privilegiar um tipo de interação mais orgânica, sem um escrutínio mais acirrado sobre a questão da identidade, e achei que seria cuidadoso buscá-las novamente mais tarde para perguntar da vontade de se identificar ou não no trabalho. Nesse momento tive a confirmação de Carol e Fernanda achavam essa identificação muito importante, enquanto minha terceira interlocutora, que identificarei como Katurrita, nome que ela mesmo escolheu, preferiu não se identificar. Como trouxe anteriormente. O trabalho de certa forma aqui se dobra sobre ele mesmo, com relação a questão dos regimes de visibilidade/invisibilidade e o quanto ter um olhar mais atento a essa questão, que me parece fundamental para o funcionamento do próprio texto, foi importante com relação às entrevistas.

Nesse processo de eleição de perfis específicos, recebi a negativa de duas mulheres responsáveis pelos principais eventos, festas e bares que compõem essa cartografia. Tentei um primeiro contato informal pelo Instagram, seguido do envio de mais informações sobre a pesquisa, mas não obtive nenhum retorno em ambos os casos. Elas não estariam interessadas ou não se viam como pessoas que fomentavam os rolês lésbicos e os encontros de mulheres sapatão? Fiquei com essa questão, me perguntando o motivo de elas não quererem participar, quando todas as outras mulheres que convidei se mostraram tão interessadas na proposta do estudo. Vale dizer que as mulheres entrevistadas se encaixavam na categoria que criamos dentro desse campo de serem “pessoas que fazem o rolê acontecer” e nos pareceu fazer muito sentido entender qual era o interesse delas em construir esses espaços de sociabilidade.

Trarei aqui uma breve descrição do panorama inicial de como foi esse momento de início das entrevistas para mais a frente no texto trazer um panorama mais detalhado delas. Depois de algumas mensagens trocadas pelo Instagram e WhatsApp em que expliquei como se daria a dinâmica dos encontros, fomos aos poucos marcando as entrevistas. Quis deixar claro desde o convite o quanto seria importante que esses encontros fossem presenciais, para que tivéssemos acesso ao contato face a face. Também nesse primeiro momento disse que ao realizar os encontros existiria um termo de consentimento (o Termo de Consentimento Livre-Esclarecido) que eu apresentaria presencialmente, e estava disponível para qualquer dúvida ou questão. Fiquei feliz com o retorno das mulheres que toparam a entrevista, e pedi para que escolhessem o lugar em que se sentissem mais confortáveis para realizar a conversa.

Os temas que estavam em meu roteiro de entrevista percorriam desde a pergunta sobre como essas mulheres se entendiam em termo de sua orientação sexual e seu gênero, passando pela sua presença em lugares de sociabilidade tidos como sapatão ou LGBTQ+, e suas percepções sobre se sentirem seguras ou não nesses lugares. Também procurei abordar as questões sobre transitar pelo território e de como essas mulheres acabaram por ocupar o lugar de pessoas que “movimentam e fomentam os rolês sapatão”. O roteiro que utilizei está no Anexo I, porém, seguindo a perspectiva cartográfica em que a entrevista é uma experiência, conforme elas iam falando durante a entrevista perguntas específicas também iam surgindo, fazendo com que cada entrevista fosse diferente das demais.

Carol, primeira entrevistada, disse que prepararia um lanche para me receber em sua casa, lugar onde escolheu fazer a entrevista. E eu já estava planejando algo desse tipo, que envolvesse comida e ficasse confortável para a conversa. Achei que talvez essa estrutura facilitaria o clima de uma escuta mais atenta e cuidadosa que eu queria que existisse ao longo do processo. Então, nas outras duas entrevistas, eu decidi levar um lanchinho, mesmo que não soubesse o que me aguardava. Fernanda também escolheu fazer em sua casa, e ficou feliz ao ver que eu também tinha levado coisas para lancharmos enquanto conversávamos. O cenário de ambas as entrevistas foi parecido e favorecia um certo esgarçamento do tempo: gatinhos, comida, casa, relaxamento e calor.

Na terceira entrevista, com Katurrita, as coisas estavam um pouco mais incertas, tivemos que remarcar por conta de contratempos a primeira tentativa do encontro, ela não queria fazer em casa, então ofereci a minha para que fosse possível criar aquela atmosfera de acolhimento de alguma forma. Pouco antes do horário combinado ela perguntou se podíamos fazer a entrevista em algum lugar da área externa do apartamento da namorada dela, e eu disse que sim. O clima foi um pouco diferente, parecia mais escondido, não sabia direito o que falar para o porteiro para poder entrar no prédio. Acabamos indo para uma sala de jogos que não tinha ninguém, e dessa vez eu demorei um pouco mais a relaxar, percebi que a mudança de ambiente também gerou mudança na tensão dos nossos corpos, mas mesmo assim puxei o lanchinho que eu havia levado e isso conseguiu de certa forma suavizar essa tensão, que parecia maior do que senti das outras duas vezes, quando ela pareceu também estar um pouco mais relaxada pudemos fazer nossa entrevista. A seguir trarei um quadro com algumas características das minhas interlocutoras das entrevistas para facilitar a compreensão sobre a qual dessas mulheres estou me referindo, e no próximo tópico falarei um pouco sobre a minha implicação em pesquisar com essas mulheres:

QUADRO 1- TABELA DE ENTREVISTAS

	Fernanda	Carol	Katurrita
Idade	27 anos	40 anos	39 anos
Cor/Raça	Branca	Preta	Parda

Profissão	Fotógrafa	Costumer Service	Assistente Social
Quis se identificar?	Sim	Sim	Não
Como se identifica?	Lésbica	Sapatão	Lésbica

1.3 A implicação no pesquisar e o desafio do familiar

Por que é importante me localizar nesse universo da pesquisa? Bom, como venho falando desde o início desse texto, eu sou o corpo que vai a campo, o corpo que encosta, que sente um conjunto de sensações e as emoções mais diversas. Considerar essas dimensões, além de ser um dos princípios da metodologia feminista, como nos traz de Garay Hernandez (2017), é também levar em consideração o que minhas interlocutoras de pesquisa têm como a primeira impressão sobre mim a partir da minha posição no mundo. Sou uma mulher, cis, lésbica, branca, de classe média e psicóloga, e nesse trecho quero discutir um pouco de como vejo que minha forma de habitar o mundo atravessou a pesquisa, de onde parti para iniciá-la, e como se deram os desafios de estar num campo que reconheço como familiar, mas que eu não estava mais tão próxima, como explicarei mais adiante.

Percebo que ao longo dos encontros com essas mulheres a minha presença mais extrovertida e descontraída quebrava um pouco o gelo de nossas relações recentes, e também pelo fato de não conhecer inteiramente os outros grupos com os quais elas se relacionavam. Elas se mostravam mais tranquilas para falar comigo sobre como se davam as interações entre as pessoas nos grupos, quem elas queriam que eu conhecesse, algumas coisas que haviam acontecido antes da minha chegada. A princípio eu não propunha nada, só seguia o fluxo natural das marcações de saídas dos grupos. E vejo hoje que só foi possível seguir uma organicidade maior na construção dessas relações porque comecei minhas explorações de campo relativamente cedo, fui entendendo que as coisas levariam o tempo que fosse necessário para acontecer já que eu estava interessada no ordinário e no

extraordinário do cotidiano. Ia conhecendo pequenas partes das histórias e depois tentava montar uma composição maior que ultrapassasse as singularidades.

De início, ir encontrar mulheres que eu não conhecia nos bares, piqueniques e festas me causava um certo desconforto, o fato de serem mulheres interessadas em se relacionar com outras mulheres, ajudava um pouco porque eu não esperava que elas fossem ser hostis e que tivéssemos uma coisa ou outra em comum, mesmo assim eram pessoas com quem eu não tinha tanta intimidade. O curioso disso é que essas mulheres pareciam felizes com a minha chegada, uma quase completa “estranha”. Em sua maioria eram muito receptivas e bem-humoradas. Não sentia um clima estranho, mesmo no início dos nossos contatos. Até mesmo quando eu falava que estava pesquisando os “rolês de sapatão” como aqueles em que estávamos indo, elas pareciam muito interessadas e com vontade de falar. Atribuo essas coisas todas ao que me pareceu uma genuína vontade, por parte da maioria das integrantes dos grupos, de formar e manter um grupo de mulheres sáficas que fosse um lugar de convivência minimamente agradável e receptivo a todas, e também por termos um recorte de vivência homoafetiva e de classe social parecido.

Mesmo assim, “coisas” que apareciam nas conversas me surpreendiam, porque talvez eu esperasse que o processo de entendimento da “experiência lésbica” por parte das mulheres que se apresentavam como *lésbicas* nesses espaços fosse mais parecido com o meu. Achava que o mofo, que discuti anteriormente, traria uma forma similar na constituição das nossas trajetórias sexuais e afetivas, e isso foi se quebrando logo de início. Em um dos encontros, algumas mulheres, ao longo das nossas conversas, colocaram que foram casadas com homens por muitos anos, uma por seis anos e a outra por treze anos. E não eram só elas duas, era um fato recorrente, principalmente entre as mulheres um pouco mais velhas, com mais de trinta anos. Essas mulheres pareciam ter sido submetidas a heterossexualidade compulsória de uma forma diferente que a minha geração e das mulheres mais jovens dos grupos. E estar se relacionando com homens parecia ser um “incômodo” que veio depois de muito tempo de vivência da afetividade e da sexualidade, até porque, essa parecia ser “a única alternativa possível”.

O que para mim se deu como um incômodo inicial, em me relacionar com homens depois que entendi que podia me relacionar com mulheres, chegou a aparecer como a única alternativa para Carol, que hoje em dia tem 40 anos. Ela relata que na época em que era mais jovem sua performance, mais alinhada com os padrões

de feminilidade socialmente aceitos, fazia com que ela não fosse vista pelas outras mulheres como uma possibilidade, e achasse *mais fácil nesse momento transar com homens*. Depois de um tempo, isso parou de fazer sentido e ela decidiu se relacionar exclusivamente com mulheres. Mas, diferentemente de mim e das outras mulheres que não gostaram e não atribuíam coisas boas a esses relacionamentos anteriores com homens por serem muitas vezes de forma imposta, Carol não sentia isso, e via suas experiências com homens nessa época como positivas.

Essa conversa me fez rever a minha perspectiva inicial de que a experiência de ser lésbica para essas mulheres não passaria por exemplo por uma “facilidade em ter relações com homens” uma questão que, pela minha familiaridade com o universo lésbico e muitas histórias de descoberta de mulheres sobre seus desejos através dessa aversão aos seus relacionamentos com homens, me mobilizou um pouco. Fui percebendo que me interessavam mais as experiências traçadas em um plano em comum, socialmente construídas e compartilhadas entre nós (KASTRUP; PASSOS, 2013), do que uma suposta cristalização identitária do que “é ser lésbica”, e me prender somente aos meus conhecimentos prévios me traria mais armadilhas como essa suposição que trouxe anteriormente.

Eu também tinha o receio de que, ao falar que estava pesquisando sobre mulheres lésbicas, essas mulheres que estavam nos rolês comigo se sentiriam talvez invadidas, ou com vontade de esconder coisas de mim, o que pode ter de fato ocorrido. Mas o que demonstraram para mim foi o oposto, muitas ficaram animadas com o fato de eu estar pesquisando “sobre nós” e acharam o tema legal, até mesmo as que eu convidei para as entrevistas demonstraram grande vontade de se identificar e dizer seus nomes. Principalmente, as que estavam mais inteiradas com a militância e com os estudos de gênero e sexualidade, tinham a mesma preocupação que eu ao iniciar essa pesquisa, de que a nossa história fosse contada e lembrada. Esses fatores me fizeram pensar em algumas coisas. Primeiro, no caráter político de minha pesquisa, que aparentemente elas enxergaram também de uma forma próxima à minha. Segundo, em como é complexo pesquisar com tanta familiaridade com relação ao universo dos sujeitos de pesquisa. Por último, que se tantas mulheres nesse campo se interessavam por contar suas histórias, então alguma coisa importante tinha aí.

É desse lugar repleto de misturas e afetações, de uma pesquisadora-psicóloga-sapatão que estive em campo, por vezes me sentindo em unidade com essas mulheres e, por vezes, me sentindo tensionada por elas. Quando conversávamos

sobre temas comuns à lesbianidade, da dificuldade com a família, da exigência de “escolher uma performance” seja ela mais ligada socialmente à masculinidade ou à feminilidade e ser cobrada de não transitar entre esses dois polos, dentre outras coisas, percebi que eram temas “pacíficos” (por não gerarem muita discordância de opiniões acerca deles), mesmo que causassem memórias, incômodos e dores. Mas quando falávamos sobre temas como o racismo estrutural, de porquê mulheres brancas, mais jovens, mais magras, cisgênero, mais “femininas” têm mais aceitação do que as outras mulheres lésbicas, eu ficava mais tensionada, estando em meio a mulheres negras que sofriam diretamente desse racismo enquanto eu não passo por isso. Afinal, estudar e ouvir as pessoas sobre uma determinada experiência, não me tira do lugar de privilégio de ser uma pessoa branca e cisgênera, e mesmo que estivéssemos ali tentando estabelecer um lugar para diálogo e encontro, nós éramos diferentes também.

Refletindo agora para a escrita me surpreende que eu esperasse, em algum lugar em mim, que não fossem surgir tensões no campo. Hoje eu vejo que a forma como endereçamos essas tensões como grupo é mais interessante para mexermos nessas instituições de poder, do que o desejo apenas pelo lugar comum. Como nos trazem Coimbra e Nascimento:

Dessa maneira, ao tomar a análise de implicações como um dispositivo para problematizar as práticas de qualquer profissional, estamos querendo afirmar o caráter político de toda e qualquer intervenção. Ao colocarmos em xeque os lugares instituídos de saber/poder que ocupamos em muitos momentos de forma natural e ahistórica estamos afirmando nossa implicação política, dentre tantas outras implicações que nos atravessam. (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008, p.146)

Tentei então encontrar essas mulheres em algum lugar que compartilhássemos, para que fosse possível fazer o que nos interessava, de alguma forma contar a nossa história, essa história desse círculo e circuito de grupos de mulheres lésbicas não somente através das nossas dores, mas procurando também encontrar nossas potências. Como Hannah Gadsby fala em seu filme/espetáculo *Nanette*, obra que compôs sobre sua história de se entender como uma mulher lésbica:

[s]ó queria que minha história fosse ouvida, sentida e compreendida por indivíduos com pensamentos próprios. [...] Só não tenho mais forças para cuidar da minha história, não quero que minha história seja definida pela raiva. Só posso pedir que por favor me ajudem a cuidar da minha história. [...]

Você sabe por que temos os girassóis [de van Gogh]? Não era porque van Gogh sofreu, é porque Vincent van Gogh tinha um irmão que o amava. Durante toda a sua dor, ele tinha alguém que o ligava ao mundo, e esse é o foco da história que precisamos, conexão. (GADBSY, 2018)

Curiosamente, enxergo que minha presença como pesquisadora gerava menos interesse do que pelo fato de ser psicóloga, e acho que isso diz um pouco de um lugar de prestígio que atualmente se atribui à psicologia, uma profissão que gera também interesse, curiosidade, e que pode ser considerada um tanto misteriosa. E como também sou psicóloga do projeto “Documentadas”, com atendimentos por um valor social, mais baixo com relação ao mercado, *para mulheres que amam mulheres*, esse papel que exerço parece gerar certo interesse por mim. Assim como o fato de eu ter uma namorada que também é psicóloga e que participa do projeto e que vai em alguns dos rolês comigo, compondo o meu campo, meus olhares e percepções. São muitos atravessamentos, levando em consideração o interesse sexual/afetivo que eventualmente alguma mulher no campo expresse por mim, o que acaba por acontecer mais nos ambientes das festas do que dos piqueniques, por exemplo, onde a maioria das mulheres conhece e também tem uma relação com minha namorada.

Apareceram então questões complexas e, às vezes, bastante complicadas de gerir: como me debruçaria sobre as minhas próprias redes relacionais de uma forma que fosse tanto implicada com minha pesquisa quanto ética com relação às minhas companheiras de rolê? Não vejo esses questionamentos como um impeditivo de forma alguma para essa pesquisa e sim mais um fator a colocar em análise, por exemplo, inspirada em Gilberto Velho (2003), que me dá pistas de que essa jornada é possível, mesmo que exija mais cuidado:

Deriva daí a importância do estudo de projetos individuais e coletivos nos quais as possíveis contradições e ambiguidades, provindas dos multipertencimentos, apresentam-se, pelo menos em parte, subordinadas a uma ação racional. Ao mesmo tempo, é esse multipertencimento que permite ao antropólogo pesquisar sua própria sociedade e, dentro dela, situações com as quais ele tem algum tipo de envolvimento e das quais participa. (VELHO, 2003, p.18)

Cheguei então à conclusão de que essas tensões não deixarão de existir nesse espaço relacional, o “entre” formado pelo campo em mim. E fui a partir disso ficando atenta a esse “multipertencimento”, buscando não cristalizar entendimentos e conhecimentos prévios sobre o campo, que me permitiam de certa forma também ser entendida como uma mulher pertencente àquele espaço, que tinha a possibilidade de compartilhar signos e símbolos com aquelas outras mulheres. Ao mesmo tempo em

que procurei também não me “desmanchar” por completo nos espaços em que eu estive pesquisando e sendo guiada pelos afetos que me conduziam através dessas intensidades, conto um pouco de como foi esse percurso a seguir.

1.4 Um percurso: da idealização ao cansaço

Ao longo de todo o período do mestrado foi claro para mim que eu teria que estar na rua para entrar em contato com o que eu tinha a intenção de pesquisar. Eu fui encontrando os rolês e decidi frequentar alguns, entrar nos grupos, falar e manter contato com as pessoas. Ao longo desse período fui construindo uma linha, um mapa de por onde eu ia percorrendo, por onde ia passando. Que tipos de encontros eu tive ali? É sobre esse percurso que quero falar agora um pouco mais a fundo.

Vamos começar pelo início. Depois de alguns anos me entendendo como sapatão, eu tive algumas oportunidades de me aproximar de grupos de mulheres lésbicas ou bissexuais, mulheres que se interessavam em se relacionar afetiva-sexualmente com outras mulheres, digamos. Mas essas experiências não foram muito bem-sucedidas, eu acabava sentindo que sempre tinha muita competição nesses grupos, por diversos motivos. Se eu fosse descrever alguns deles seriam uma certa disputa mais exacerbada para ficar com as pessoas do grupo, um “rebuceteio”⁸ mais intenso e sem muito cuidado com as outras pessoas, talvez também pelo fato de eu conhecer pouco aquelas mulheres e, normalmente, não dar tempo de aprofundar a relação antes de acontecer alguma questão entre nós.

De qualquer forma, não era esse o tipo de ambiente que despertava o meu interesse em permanecer ali. Hoje atribuo a essas minhas tentativas frustradas à minha imaturidade e insegurança na época dos meus 19-20 anos, coisa que vejo que podia se estender a muitas dessas mulheres que, por uma dimensão geracional, entre outros possíveis aspectos, tinham o ímpeto de querer estar em um espaço coletivo de mulheres, mas não pensavam em como seria possível construir um espaço mais acolhedor e seguro, mais cuidadoso, com um certo nível de desconstrução maior da cis-hetero-normatividade.

⁸ Rebuceteio é uma expressão comum no meio de mulheres lésbicas, bissexuais ou pansexuais que, ao fazer referência a uma circularidade/repetição de bucetas, aponta para um grupo de mulheres que se relacionam ou já se relacionaram afetiva/sexualmente umas com as outras.

Essas tentativas frustradas me deixaram, de certa forma, receosa com estar novamente buscando compor espaços coletivos, principalmente de mulheres sáficas. Primeiro, pela minha idealização de que esses coletivos possam ser espaços de resistência e de construção de vida potentes, e também, pelo meu medo de encontrar justamente o contrário, e de estar eu mesma inserida e construindo um ambiente de pouca sororidade, pouco cuidado e de repetição de padrões normativos.

Neste sentido, o tema que escolhi para o mestrado, e que, conseqüentemente, me fez me aproximar mais dos roles lésbicos, conversa diretamente com esse receio e com essa vontade de construção e afirmação desses espaços. Espaços esses que entendo estarem sempre em disputa, uma fricção de visões de mundo, valores, emoções e significados que eu percebi que não precisaria, e que nem poderia eliminar.

Quando comecei a ir a campo observar e participar dos eventos, me sentia em uma aventura, uma jornada, habitando os rolês sapatão novamente. O que seria possível de encontrar nesses espaços de socialização lésbicos? Percebo que meu mapa de trânsitos não tem início e fim, ele é tão volátil e móvel quanto minhas andanças. Contudo, eu comecei por alguns lugares e fios que desenrolo aqui.

Iniciei minhas investigações com muita empolgação em Niterói, cidade onde moro, em julho de 2022 no Armazém 7, como citado anteriormente um bar que se diz LGBTQ+ em Niterói. E ao revisitar os meus diários de campo, nesse momento ainda exploratório, vejo o meu encanto por vários motivos. Estava com um grupo que não tinha familiaridade e mesmo assim as situações não eram desconfortáveis, pois elas tentavam criar um ambiente agradável para mim também. Eu ainda não pertencia a aquele lugar, mesmo assim elas estavam me acolhendo de alguma forma.

Segui nessa jornada me aventurando para mais longe, para lugares na cidade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que ia (re)conhecendo aos poucos as mulheres de Niterói que também iam para os eventos da Lambe, e ia estreitando laços com as mulheres que tinham alguma conexão com o projeto Documentadas, através tanto do grupo de apoio psicológico que participo, quanto através dos eventos presenciais ligados ao Documentadas, as mulheres do Grupo de Piqueniques.

Como disse anteriormente enquanto o grupo de Niterói já estava consolidado e minha integração se deu posteriormente, o grupo dos piqueniques foi se construindo e mudando já com a minha presença, primeiro, após a aula de defesa pessoal, na qual houve a tentativa de marcar um churrasco com as mulheres participantes, e,

depois, após o segundo piquenique, com o intuito de marcar outros encontros o grupo recebeu uma nova leva de participantes. Portanto, o grupo dos piqueniques se iniciou praticamente só com casais, que participaram do projeto, e com os piqueniques, e a divulgação dos mesmos, diversas outras mulheres foram compondo o grupo.

Vejo que esses momentos de encontro e conexão foram se dando de forma orgânica, eu conhecia as pessoas e a partir delas conhecia ou integrava os grupos. Ou seja, os encontros formavam grupos, e os rolês iam se formando a partir dos grupos. Refletindo agora, vejo um trabalho artesanal de construção desses espaços, com algumas regras visíveis e outras não tão visíveis e que foram aparecendo no processo de comunicação e interação dos grupos. Trago a seguir uma cena do meu diário de campo que me parece exemplificar essas questões acima.

Me lembro que pouco menos de um mês antes do piquenique, quando muitas pessoas estavam entrando no grupo (hoje são 43 participantes), uma das meninas mandou fotos dela se apresentando no grupo, as fotos davam a entender que ela estava interessada em dar uma flertadinha no grupo. Essa menina foi respondida por outra menina que também havia entrado a pouco tempo que igualmente mandou fotos para se apresentar no grupo. No início, esse grupo que veio do Documentadas praticamente só tinha casais e isso mudou depois da entrada de tanta gente. [A administradora] então as responde com algumas mensagens: “Calma jovens, aqui não é bate-papo UOL.⁹ Vamos focar no Pic Nic. Apresentação deixa pro pessoalmente, combinado?” Fiquei pensando o que incomodou tanto a administradora nas fotos, será que seria esse clima de flerte? Ou ela achava que não era esse tipo de interação que se deveria ter num grupo? Eu não sei. Mas algum tempo depois, ainda antes do piquenique, uma dessas meninas que mandou as fotos, mandou a seguinte mensagem: “Bom dia meninas, desculpe o avançar da hora. Vim só pra dar uma satisfação de que não estarei no picnic. Fui chamada por uma componente do grupo, mas nós acabamos nos afastando, e por conta disso, eu opto por não estar no evento deste dia. Espero que vocês se divirtam bastante”. Um emoji de beijinho com coração e saiu do grupo. Nenhuma resposta a essa mensagem. No dia seguinte os assuntos correram normalmente (Trecho do diário de campo de 21/08/03).

Depois desse acontecimento, fui dar uma olhada nas diretrizes do grupo de Niterói e adjacências e lembrei uma das regras fixadas *não mande nudes*. Me lembrei que para entrar nesse grupo existia também um processo, algo como uma “confirmação de pertencimento”, que depois de entrevistar Katurrita, o motivo para essa “avaliação” na entrada apareceu com mais clareza. Elas não queriam que

⁹ O bate papo da uol é um chat que nasceu em meados dos anos 90 e servia para que as pessoas entrassem para conversar e conhecer outras pessoas de diversos lugares do Brasil. Geralmente entravam em salas de interesses em comum e algumas pessoas utilizavam como uma espécie de rede social de para conhecer pessoas para flertar. Hoje em dia o bate papo da uol ainda existe, mas é muito menos utilizado do que na época de seu lançamento. Como exemplo dessas informações essa notícia: <https://temas.folha.uol.com.br/20-anos-da-internet/era-social/os-casais-que-so-existem-por-causa-da-rede.shtml>. Acesso em 03 jan 2024.

peessoas se passando por outras, ou homens, entrassem no grupo sem serem percebidos. Essa etapa era importante para as administradoras para que houvesse um certo nível de segurança no grupo. Antes de entrar, você deveria conversar com uma das administradoras para trocar sobre essas informações. No meu caso, essa conversa foi praticamente feita ao vivo, na ocasião do aniversário da minha amiga Aurora, que comento com mais detalhes posteriormente no texto. Nessa ocasião eu não sabia ainda da existência do grupo, e conheci uma boa parte das integrantes mais ativas, o que fez com que quando eu de fato fui colocada no grupo fosse me pedido apenas para ler as regras de convivência.

Me parece que a tentativa de garantir um tipo de grupo em que as interações não fossem apenas com o intuito sexual, revela uma preocupação de que as coisas como abrir o grupo e ter um nude inesperado, por exemplo sejam bloqueadas, evitando por tabela eventuais desconfortos com relação ao grupo, e se priorizem as relações de amizade e redes de outros tipos que não passem pelo sexo. Ao mesmo tempo, me parece mostrar uma descrença na possibilidade de criar redes através também, de interações sexuais e de flerte, ponto de vista ao qual não compartilho completamente. Existiram muitos momentos nos dois grupos, tanto de Niterói quanto dos piqueniques, em que as mulheres se envolveram afetiva-sexualmente, ou seja, “ficaram” com as parceiras de rolê e isso não necessariamente teve impacto negativo nos grupos, em certos casos operando o sentido contrário, a vontade de ir para um encontro com uma possível parceria afetivo-sexual fazia com que as pessoas se animassem mais a comparecer.

Voltando aos rolês, fui interagindo cada vez mais com essas mulheres dos dois grupos. No grupo dos piqueniques as atividades giravam mais em torno de das marcações dos encontros para os piqueniques, todos no Aterro do Flamengo¹⁰, uma escolha de local que passava pelo entendimento de que o Aterro era um lugar de mais fácil acesso, um ponto de encontro possível entre quem vinha de Niterói e do Rio, além de abrir a possibilidade da prática de atividades físicas variadas ao longo dos piqueniques. Com o Grupo de Niterói, os encontros se davam mais durante a noite e as temáticas mudavam um pouco, encontros no bar, idas à festa Lambe Lambe e encontros na casa de alguma integrante do grupo. Foi acompanhando pouco mais de

¹⁰ O Aterro do Flamengo é uma área bem grande, como um grande parque, aonde as pessoas vão para realizar diversas atividades esportivas, de lazer, entrar no mar, dentre outras. Disponível em: https://riotur.rio/que_fazer/atividades-no-aterro-do-flamengo/. Acesso em: 30 abr. 2023.

um ano desses encontros em campo que considere que precisava encerrá-lo, coisa que aconteceu após as entrevistas, mesmo que eu continuasse indo aos roles e estando com essas mulheres.

Decidi que o momento de encerrar tinha chegado por entender que essas mulheres tinham acabado por virar parte da minha vida pessoal, da minha rotina e das minhas conversas cotidianas, meus laços de amizade com algumas pessoas mais próximas haviam se estreitado, e principalmente após as entrevistas considere que precisava maturar algumas questões sobre o meu circuito no campo. Hoje percebo que a intensidade com a qual essas relações se construíram, dado meu mergulho nesses dois grupos, além de me colocarem em contato com pessoas e perspectivas de mundo muito potentes, também exigiram um investimento de tempo, emocional e financeiro. Acho significativo trazer o quanto o campo ao longo desse período também me cansou.

Importante também dizer que durante todo o período do mestrado eu tive um ritmo de trabalho na clínica muito intenso, tanto para a minha própria sobrevivência, quanto para arcar com os custos das atividades da pesquisa, já que não fui agraciada por nenhuma bolsa de estudo. Eu percebi que se quisesse estar nos espaços como as festas, os bares, até mesmo poder voltar em segurança de *Uber* numa madrugada, ou conseguir me locomover de Niterói até o Rio eu teria que ter dinheiro. Então eu fui equilibrando os meus esforços com relação ao meu trabalho para conseguir ter uma certa presença nesses ambientes dos rolês. Eu sabia que em como muitos outros tipos de relação a vontade de estar junto e o esforço para que aquilo acontecesse seriam uma aposta para estar naqueles espaços ou ajudar a mantê-los e construí-los.

Enxergo também uma beleza nesse meu momento no campo, não só por mim, mas pelas outras mulheres também, que me faz lembrar de um trecho do meu diário de campo sobre esse sentimento, essa coisa que não sei bem como explicar, da nossa vontade e do nosso esforço em nos encontrarmos só para estar na companhia de outras mulheres sáficas:

Era agosto de 2022, e o Documentadas estava propondo uma aula de defesa pessoal para mulheres, como “comemoração do mês do orgulho lésbico”. Fernanda organizou o encontro em uma academia de luta em Copacabana e chamou Alice, professora de Judô para dar a aula para mulherada. Alguma coisa nesse “chamado” fez com que mais de dez mulheres acordassem cedo num domingo para fazer uma aula de defesa pessoal, sendo eu e minha namorada duas dessas pessoas, que inclusive foram de Niterói para o Rio. “Essa coisa” que fez com que todas nós fôssemos para essa aula me lembra de uma outra iniciativa de uma página lésbica no Instagram, também devido às

comemorações do mês da visibilidade lésbica de 2022. Essa iniciativa se chamou “1ª Chamada Para Troca Postal Lésbica” e tinha como objetivo promover a troca de cartas entre mulheres lésbicas que se inscrevessem. Em 2022, pensei alto, propor a escrita de cartas físicas, em que você escreve a mão e vai ao correio enviar sua cartinha para outra mulher lésbica ler e ser lida? Essa troca de cartas me deixou tão intrigada sobre o que poderia sair dali que resolvi me inscrever, e depois de um tempo as organizadoras nos mandaram um e-mail de confirmação dizendo que, incrivelmente, mais de 300 mulheres de todo o Brasil, haviam se inscrito. (Trecho do diário de campo de 28/08/22)



Figura 1 Registro das cartas trocadas, que me acompanharam na minha mudança, de uma casa para outra.

Alguma coisa em mim reconhece uma relação entre acordar cedo num final de semana para ir fazer uma aula de defesa pessoal, trocar cartas ao longo de anos com mulheres que não se tem relação previa alguma, ir para um lugar para não necessariamente ficar ou transar com alguma mulher (mesmo que isso seja possível). Toda essa movimentação desde se propor a se inscrever até de fato enviar as cartas, me sugere uma vontade de conexão muito forte, de trocar histórias e fazer algo pulsar entre essas sáficas, aqui também parece ter um pouco do *burburinho*, que estou entendendo como, a fricção entre a possibilidade de se sentirem minimamente seguras para comparecer fisicamente nas festas, bares, eventos e rolês e a presença virtual dos assuntos e lugares nos grupos, nos posts nas redes sociais, no que é produzido de conteúdo voltado para mulheres sáficas.

Ainda hoje escrevo e recebo cartas de duas mulheres da troca postal lésbica. A sensação de abrir a caixa de correio e ter uma carta dessas mulheres me contando

um recorte da existência delas, e me perguntando sobre a minha, me coloca fora do tempo, me dá frio na barriga assim como foi estar na aula de defesa pessoal. Tem um imprevisível nessas ações, um efeito surpresa, um lugar compartilhado para um público específico, um recôncavo de amparo, fortalecimento e acolhimento que não é aberto a “qualquer pessoa”.

Coisas que só *sapatão topa fazer*, ou mulheres interessadas em outras mulheres topam fazer, mas por qual motivo? Me parece que nesses encontros existe uma dimensão erótica muito forte, no sentido que Audre Lorde (2020, p.68) nos traz: “[o] erótico é uma dimensão entre as origens da nossa autoconsciência e o caos dos nossos sentimentos mais intensos.” O erótico, pela sua definição, não se trata apenas de uma dimensão sexual, é uma força de vida, que quando experimentada e compartilhada aumenta a potência, a sensação de completude e a vontade de se manter na existência.

Compartilhar o gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, cria uma ponte entre as pessoas que dele compartilham que pode ser a base para a compreensão de grande parte daquilo que elas não têm em comum, e ameniza a ameaça das suas diferenças. (LORDE, 2020, p.71)

Dimensão também trazida muito fortemente por Carol. Recupero de minhas anotações sobre a entrevista que realizei com ela:

Eu me senti confortável durante essa entrevista, parecia que a Carol queria mesmo falar comigo e quando, depois de muitas histórias sobre relacionamentos e outras coisas, ela falou como foi a sensação de ir num encontro só de mulheres que se relacionavam com outras mulheres foi exatamente a mesma sensação que eu tive “meu olho brilhou, eu precisava daquilo na minha vida”. Ela me contou com outras palavras o que tinha sido para mim também na época, que mesmo não conhecendo muito ninguém ali era relaxado, só ficar de boa conversando, comendo, brincando com as outras, e ela queria que aquilo não desaparecesse. (Trecho de diário de campo 30/06/23)

Por todas essas razões, de experimentar e conseguir celebrar essa intensidade do erótico nesses encontros, que talvez tenha sido tão difícil perceber o meu crescente cansaço em todo esse processo. Foi acontecendo aos poucos um desgaste, um certo esgarçamento na minha experiência, conforme eu ia me aproximando mais das festas, saindo com mais frequência, ficando até 3 ou 5 horas da manhã, me mantendo consumindo bebidas com ou sem álcool nesses lugares, depois arranjando um jeito de voltar para casa em Niterói. Minha empolgação foi passando mesmo que o meu desejo continuasse voltado para comparecer nos encontros. Foi um desencantar paulatino, alguns problemas e atritos foram também aparecendo principalmente com

relação as festas, e sustentar essas saídas tinha um preço nesse momento da minha vida. De precisar descansar para manter meu ritmo de trabalho e os compromissos com a escrita da própria pesquisa.

Fui notando a presença cada vez maior de homens nas festas, tanto gays quanto héteros e o ambiente que a princípio parecia “acolhedor” começou a ficar “esquisito”, pois o protagonismo das mulheres não estava mais tão presente. Os lugares das festas que antes se davam mais em bairros da Zona Sul ou galpões grandes no Centro na área do porto começaram a se direcionar mais para a Lapa, em casas de show que rotineiramente recebiam festas para homens gays, então o público que frequentava as festas gays começou a ir mais em peso. Sobre isso, fiz algumas anotações sobre um evento específico “Lambidinha Open Bar” uma festa em que esse movimento que eu vinha percebendo se tornou um incômodo mais concreto, nesse dia fomos eu, minha namorada e Helena:

Fomos dar uma olhada na festa, tinha bastante homem gay, hétero e mulheres. No meio dançando só os caras gays e uma ou outra menina. Primeiro ficamos do lado direito próximas a um corredor que no final dava nos banheiros. Mas as pessoas não paravam de passar por ali, então decidimos ir pro outro lado da pista. Para um lugar na esquerda, bem na frente do palco que ficava ao fundo, nele tinha uma DJ atrás de uma grande bateria acústica. Senti que as sáficas estavam mais para as beiradas e isso me causou um estranhamento. O clima estava diferente. Talvez a presença de muitos homens dançando no centro do local e dali ser claramente um lugar de festas gays, não sei ao certo, mas parecia que para as sáficas os cantos estavam melhores, principalmente para as que não estavam dançando todas as coreografias de cor. (Trecho do diário de campo 07/07/23)

Parece que esse incômodo não passou apenas por mim:

A DJ mudou e com ela o estilo de algumas músicas também mudou. Era o aniversário dessa segunda DJ e depois de um tempo tocando ela chamou pessoas para dançarem funk no palco. Mesmo que as pessoas que estivessem dançando praticamente deitadas no chão, sarrando no meio da pista, de frente para o palco fossem homens e mulheres, ela chamou apenas as mulheres para subir no palco e dançar. As meninas foram radiantes lá para cima. (Trecho do diário de campo 07/07/23)

Katurrita em sua entrevista também falou de seus incômodos com relação a como essa maior presença de homens nas festas vem causando um impacto para ela. Cito um trecho da nossa conversa que exemplifica essa afirmação:

Eu: “Como é que são esses caras, quando você vai por exemplo no ambiente para mulheres lésbicas e esses caras estão, qual que é a sua reação assim, que que você sente que muda?”

Katurrita: Normalmente eu me afasto deles, porque e eu fico vendo onde está a segurança, porque eles ficam secando as meninas que tão ficando entendeu. Eu fico extremamente desconfortável eles ficam secando as meninas, eles ficam... Eu já vi alguns tentando chegar nas meninas entendeu. E aí eu vejo alguns observando quem tá mais bêbada.

Eu: Nossa, que podre.

Katurrita: Já vi uns na saída, observando quem tá bêbado, quem não tá entendeu. É porque normalmente a gente anda de Bonde, mas às vezes tem uma que sai, uma ou outra que sai de desgarrada, e eles estão ali para aproveitar a oportunidade. Então eu me sinto extremamente insegura. Até mesmo dentro dessas festas.

Eu: Nas primeiras vezes você foi só tinha mulheres mesmo?

Katurrita: Não, eu tava super tranquila [se referindo às primeiras festas praticamente só serem frequentadas por mulheres]

Eu: Eles querem pegar esse espaço né?

Katurrita: É, e eu fico e eu fico me perguntando, até porque o relacionamento lésbico que é muito feiticizado né, pornografia e essas coisas todas. E eu fico meio..., eu não vou me surpreender, tipo assim é deprimente! Mas eu não vou me surpreender se pegar um cara desse batendo punheta entendeu. Porque se eu já vi no meio da rua, então eu não me espantaria, já vi caras, não dentro da festa, mas do lado de fora da festa fazendo isso.

Eu: De alguma festa sapatão?

Katurrita: Uhum

Eu: Que inferno, aaah!

Katurrita: Exatamente, porque viram as meninas trocando afetos na rua, na fila. Porque a Lambe tem isso de deixar a gente na fila horas né. Então as meninas começam a se beijar na fila começam a demonstrar afeto, e o cara do outro lado da rua com uma mochila na frente e com a mão enfiada. Tava fazendo o que? olhando fixamente pra um casal?

Eu: Nossa cara que violento isso né.

Katurrita: É o que a gente passa."

Essa prática comentada por Katurrita apenas reforçou meu incômodo com as festas, ao fazer a entrevista com ela por me fazer perceber que não era apenas uma percepção minha. A prática de liberar cortesias para a entrada "gratuita" na festa até certo horário, mas não conseguir liberar a entrada de fato das pessoas na festa por um longo período de tempo, seja por falta de organização ou qualquer outro motivo, tinha consequências. Tanto com relação ao desconforto da espera de horas do lado de fora sendo suscetíveis a qualquer tipo de intervenção de alguma pessoa que estivesse pelo local. Quanto no eventual pagamento para entrar na festa ou na

fetichização masculina, mesmo em uma festa que seria para o público de mulheres sáficas.

As mulheres do Grupo de Niterói foram aos poucos também chegando a essas percepções, após passarem por diversas experiências próximas a essas, e se desanimando de ir às festas tanto quanto eu. Uma percepção que é de certa forma sutil, que demorou um tempo até que eu pudesse acessá-la para entender, mas conforme fui frequentando mais o ambiente fui aos poucos me desencantando dele. Embora eu não tenha encerrado o campo quando comecei a perceber esse desânimo maior, principalmente com as festas, também notei que a minha relação com o campo estava mudando, e que, pelo tempo que teria na pesquisa ele estava se aproximando de um momento de fechamento, que culminou nas entrevistas e nas últimas idas aos rolês como “campo” em agosto de 2023. Esse momento marcou a finalização dessa etapa maior de aproximação, para uma movimentação de relativo afastamento que possibilitasse as análises necessárias sobre o que foi experimentado, e esse campo e análises serão apresentados nos próximos capítulos.

2. Um mergulho na fantasia heteronormativa através da lesbianidade

2.1. Mapeando teoricamente o campo

No meu trabalho de pesquisa, busco investigar como são tramadas as relações e espaços de encontro a partir de ferramentas conceituais e pistas relacionadas às mulheres lésbicas do meu círculo de contatos e amizades, enredadas em um circuito de sociabilidade específico no eixo espacial Rio-Niterói, buscando compreender nos *rolês de sapatão* a construção de corporeidades que produzissem resistência, transgressão e potência em relação ao sistema heteronormativo. Mas, para entender o que é resistência e transgressão, é necessário perceber quais as normas que se está tentando transgredir, por isso teremos que fazer um mergulho nos estudos da heteronormatividade e sua relação com as mulheres lésbicas.

Para iniciar esse mergulho voltei alguns passos e fui através de levantamento bibliográfico procurar sobre o tema da sociabilidade lésbica, para tentar compreender a expressividade da produção acadêmica sobre esse tema. Recorri a três grandes indexadores de produção acadêmica, a saber, Scielo¹¹, Oasis¹² e o Portal de Periódicos da CAPES¹³, priorizando os documentos que estivessem na língua portuguesa e fossem do período dos últimos dez anos até o momento de iniciar as buscas para a própria pesquisa, entre 2012 e 2022. Fiz esse recorte por levar em consideração o impacto que tais pesquisas poderiam ter em políticas públicas, já que fui buscar em grandes portais científicos e acadêmicos. Considerei também a facilidade do acesso a informação pelo alcance que esses buscadores tem na comunidade acadêmica e o impacto geracional em pessoas com uma idade próxima a minha, já que tenho uma idade próxima a de minhas interlocutoras da pesquisa, que

¹¹ Segundo os dados dessas próprias plataformas em seus sites: “A Scielo é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros”. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5kfFQ4Mf47K4fNCbBhws8ZS/?lang=pt> Acesso em 20 fev. 2023.

¹² ; “O Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr) é uma iniciativa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) que reúne a produção científica e os dados de pesquisa em acesso aberto”. Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/> Acesso em 20 fev. 2023

¹³ “O Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**) é um dos maiores acervos científicos virtuais do País, que reúne e disponibiliza conteúdos produzidos nacionalmente e outros assinados com editoras internacionais a instituições de ensino e pesquisa no Brasil”. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/> Acesso em 20 fev. 2023.

poderiam ter entrado em contato com essas informações ao longo de sua chegada a idade adulta.

Ao procurar sobre o tema que considero mais central da pesquisa, “sociabilidade lésbica”, encontrei 0 resultados na Scielo e na Oasis tive 45 resultados. Quando fui olhar mais a fundo esses resultados, percebi que eles realmente tratavam da temática caíram para 6, enquanto os outros apenas tinham algum tipo de citação da palavra “lésbica” em meio às outras letras da sigla LGBTQ+. Já nos periódicos da CAPES tive o resultado inicial de 13 correspondências com minha busca, tendo 3 deles repetidos dos resultados na Oasis, onde apenas 5 falavam exclusivamente sobre mulheres lésbicas, bissexuais e mulheres que se relacionavam com outras mulheres, os resultados que apontavam realmente para sociabilidade dessas mulheres eram apenas 3.

Procurei então pelo termo “sapatão” e apareceram menos resultados ainda. Em seguida, tentei buscar por termos como experiência, resistência, invisibilidade, todos acompanhados da palavra lésbica nesses mesmos buscadores. Para meu alívio, apareceram mais resultados, porém, muitos repetidos entre eles. Ao refinar mais a busca vendo esses últimos resultados com mais atenção, eles apresentavam o mesmo problema das pesquisas anteriores, as correspondências dentre eles que seriam realmente sobre mulheres lésbicas, bissexuais e que se relacionam com outras mulheres caíam bastante em número. Isso me intrigou e me gerou algumas perguntas: Será que durante os últimos 10 anos as pessoas simplesmente não se interessaram tanto em pesquisar sobre lésbicas? Será que realmente não tem gente pesquisando sobre esse assunto? Se tiverem pessoas que estão produzindo conhecimento, por que não estão nesses grandes indexadores de pesquisa acadêmica?

Muitas questões e praticamente nenhuma resposta, mas pretendo endereçar algumas possibilidades para discussão. Ao pesquisar fora desses buscadores acadêmicos, resolvi buscar de forma mais ampla alguns materiais através do buscador do Google. Encontrei mais resultados direcionados para sociabilidade, escritos principalmente por outras mulheres lésbicas em sites ou plataformas independentes¹⁴, ou mesmo se não feito de forma independente, por não estarem

¹⁴ Quando falo aqui de forma independente quero dizer materiais que chegam majoritariamente a partir das redes de divulgação de outras mulheres lésbicas, como grupos de divulgação de whatsapp ou telegrama, páginas no *instagram* ou sites, muitas vezes sustentados através de financiamento coletivo. Como exemplos de projetos que produzem e divulgam materiais (não necessariamente artigos acadêmicos) trago: Revista Brejeiras. Disponível em: <https://www.instagram.com/revistabrejeiras/>.

aparecendo através desses grandes buscadores acadêmicos, não possuem o mesmo nível de alcance que as publicações que estão neles, e mesmo levando em consideração essa questão do alcance reduzido, tenho percebido que mulheres lésbicas tem feito movimentações significativas¹⁵ para o registro e o debate acerca da experiência e da existência lésbica, que mesmo que não se traduza necessariamente em “artigos” se traduz em conhecimento sobre a comunidade.

Acho necessário então voltar a questão: O que causaria essa falta de visibilidade, ou até mesmo uma falta de interesse, com relação aos trabalhos acadêmicos sobre lésbicas então? Quais seriam as consequências de não se ter uma produção acadêmica expressiva sobre mulheres lésbicas e dessa diferença de importância dada a essa comunidade dentro do próprio movimento LGBTQ+?

Os embates com relação a comunidade LGBTQ+ são extensos, mesmo com a participação de várias letras na sigla. Historicamente, os movimentos ligados ao ‘G’¹⁶ (gay) sempre ganharam mais destaque e visibilidade. A partir da Conferência Nacional GLBT de 2008, ocorreu uma mudança, como nos traz Facchini (2012, p.140) “aprova-se o uso da sigla LGBTQ para a denominação do movimento, o que se justificaria pela necessidade de aumentar a visibilidade do segmento de lésbicas”. Isso gerou uma certa divisão entre as pessoas do movimento, já que para algumas não era necessário a mudança, e para outros grupos ela não seria suficiente para “mudar a realidade da invisibilidade da identidade lésbica”.

Aqui podemos enxergar que mesmo em relações de sexo e gênero consideradas abjetas, homens gays ainda se encontram bastante atrelados a sistemas de construção de sua masculinidade, à supremacia da figura do homem na sociedade e ao interesse em abordar pautas que não abrangem as mulheres, sejam

Acesso em 20 set. 2023.; Casa Resistências- Maré. Disponível em: https://www.instagram.com/resistencialesbica_/. Acesso em 20 set. 2023.; Liga Brasileira de Lésbicas. Disponível em: <https://www.instagram.com/ligabrasileiradelesbicas/>. Acesso em 10 set. 2023.; Arquivo Lésbico Brasileiro Disponível em: <https://www.arquivolesbicobrasileiro.org.br/>. Acesso em 15 set. 2023.

¹⁵ Trago como exemplos de publicações sobre esse universo através de outros meios o Mapeamento sócio-cultural-afetivo das lésbicas e mulheres bissexuais do Complexo da Maré e o posterior levantamento realizado nas favelas de Niterói e São Gonçalo que gerou dois livros Disponíveis em: <https://loja.metanoiaeditora.com/buscar?search=Mapeamento+s%C3%B3cio-cultural-afetivo+das+l%C3%A9sbicas+e+mulheres+bissex&description=true> . Acesso em: 1 dez 2023 E O próprio projeto do Documentadas, citado anteriormente.

¹⁶Sobre a mudança da sigla de GLBT para LGBTQ. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL597188-5606,00-MUDANCA+DE+SIGLA+DE+GLBT+PARA+LGBT+DIVIDE+COMUNIDADE+GAY.html>. Acesso em 15 jan. 2023.

elas lésbicas ou não, o que faz com que esse grupo se veja obrigado a se movimentar e tentar encontrar ou criar lugares de militância e encontros específicos para mulheres que se relacionam com mulheres e não colocar tanto foco no grupos que também tinham uma presença masculina mais forte.

A discussão das resoluções fazia referência: à necessidade de paridade entre gays e lésbicas em todas as instâncias do movimento; as que se mantivesse "espaço específico" nas publicações gays para "a questão lésbica" e "a questão lésbica" fosse incentivada ou aprofundada nas atividades dos grupos (FACCHINI, 2002, p.90).

Também como referência para esse estudo, utilizo Soares e Costa (2011) que já vêm pesquisando sobre o tema da vivência lésbica tanto em sua relação com a própria comunidade LGBTQ+, quanto em relação com o feminismo e trazendo à tona suas problemáticas e dificuldades. Seus estudos apontam para como a figura da lésbica, mesmo lutando no movimento feminista de forma ostensiva, nunca conseguiu de fato estabelecer seu lugar de aceitação entre as mulheres feministas heterossexuais. Na realidade, durante as primeiras insurgências feministas nas décadas de 1970 e 1980, a associação das mulheres heterossexuais com as lésbicas era vista como nociva e rejeitada por grupos feministas, para além das problemáticas que envolvem partir do princípio de que não existiria um entendimento sobre a intersecção dos marcadores sociais da diferença entre as mulheres, como se todas vivessem as mesmas condições. (de Garay Hernández, 2017)

Audre Lorde (2020), na análise do contexto das mulheres nos Estados Unidos em texto publicado pela primeira vez em 1978, também aponta esse comportamento entre as mulheres negras dessa época, que não tinham interesse em se associar com mulheres negras lésbicas:

É bastante frequente, no entanto, que alguns homens negros tentem dominar pelo medo as mulheres negras que são, na verdade, mais suas aliadas do que inimigas. E essas táticas são expressas em forma de ameaças de rejeição emocional: "Até que a poesia delas não era ruim, mas eu não consigo suportar essa fanchas". O homem negro que diz isso está enviando um alerta cifrado para todas as mulheres negras presentes ali que estão interessadas em um relacionamento com um homem- ou seja, a maioria delas: (1) se ela deseja que ele respeite seu trabalho, ela deve evitar qualquer aliança que não seja com ele, e (2) qualquer mulher que deseje preservar a amizade e/ou apoio dele é melhor não ser "corrompida" por interesses que priorizam mulheres. (LORDE, 2020, p.59)

Lorde também traz que as consequências para essas mulheres de até mesmo se alinhar com ideais feministas ou com grupos de mulheres não negras, era mais

severa do que entre as mulheres brancas, através de perseguições e violência física e sexual. Mas o trecho acima explicita esse medo de se alinhar tanto com as lésbicas quanto com ideias que priorizem mulheres. As lésbicas eram lidas como um grupo que socialmente estaria tentando ocupar um lugar masculino, o que representaria uma ameaça para esse esquema patriarcal de dominação até mesmo para as outras mulheres feministas que buscavam seus direitos em várias frentes, mas não questionavam a fundo a instituição da heteronormativa a que estavam submetidas.

Desse modo, a afronta à norma heterossexual representada pela lesbianidade, seja porque esse é um grupo de mulheres que não se relacionam com homens e não estão necessariamente respondendo ao desejo masculino, seja por muitas dessas mulheres não corresponderem a padrões socialmente ligados à feminilidade, acaba causando em alguns casos o entendimento de que “lésbicas não são de fato mulheres”. Pois, ser uma mulher lésbica em uma sociedade heteronormativa e patriarcal significa uma dupla não inserção: não se é homem e não se é hetero. Esses pontos de dissidência com relação à norma me levam a pensar sobre a questão da invisibilidade das mulheres lésbicas.

Torna-se importante aqui tentar entender o motivo desse não pertencimento, mesmo em grupos de minorias que acabam por se expressar de formas variadas. Através de poucas produções acadêmicas sobre o assunto se comparadas aos outros nichos já comentados, do não acesso a saúde de forma adequada para as especificidades de mulheres sáficas, do que se fala e qual tipo de representação vemos de nós mesmas e até mesmo do não reconhecimento de nossas relações afetivas e sexuais, como nos trazem:

É possível observar, inclusive na formulação de políticas públicas de saúde para mulheres, o que diversos/as pesquisadores/as acadêmicos/as já sinalizaram a respeito do funcionamento e da conduta médica de serviços e profissionais de saúde. Estes tendem a silenciar e conseqüentemente apagar a diversidade sexual das mulheres que procuram atendimento em saúde, promovendo ativa ou passivamente a invisibilidade de mulheres lésbicas e bissexuais. (MARQUES e MATTOS 2020, p.66)

A própria perspectiva da existência de uma mulher que não esteja atrelada ao desejo masculino por vontade própria é uma quebra enorme com todos os padrões estéticos e culturais que são vividos ainda hoje do que se espera de “mulheres”. As

lésbicas, então, se encontram em uma corda bamba entre o não reconhecimento, quando seus relacionamentos não são levados a sério ou são apenas vistos como um fetiche visando o desejo de uma figura masculina, e alvos da violência ao serem enxergadas como uma potência destrutiva do sistema hetero-cis-normativo. Sobre isso:

[a]s lésbicas são enquadradas como mulheres que não possuem sequer o lugar do feminino. Sua ousadia é maior porque querem ascender a um campo que supostamente não existe para elas (o campo da masculinidade) e a tentativa de “invadi-lo” ameaça o paradigma naturalista¹⁷ (SOARES; COSTA, 2011, p.45)

Surge então um incômodo-questionamento acerca de como a figura “da lésbica” é vista socialmente e reconhecida de modo geral, e como essas representações constroem esses corpos. Comumente, as mulheres lésbicas são representadas e percebidas de modo estereotipado, em novelas, filmes, ao se procurar notícias. O exercício de perguntar para, quase qualquer mulher lésbica, sobre a representação lésbica na mídia ou no “senso comum” podem exemplificar esses pontos, mas trago algumas referências em nota abaixo.

Mesmo que mais recentemente haja uma preocupação nos meios de comunicação com relação à produção de uma representação menos caricata e trágica com relação a comunidade LGBTQ+, de modo geral, e às mulheres lésbicas, em sua esmagadora maioria, percebe-se que as histórias de amor entre duas mulheres são contadas através de envolvimento com homens como regra para essa vivência. E para, além disso, uma grande parte dos filmes e aparições de personagens lésbicas na mídia também acaba envolvendo uma grande fetichização de suas relações. Se por um lado, a figura da lésbica aparece nessas imagens que valorizam a centralidade do masculino de que a lésbica desejará o falo em última instância como que para validar sua experiência como mulher, existe, por outro, um atravessamento dessa vivência: a da invisibilidade.

A via da heterossexualidade compulsória, por meio da qual a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível, poderia ser ilustrada a partir de muitos textos [...] (RICH, 2012, p21.)

¹⁷ Esse paradigma naturalista é citado por Soares e Costa (2011) para reafirmar como o poder é tido como natural e pertencente a figuras masculinas, mesmo que seja de homens gays. Isso confere a eles mesmo em um sistema heteronormativo um lugar de maior visibilidade do que o das mulheres lésbicas, pois uma parte de sua identidade “viril biológica” já estaria garantida. Apesar de parecer contraintuitivo esse argumento, é necessário lembrar de que homens gays continuam sendo homens e mulheres lésbicas continuam sendo mulheres, mesmo que com ressalvas.

Dentre as concepções mais problemáticas e notáveis estão o da fetichização¹⁸, onde há a ideia de que uma mulher se diz lésbica “por não ter encontrado um homem que a satisfaça”, ou até mesmo de que um casal de duas mulheres é a oportunidade ideal e perfeita para “provocar e realizar todos os desejos de um homem”. Também existe o entendimento da *experimentação*, de uma mulher ter uma relação com outra mulher como uma “brincadeira¹⁹” ou apenas uma experiência, para quando “estiver pronta e amadurecer” e “ter uma relação de verdade com um homem, se reproduzir e construir uma família”.

No imaginário masculino heterossexual as mulheres lésbicas figuram um papel erótico muito expressivo, como se um casal lésbico fosse uma materialização da visão fetichista masculina. No Brasil alguns dos “termos” com mais buscas de sites pornográficos são por mulheres/casais lésbicos e apenas recentemente o “Google” deixou de exibir exclusivamente conteúdo pornográfico quando se pesquisava pelo termo “lésbica” em seu buscador, por entender que deveriam aparecer outras referências da comunidade lésbica além da pornografia. Essa relação entre busca, fetiche e imaginário popular permitem inferir o quanto essa crença é arraigada em nossa sociedade.

Acho importante chamar atenção também para a ideia²⁰ da mulher que “quer ser homem²¹”, e, por isso, não se utiliza de forma ostensiva do conjunto de ferramentas e normas que podem ser entendidas como feminilidade, ou que se utilize predominantemente do conjunto de ferramentas do que entendemos socialmente como masculinidade. E, por último, o pensamento de que quando uma mulher lésbica não é automaticamente enquadrada em algum dos casos anteriores, sua existência é

¹⁸ Aqui um compilado com alguns desses exemplos: Sobre Fetichização: o filme “Azul é a cor mais quente” (é um exemplo emblemático na comunidade sáfica por ter tido um diretor homem que fez as atrizes repetirem as cenas de sexo tantas vezes até que elas ficassem machucadas e viessem a público posteriormente falar que se sentiram abusadas para fazer esse filme. Direção: Abdellatif Kechiche.

¹⁹ Sobre homens que não levam a sério relações entre mulheres: Especialmente no trecho em tradução livre “Você disse que pode curtir garotas; Você disse que está passando por uma fase; Mantendo seu coração seguro; Bem, amor, você pode trazer uma amiga; Ela pode sentar no seu rosto; Enquanto eu te fodo sem parar.”. THE WEEKEND e GESAFFELSTEIN. *Lost In The Fire*. Estados Unidos. Columbia, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZGDGdRlxvd0>. Acesso em: 10 nov. 2022.

²⁰ Ex-marido não aceitou que sua antiga parceira era lésbica e mandou matá-la com 14 tiros. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/morango/2021/06/30/ex-marido-mandou-matar-ana-paula-campestrini-lesbica-com-14-tiros-no-pr.htm>. Acesso em 10 de Novembro. 2022.

²¹ Lésbica é agredida e tem joelho quebrado após usar banheiro feminino em Tauá, no Ceará. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/lesbica-e-agredida-e-tem-jelho-quebrado-apos-usar-banheiro-feminino-em-taua-no-ceara-1.3163281>. Acesso em 10 nov. 2022.

tida como abjeta²² demais, construindo-se a necessidade de aniquilação desse corpo dissidente, a exemplo das violências e violações as mais diversas, como nos traz o “Dossiê Sobre Lesbocídio no Brasil (2018)”, estudo onde são investigadas mortes de mulheres lésbicas.

O que aparece é que majoritariamente, essas mortes se dão quando os agressores tomam conhecimento de sua orientação sexual, e muitas dessas representações trazidas acima são localizadas e discutidas como as “motivadoras” dos assassinatos. Um trecho em especial que traz casos de mulheres que se relacionavam com homens e depois começam a se relacionar com outras mulheres e são assassinadas por conta disso, exemplifica muitas dessas dimensões da violência institucional direcionada para mulheres que se relacionam com outras mulheres:

O homem largado, em algumas circunstâncias, expressa sua indignação virilocêntrica por meio do assassinato da lésbica e, às vezes, também da ex-mulher. Nestes casos, o assassinato está conectado com a frustração do assassino que [...] não enxerga o amor entre mulheres como algo tão digno quanto o amor heterossexual. Na tentativa de reverter o que ele percebe como uma situação humilhante, ou seja, ter sido trocado por um “homem incompleto” [...]. (PERES et al. 2018, p.28)

Uma outra faceta encontrada, antes mencionada, é a ausência de políticas públicas no campo da saúde sexual e reprodutiva de mulheres lésbicas e a dificuldade de acesso a serviços de saúde, a exemplo de serviços de ginecologia ou de cuidado de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). Essa dificuldade de assistência integral acontece com mulheres lésbicas e bissexuais, e essas últimas só têm suas práticas sexuais validadas quando em relacionamentos com homens. A falta de acesso e cuidado integral é tão grande que mulheres lésbicas muitas vezes nem chegam a procurar os serviços de saúde até sua situação estar bastante agravada. Como nos trazem Fernandes et al (2018, p. 40.): “[o]s relatos de experiências ruins em consultórios ginecológicos são quase uma unanimidade entre as lésbicas e, como consequência, essas mulheres [...] simplesmente, não retornam ao mesmo[...].”

Essas concepções e realidades geram muitas derivações, mas pretendo nesse trabalho articular esse conjunto de representações e vivências acerca da lesbianidade, que considero mais emblemáticas, com as experiências de mulheres lésbicas e seus atravessamentos em territórios que frequentam para socializar, se

²² Sobre a recusa de se relacionar com homens e a abjeção que provoca o corpo lésbico: Amigos afirmam que DJ raptada e espancada com outras três mulheres em Fortaleza foi **morta por ser lésbica** (grifos meus). Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/08/08/amigos-afirmam-que-dj-cearense-foi-espancada-e-morta-por-ser-lesbica.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2022.

expressar e viver a sua vida sexual e afetiva, como festas e bares, supostamente livres de preconceitos e violências, pois “feito para elas”. Todo esse panorama anteriormente trazido é uma forma de exemplificar do que se trata o mofo que é o plano de fundo que tomo como “inicial” da experiência sapatão e que pode ser reiterado através de desconfortos e violências ou não através do que seria um maior cuidado com essas mulheres nos espaços de sociabilidade sapatão.

2.1.1 Construção dos Corpos

de um ponto de vista contrassexual, o que me interessa é precisamente essa relação promíscua entre a tecnologia e os corpos. Trata-se, então de estudar de que modos específicos a tecnologia “incorpora” ou, dito de outra forma “se faz corpo” (PRECIADO, 2014, p.158)

Torna-se ponto essencial para essa discussão entender como o “corpo lésbico” se forja, se nomeia e é nomeado, buscando entender como se dão os processos de subjetivação dessas mulheres, que se configuram não só enquanto uma orientação sexual, mas como uma performance de gênero (Butler, 2020).

Considero de extrema importância atentar para a materialidade da minha existência, assim como de tantas outras mulheres lésbicas e sáficas e sapatonas. Nossos corpos andam nas ruas, são reconhecidos e sentem os olhares, os afetos e como é viver como lésbica no mundo, mesmo que com as diferentes marcas que aparecem nos diferentes corpos. Vejo ser necessário então apostar ao mesmo tempo na concretude das experiências que fazem mulheres se reconhecerem como lésbicas, ao mesmo tempo em que vejo ser necessário apostar em uma construção performativa e subjetiva que se desprenda de padrões normativos, sejam eles quais forem.

Aliando-se a esses escritos trago uma preocupação lembrada por Donna Haraway (1995), do cuidado de não cair na armadilha da produção de um conhecimento totalmente descorporificado, longe do mundo real. O que me interessa aqui é tensionar verdades que se colocam como absolutas sobre essas vivências minoritárias, para que seja possível a aposta de criações de mundos diferentes, reafirmando a partir disso práticas de vida e liberdade nessa contínua quebra de fronteiras entre o que é corpo, movimento e vida, tomando a existência como um caráter político, mas também inventivo, sensível e poético (Resende, 2008).

Utilizarei das bases teóricas de Butler (2003; 2020) e Preciado (2014) na tentativa de construção de uma experiência corporal de existências que não se pretendem a serviço da heteronorma. Torna-se interessante pensar o que há de subversivo ao sistema heteronormativo na existência das lésbicas na sociedade contemporânea onde somos atravessadas por todo tipo de tecnologias, inclusive as do sexo e gênero, e se faz importante debater quais são os pontos de possíveis rachaduras dessas representações totalizantes heteronormativas e patriarcais.

Butler (2020) quando sugere que a figura da *drag* que escancara certos padrões, do que seria masculino e do que seria feminino, é um bom ponto de partida para analisar como a própria heterossexualidade se dá através da repetição e da validação da repetição das performances e de que todo gênero é construído:

Que ela [a *heterossexualidade*] deva repetir essa imitação, que estabeleça práticas patologizantes e ciências normatizadoras a fim de produzir e consagrar sua própria reivindicação na originalidade e propriedade[...]. (BUTLER, 2020, p.215)

Preciado (2014) em seu manifesto contrassexual mostra através de uma extensa linha de encadeamentos de correntes e estudos feministas que categorias como sexo e gênero não são naturais, e sim culturalmente construídas de forma binária e por oposição e exclusão. Nesse sistema, a figura masculina é central, tido como padrão de existência ideal, o que lhe confere mais poder. Assim, a figura feminina é construída em oposição a essa figura central, sendo a que se enquadra no que não é masculino e, ao mesmo tempo, o seu objeto de desejo. Afinal, como seria possível ser uma mulher que não se constitui necessariamente através de elementos ligados a feminilidade ou que não deseja se relacionar com um homem?

Parto dessa tentativa de desconstrução de práticas sexuais dadas como naturais, para, a partir daí, pensar um corpo lésbico em uma perspectiva contrassexual e não falocêntrica. Refletindo que todo corpo, e os modos como ele produz suas práticas sexuais é/foi cuidadosamente construído a partir de uma tecnologia que torna possível não só o controle, como a dominação heterossexual, mas também a utilização do sexo como algo “naturalmente heterossexual”, e existente para esse fim. A partir do jeito como molda os ideais de masculinidade e feminilidade, assim como dita as zonas de prazer nos corpos a partir de áreas reprodutivas, faz-se uma edição de que tipo de corpos são mais valiosos que outros e como cada pessoa deve saber seu lugar dentro desse sistema.

Seguindo esse princípio de construção corporal, considerando tecnologias e a linguagem, também tenho interesse em dialogar com Butler (2003), que subverte o lugar do falo como signo máximo do corpo, entendendo que nesse exercício de linguagem, de falar sobre, não somente se diz acerca do corpo em formação, mas, ao mesmo tempo, o produz e molda. Num ato de performatividade da linguagem, o discurso tem o poder de construir o nível de importância dada a alguma ordem simbólica. Para Butler (2003), a importância conferida ao falo poderia ser dada a qualquer outra parte do corpo. Considerando isso, é possível pensar que linhas de força atravessam esse discurso hegemônico e qual interesse possível em privilegiar esse significante. Assim,

[o] sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz [...] que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual. (PRECIADO, 2014, p.25).

Nesta direção, Preciado (2014) nos provoca a pensar o “dildo” como objeto simbólico anterior ao corpo, intencionando falar da dimensão relacional do mesmo. O dildo coloca em xeque os dispositivos que afirmam o falo como centro do poder em nossa sociedade, porque ele mostra como o pênis pode ser substituído, dando a possibilidade de qualquer um homem/mulher, homo/hétero, de alcançar o prazer sem a presença de um pênis de carne. Esse objeto de plástico tão facilmente reproduzível, quebra com a indissociabilidade simbólica entre falo/pênis/homem e nos deixa claro que relações de poder são geradas a partir de tais tecnologias de gênero, empreendimentos nem um pouco naturais de exploração e dominação.

É nesse contexto de subversão das normas sociais, que nasce a oportunidade de criação e resignificação de existências minoritárias, no caso deste estudo as lésbicas, para formulação de novos sentidos e modos de existir. É dessa brecha que me interessa entender como se modulam esses corpos que “não somente tendem a indicar um mundo que está além deles mesmos, mas esse movimento que supera seus próprios limites, um movimento fronteiro em si mesmo, parece ser imprescindível para estabelecer o que os corpos “são”. (Butler, 2003, p.13).

É esse lugar de luta e desnaturalização constantes que reafirmo a importância desse estudo. Como Ferreira (2010, p.265) nos traz: “citar o presente é uma forma de traduzi-lo e, ainda, de retirar as coisas de um cenário estável e racional para submetê-las a uma nova configuração intempestiva...”. Daí a importância de falar sobre as

experiências das mulheres do meu circuito de sociabilidade, de estar nesse caminhar buscando uma aproximação com pessoas que encarnam tais experiências.

Compreendendo que nesse contexto de crítica da heteronormatividade, a identidade, tão presente nos debates de comunidades políticas em torno da sigla “LGBT”, me interessa menos do que a experiência dessas mulheres em relação. E me intriga refletir que existe uma experiência comum que nos afeta a todas, que é a de podermos ser percebidas como uma “potência destrutiva” ao sistema hetero-cis-normativo, e ainda possuímos muitas formas diferentes para falar sobre a mesma coisa, que é desejar e/ou amar outras mulheres, e nos entendermos como *lésbicas*, *sapatonas*, *fanchas*, *caminhoneiras*²³, entre outras denominações.

Também não é possível que as nossas experiências em comum, socialmente compartilhadas, excluam nossas trajetórias diferenciadas e modos distintos de incorporar a vivência fora da heteronorma. Como nos traz Larrosa (2002, p.27): “[o] saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna”. Essa postura indissociável entre o que é singular e o que é construído socialmente da experiência lesbiana é o que a torna ainda mais interessante.

Faço assim um esforço consciente nesse universo tão familiar das festas e dos bares mais voltados para o público lésbico, de me posicionar atenta, visando desnaturalizar situações e representações que eu mesma possa reforçar. O meu interesse de pesquisa, portanto, parte de uma experiência por vezes ruim e que não se tem palavra, ou de difícil manejo, traduzida aqui na ideia de mofo, para então interrogar sobre a existência e os afetos possíveis das e entre as mulheres lésbicas, investigando em espaços de sociabilidade comuns a elas, o que existe de transgressor e potente nesses corpos e nesses encontros. Trago a seguir relatos de campo, a partir da minha “participação observante”, para desnudar fios importantes da minha análise nesse trabalho. São pistas que me ajudam a responder os objetivos da pesquisa.

²³ Diversas palavras para falar da experiência de mulheres que se relacionam com mulheres, muitas vezes entendidas como formas de “xingamento”, mas também, ressignificadas por várias mulheres da comunidade lésbica como forma de resistência à heteronormatividade e de afirmação da divergência. Trago algumas referências do uso dessa expressão: Entre umas e outras: Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo (2008) de Regina Facchini ; Assim como Do “gueto” ao mercado de Júlio Simões e Isadora Lins França. Mas entendo que nesses dois grupos em que realizei meu campo para esse estudo, caminhoneira ganha outras significações que vão para além dos binarismos representados por “uma lésbica mais masculina”, como trazem, grosso modo essas referências. Me parece que os entendimentos de sapatão caminhoneira nesse grupo, assim como “masculinidade” e “feminilidade” não são mais tão rígidos como eram à época do lançamento desses textos.

2.2 Os corpos em cena

Descrevo a seguir o mapa²⁴ que construí com todas as minhas andanças e que constituem, através dos seus traçados e fluxos, o meu campo de pesquisa. Importante situar que, da perspectiva cartográfica, o campo não existe a partir de uma delimitação prévia, mas ele “se faz no caminhar”. Isso significa reunir um conjunto de “pistas” (PASSOS; KASTRUP; DA ESCÓSSIA, 2009) que permitem ir compondo e desenhando o próprio campo, com suas margens, fronteiras, bordas, interiores e margens. Antes de nos debruçarmos um pouco mais sobre o mapa quero comentar sobre o processo até chegar nessa versão, que posteriormente utilizaria também durante as entrevistas.

Busquei na internet os mapas das regiões entre Niterói e Rio de Janeiro, para ver se encontrava alguma que tivesse o recorte que eu estava buscando, porém só encontrei mapas muito maiores, que englobavam as duas cidades inteiras. Após ver alguns mapas percebi que teria que fazer o meu próprio mapa, com meu próprio recorte se quisesse que ele tivesse a cara desses trajetos. Então imprimi um mapa grande do Rio que pegasse uma boa parte de Niterói, recortei e coleí numa folha, no topo, e lá estava: o meu mapa minúsculo, cheio de linhas desenhadas, sem a mínima possibilidade de receber mais um traço sequer. Peguei então um lápis e comecei a desenhar comparando ao mapa grande na tela do meu computador o que virou essa versão que apresento a vocês abaixo. Esse mapa certamente passa longe da exatidão do relevo dessas cidades, das formas exatas que você encontraria se fosse buscar um mapa da internet, mas acho que talvez essa seja a beleza dele, que se construiu nas alegrias e nas desventuras dos trajetos entre mim, as cidades e a folha de papel. Através do mapa e dos traçados que fiz juntamente com a escrita dos meus diários de campo espero que a leitora possa me acompanhar nessas aventuras pelo território.

²⁴ Todos os mapas apresentados ao longo do texto estarão também em tamanho maior na parte dos anexos para melhor visualização.

bar da rua voltado para o público LGBTQ+, talvez pelo público frequentador usar roupas muito coloridas, talvez até pelos recorrentes shows de *drag queens* que o bar apresenta. Essas são algumas versões de algo que podemos talvez supor o motivo, mas nunca saberemos.

Finalmente, tinha chegado minha oportunidade de conhecer esse famoso bar e eu fui ao aniversário com minha namorada. Quando chegamos, minha amiga e mais algumas pessoas já estavam lá e fomos sendo apresentadas a todas que estavam na comemoração, todas mulheres e um único homem. A mesa que a Aurora pegou era dentro da grade que faz uma separação com a parte externa do bar, essa parte de fora também tem mesinhas, porém elas ficam mais afastadas e em um lugar um pouco mais escuro, um bar pequeno, mas bem cheio. Um ou outro chopp depois, com dose dupla até às 23h e tudo parecia muito confortável, fazer piadinhas de sapatão, beijar minha namorada e relaxar.

Com a noite passando algumas pessoas chegaram, outras saíram e fui vendo uma diversidade de mulheres que se relacionavam com outras mulheres, algumas em casal, outras solteiras, e quase todas que interagiam na mesa participavam de um tal grupo de *Whatsapp* para *sapatonas do lado de Niterói da ponte*²⁵. Apesar de, posteriormente, eu descobrir que nem todas as meninas do grupo se percebiam como sapatão, tendo algumas meninas que se identificavam como bissexuais. Como mencionei antes o grupo surgiu pelo interesse em reunir as mulheres que frequentavam a festa “Lambe Lambe” e saíam de Niterói para o Rio. Essa conexão Niterói-Rio e os espaços de circulação dessas mulheres me interessa muito, pois, conforme disse anteriormente, é a partir desses *trânsitos* e das relações que se estabelecem nesses percursos que pretendo entender os *mapas* de sentido e as territorialidades físicas e simbólicas, percorridas e forjadas nessas relações.

Uma das meninas, Sophia, com o cabelo bem curtinho disse que na semana anterior já tinha ido ao Boleia e *gastado uma fortuna* tanto no bar quanto de *uber* e que, por isso, naquela semana estava *andando de bicicleta para compensar*. Todas as meninas da mesa concordaram que o Boleia era um lugar mais caro e com uma “vibe” diferente do Armazém, sem muita interação entre as diferentes mesas. Aparentemente, mesmo que elas gostassem do Boleia, e ele fosse lido como um ambiente seguro, pelo menos com relação a lesbofobia, não era fácil habitar aquele

²⁵ Esse grupo é o que me refiro no texto como “Grupo de Niterói”

espaço, pois parecia haver uma barreira financeira muito claramente delimitada para frequentar o bar, através do custo de ir para a Zona Sul do Rio e pagar caro em quase todas as opções do cardápio.

Outra menina, Helena, me chama atenção, ela tem cabelo curtinho, é negra e não veste roupas consideradas socialmente muito femininas. Comecei a conversar com ela, já que estava mais “quietinha”. Ela me perguntou sobre a minha vida e falei para ela que sou psicóloga, e depois de alguma conversa disse que pesquiso sobre mulheres lésbicas. Perguntei como que ela se sentia andando na cidade, nesses trânsitos, e ela prontamente me respondeu que era “tranquilo”. Para logo depois me falar que “tem que **saber andar**”. Uma frase que se repetiu ao longo de conversas em diversos ambientes e também com outras mulheres. Morando no estado do Rio de Janeiro, de certa forma, todo mundo tem que saber andar por essas ruas, mas o que isso significa para uma mulher lésbica? Por que isso aparece tanto? Não me parece ser apenas uma preocupação sobre ser assaltada ou furtada, parecem haver outras camadas que se relacionam com a experiência de ser lésbica e afrontar nesse “trânsito” pela cidade as hetero(normas). Retomarei essa questão no próximo capítulo.

Na mesma semana, alguns dias depois, outra amiga, Manuela, me convidou para ir ao Armazém novamente. Ela é uma mulher bissexual, e a maioria dos amigos que ela chamou nesse dia eram homens cis. Manuela decidiu pegar uma mesa do lado de fora da grade e por isso acabávamos por esbarrar e interagir involuntariamente com várias pessoas que passavam na rua, mesmo que elas não estivessem sentadas conosco na mesa. O clima parecia um pouco menos convidativo do lado de fora do bar, com poucas mulheres na mesa, apesar de tudo estar relativamente tranquilo.

Contudo, em um momento da noite uma viatura de polícia parou no bar, uma das mulheres que trabalhavam lá, a Liz, me disse que isso era, “infelizmente, uma visita quase regular”. Eles pararam do nosso lado e começaram a reclamar com um dos garçons que receberam uma denúncia por uso de drogas ilícitas (maconha) e precisavam que alguém assinasse a autuação. O garçom acabou tendo que assinar e falou que os vizinhos realmente têm denunciado bastante o bar. Eu olhei para o lado de dentro da grade do bar, e as coisas pareciam mais amenas por lá. Fiquei pensando se era pela presença maior de mulheres, ou se as pessoas do lado de dentro simplesmente não tinham percebido o carro da polícia. Mesmo sendo um espaço para pessoas LGBTQ+, quando estava numa mesa com outras mulheres, em sua maioria lésbicas e dentro do bar, a sensação de vulnerabilidade era menor. Pensar sobre

essas fronteiras, o dentro e fora, o supostamente seguro e inseguro, protegido e desprotegido, me pareceu bastante promissor.

Boleia

O Boleia abriu em 2020, uma semana antes de ser declarada a pandemia de COVID-19, e ficou uma grande parte do tempo fechado ao público, tentando resistir e aguentar até o caos pandêmico passar. As responsáveis pelo bar, duas mulheres lésbicas. Nas divulgações sobre o bar, pelo Instagram dele, colocavam uma mensagem recorrente, de ser um bar feito por sapatão para sapatão. A equipe do bar tentou alternativas para lidar com a impossibilidade de abrir: entregar comidas e bebidas, vender produtos tais como camisas, bonés. E o bar conseguiu abrir as portas novamente depois dos períodos mais pesados de *lockdown*, sem aparentemente demitir ninguém de sua equipe, que era toda formada por mulheres e pessoas LGBTQ+. Essa é uma escolha que parece ter uma implicação política interessante na contratação de pessoas para trabalhar no bar que reflitam também seu público-alvo.

Quando o Boleia reabriu, as medidas de segurança por conta da COVID-19 ainda eram bem rígidas, o espaço era pequeno e quando as mesas acabavam, e elas acabavam cedo, não tinha conversa, independentemente do seu deslocamento até lá. Experimentei ir de Niterói e “bater com a cara na porta” umas duas vezes, mesmo não chegando tarde. O bar era muito procurado pela comunidade de mulheres sáficas, que pareciam ter um certo carinho por um bar como já disse de *sapatão para sapatão*, parecia gerar essa expectativa de habitar um espaço pensado para essa comunidade.

Depois de muito recusar gente na porta, as restrições foram ficando menos rígidas e a procura continuava alta, até que o Boleia se mudou para um espaço maior que o anterior, ainda no bairro de Botafogo. Ele havia saído de uma rua do bairro com muitos bares e movimento, para uma rua mais calma, residencial e com apenas um outro bar próximo, e o espaço maior permitia receber mais pessoas. Algum tempo depois da mudança o Boleia sofreu dois assaltos a mão armada na mesma semana. Talvez por estar em uma rua menos movimentada e também por ser “um bar majoritariamente frequentado e habitado por mulheres”, o que o tornaria mais vulnerável a situações de violência.

A página do bar anunciou no *Instagram* do estabelecimento que mudaria o esquema de serviços, e que o Boleia iria “começar a oferecer refeições e abrir e fechar

mais cedo”. Ela dizia que “não se sentia mais segura para manter o bar aberto até tarde”. Essa mudança de horário pareceu ser significativa, porque movimentou todo o esquema de um bar, pensado para abrir a noite, que passou a abrir durante o dia e fechar cedo. A partir desse momento, as coisas pareceram começar a não dar tão mais certo.

Em janeiro de 2023, nas redes sociais do Boleia uma mensagem de uma das responsáveis pela página sinalizava que “não ia mais conseguir manter o bar aberto”. Haveria mais um final de semana de atividades e depois o bar fecharia. E, com esse ultimato, tive que me movimentar para conseguir conhecer “O bar de sapatão do Rio de Janeiro” antes que fechasse. Algumas mulheres do Grupo de Niterói se mobilizaram para ir juntamente comigo e com minha namorada, além de outros casais de amigos héteros e bissexuais. Para quem conhecia, frequentava ou já tinha ouvido falar do bar o clima era de descontentamento e uma certa tristeza: “Um espaço desses, voltado pra sapatão fechando, já são tão poucos” ... essa era a principal mensagem que aparecia nas postagens das mulheres do Grupo de Niterói no *Whatsapp*, e nos comentários das redes sociais do bar.

Fomos ao Boleia para a sua despedida no dia 20 de janeiro, e havíamos chegado cedo, então tinham mesas disponíveis. O espaço era bem amplo e com um mural enorme pintado diretamente na parede, de uma mulher envolta em flores e um seio a mostra. Do outro lado do mural havia algumas flores abertas com dedos sugestivamente encaixados nelas. Uma grande Boleia de caminhão, que dava nome ao bar, ficava na frente do banheiro. *Caminhoneira* é também uma forma de chamar mulheres lésbicas, geralmente essa gíria é associada a mulheres que não performam feminilidade. De modo geral, toda a decoração do bar girava em torno do tema “sapatão”, através de dizeres como “rebucetei-se”, desenhos de dois dedos em “v” abertos na frente de uma boca com uma língua para fora²⁶. São palavras, imagens e símbolos que revelam o esforço de fazer um ambiente que gerasse identificação com as práticas tanto sexuais quanto cotidianas de mulheres lésbicas e que convivem com lésbicas.

Havia ainda um muro vazado entre esse ambiente do mural e o outro ambiente do primeiro andar em que em uma das extremidades estava o bar e na outra ponta o

²⁶ Esse gesto geralmente nos ambientes de mulheres sáficas é utilizado para se referir ao sexo oral em pessoas que possuem vagina.

caixa. Próximo ao caixa havia uma escada para o segundo andar. E em um cantinho havia o famoso “corredor de arco-íris”, o lugar que era plano de fundo das fotos de muitas pessoas que passaram pelo Boleia. Era um corredor com várias luzes *neon* que formavam um arco-íris, dentro do qual se podia entrar para tirar fotos.

Ao chegarmos o clima parecia tranquilo e o ambiente amigável, apesar de dois seguranças enormes na porta, que depois eu vim a descobrir que estavam lá para “trazer uma sensação de segurança maior depois dos assaltos”, já que o bar iria ficar aberto até mais tarde. No ambiente não havia apenas mulheres, apesar de sermos maioria, também estavam alguns homens, que não consegui identificar se faziam parte da comunidade LGBTQ+, também me chamou a atenção um casal de mulheres com uma criança e um cachorrinho. Nos sentamos em uma mesa composta por três mesas uma do lado da outra e começamos a procurar o cardápio, que tinha drinks e comidas intituladas como “Ferro’s²⁷” “ChanaComChana²⁸” “Stonewall Veggie²⁹” entre outros trocadilhos com a história LGBTQ+ e com as gírias lésbicas. Apesar dos itens do cardápio terem um preço mais alto do que se pagaria em um bar mais popular, as pessoas estavam querendo viver aquela experiência única e final.

Pouco tempo depois, vi algumas mulheres do Grupo de Niterói chegando e reparei que elas falaram com algumas conhecidas, comigo, e logo subiram para o segundo andar. Perguntei então para Aurora o que havia lá em cima, e ela me respondeu que “no segundo andar era um lugar mais vip”, que eu tinha que ver para entender e subiu também. Antes dessa nossa conversa, Aurora falou que, apesar da animação das funcionárias e de todas que estavam trabalhando no dia, em conversa com algumas, percebeu que elas estavam muito tristes com o fechamento do bar. Ela disse perceber um tom de despedida através de olhares tristes e uma sensação de pesar na fala das pessoas.

Após algum tempo de observação e curiosidade, comentei que iria subir. Minha namorada e dois amigos homens cis héteros que estavam querendo conhecer mais o

²⁷ Em referência ao Ferro’s Bar que se tornou uma referência da resistência lésbica na ditadura, pela expulsão e posterior protesto de mulheres lésbicas frequentadoras do bar. Ocorrido no dia 19 de agosto, que hoje em dia é reconhecido como o dia do Orgulho Lésbico.

²⁸ O ChanaComChana era um boletim, uma espécie de jornal da época que era distribuído no Ferro’s Bar, e a proibição da venda do jornal pelos proprietários gerou toda a comoção e a revolta das mulheres lésbicas frequentadoras do local.

²⁹ Stonewall foi um marco de levante da comunidade LGBTQ+ contra as opressões sofridas socialmente, em um dia em que a polícia de Nova York realizava uma batida no bar gay “Stonewall Inn” em 28 de junho 1969, rotina da polícia na época, pessoas LGBTQ+ que estavam no bar revidaram a truculência da polícia que repreendia seu direito de estar e existir naquele local. Nos dias que se seguiram, a população LGBTQ+ local começou a se manifestar publicamente pelos seus direitos.

espaço subiram comigo, logo atrás de nós um segurança, que, posteriormente, percebi que estava indo para uma sala com entrada permitida apenas para funcionários. Eu fui a primeira a entrar na escada, logo atrás minha namorada, meus dois amigos e o segurança.

O segundo andar parecia mais aconchegante, tinha uma máquina de karaokê, mesas mais próximas e muitas mulheres. O clima de flerte e erotismo era grande. Alguns casais se formavam e se desmanchavam e elas riam, parecia divertido. Os casais iam mudando as configurações em que ficavam, em um deles uma mulher em pé segurava outra fortemente pelas coxas, enquanto a outra mulher estava sentada apoiada numa mesa. Em outro casal o ponto de apoio do beijo eram as mãos na nuca da parceira com o cabelo bem curtinho. Alguns outros casais se amassavam nas paredes, enquanto em um canto próximo outras mulheres estavam gargalhando, algumas aos cochichos e outras trocando olhares.

Nesse andar não havia nenhuma figura masculina, fosse da comunidade LGBTQ+ ou não, e o ambiente parecia estar cumprindo as expectativas daquelas mulheres até terminarmos de subir as escadas por completo. A presença de meus dois amigos foi uma quebra para todas que perceberam a presença deles ali, e elas fizeram sentir essa quebra com um clima tenso que se seguiu com um pouco mais de silêncio. Elas não olhavam para mim, olhavam para meus amigos e para o segurança que vinha logo atrás, e eles claramente sentiram o que poderia descrever como um “choque da invasão”. O segurança rapidamente foi ao quarto de funcionários e meus amigos após olharem por pouquíssimo tempo o andar superior disseram ter vontade de descer novamente e foram quase que correndo para a escada.

Apesar de estar acompanhada dos “invasores” e de sentir a tensão quase concreta no ar, era de certa forma divertido sentir “o quanto eles não eram bem-vindos” naquele lugar de sedução, erotismo e afeto de mulheres, e que eles “não poderiam participar desse momento”. E quase tão rápido quanto se formou essa tensão, ela se dissipou, e as mulheres que estavam juntas continuaram ficando, enquanto as outras continuaram conversando. Provavelmente era para isso que elas tinham ido ao Boleia naquele dia e não para se preocuparem em “como algum homem iria se sentir naquele bar”.

A aula de defesa pessoal

No *uber* indo para aula de defesa pessoal o motorista puxou conversa e me contou - sem que eu tivesse dado qualquer indício de tema que me envolvia naquele momento -, o quanto gostava de *luta* e que *jiu-jitsu era a paixão de sua vida*. Em tom de confissão, disse o quanto ele tinha *preconceito* no início *por ter que ficar de agarrão com outros homens*, mas que depois percebeu que *isso era da luta mesmo* e não significava nada além do prazer de praticar essa atividade. Pensei comigo mesma, achando certa graça e de forma irônica: “ainda bem que ele conseguiu manter a masculinidade intacta e continuar fazendo jiu-jitsu!” Já escrevendo, percebo que essa relação entre masculinidade e luta (Villela, 2002) comparecem nesse relato como uma abertura interessante para pensar nesse “fortalecimento” dos corpos lésbicos e em suas “legítimas defesas”, alvos da aula de defesa pessoal. Luta, masculino e defesa, aparecem como signos interessantes a se explorar em um universo que se regozija com cartas escritas à mão, com espaços próprios dentro de um universo que desenvolve linguagens singulares, “histórias de amor documentadas”, entre outras sutilezas.

Quando chegamos a aula estava para começar, entramos no tatame com todas as outras e começamos a ouvir Alice, que explicava o objetivo da aula: “conseguir sair de uma situação desagradável, correr e fugir”. E nessa hora ela pegou uma outra menina que tinha mais intimidade para usar de “agressor” e mostrar as “poses”. Interessante que quando a menina era delicada demais Alice falava: “não pega leve não, é pra ser de verdade, me mata, cara!” Nesse ambiente tal fala era bem engraçada, o que levou o grupo aos risos pela forma como ela estava falando. Era um ensaio, uma ficção, uma dramatização que guardava no fundo um silêncio temeroso, nada engraçado, já que os exercícios permitiam mesmo fugir de alguém que tentasse nos agarrar ou prender na rua, numa festa, ou qualquer espaço do gênero.

Depois de algumas poses e gestos de defesa a professora nos dividiu em duplas para treinarmos, eram posições simples em que tínhamos que conseguir sair do abraço da nossa dupla de alguma forma. A princípio eu estava com minha namorada, depois nós e um outro casal trocamos de dupla para variar. Percebi que todo mundo demonstrava um certo medo de machucar as outras mulheres, e, ao mesmo tempo, se apresentavam empolgadas com as técnicas de defesa.

Quando Alice finalizou a aula, ela agradeceu a presença de todas e disse o quanto ficava feliz de dar essa aula de defesa para “mulheres que se relacionam com mulheres”, e dessa iniciativa ser de alguma forma “uma barreira contra os assédios que nós sofremos dos homens na rua”. Essa fala nos tirava de uma certa suspensão, já que nada daquilo que foi vivido de fato nos ameaçava, nos arremessando no mundo que pode nos violentar e violenta. Mas o clima geral era de animação e depois de tirarmos uma foto, uma parte das meninas foi embora e a outra parte, que me incluía, resolveu ir tomar uma cerveja em um bar que Alice disse ser ali perto, ela brincou afirmando que “não era chique, mas era honesto”.

Pegamos o rumo do bar e fomos andando. Era um grupo grande de mulheres, com vários casais entre nós, andando de mãos dadas e trocando beijos, em plena Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro, recebendo alguns olhares de curiosidade e outros de estranhamento. Ainda estávamos no governo Bolsonaro, e eu já havia me habituado a andar de forma mais soturna na rua, mais atenta, o tal *ter que saber andar*, como dito por uma das minhas interlocutoras na pesquisa. Entre a intensidade da vivência e os meus pensamentos de pesquisadora, pensava comigo mesma que estar com um grupão de mulheres rindo e falando alto, brincando entre si alegremente e trocando beijos e abraços pela rua, não é tão corriqueiro na cidade do Rio quanto se pode imaginar. E esse pensamento voou até uma janela no alto de um dos prédios em que passávamos, com uma placa “a culpa não é minha, eu votei no Ciro”³⁰, e diante disso e da nossa empolgação, eu não sabia se ria ou se chorava.

Enfim, havíamos encontrado o bar, um lugar com vários idosos, daqueles em que se passa o dia inteiro. O garçom parecia estar com uma certa preguiça de fazer qualquer coisa então fomos juntando as mesas e pegando mais cadeiras. Ele apareceu para anotar nossos pedidos, entre cervejas e outros drinks, a bebida entrava e a conversa saía. Mais ou menos quatro mesas de bar de plástico colocadas uma do lado da outra compunham a nossa grande mesa. Estávamos entre três casais e algumas outras mulheres solteiras. Cada uma contava como o Documentadas tinha

³⁰ Estávamos no ano de 2022, num momento pré-eleições, ainda no governo do presidente Jair Bolsonaro e todas as consequências de se estar vivendo esse governo por anos, e ao longo da pandemia do Covid-19. As tensões estavam se acirrando cada vez mais nas ruas, entre quem queria manter o governo de Bolsonaro, e quem queria que ele saísse do poder. Um dos seus concorrentes ao longo da eleição de 2018 era Ciro Gomes, que permaneceu sendo seu concorrente no ano de 2022.

chegado até sua vida, o quanto gostaram de terem sido fotografadas, ou o quanto gostariam de ser registradas em algum momento.

Um ponto em comum entre nós, muito repetido nas conversas é que era uma felicidade muito grande poder conhecer essas outras mulheres e ter esse encontro, o que acabou gerando um grupo³¹ no Whatsapp para “marcar mais outras saídas, um possível churrasco um dia”. Uma das meninas da mesa contou que não conseguia ficar quieta quando estava se sentindo indignada, e que em certa ocasião ao ver um homem assediando suas amigas, chegou perto dele, o segurou e o queimou com um cigarro. Foi uma vitória para ela, o homem não voltou a assediar nenhuma mulher que estivesse perto dela naquele dia, não teve coragem. Ela contou que sentiu que tinha ganhado dele, mesmo que fosse só naquele dia, e que tinha protegido as amigas.

Entre uma conversa e outra sobre os rumos da vida, Alice gritou “fora Bolsonaro!!!!” muito alto na mesa, para o escândalo de alguns transeuntes e alegria de outros. Nesse momento me bateu um medo, pois estávamos cada vez mais perto das eleições e estar na rua estava cada vez mais tenso, mesmo que ali estivesse parecendo um lugar mais seguro em que ninguém fosse agir de forma agressiva com nenhuma de nós. O medo tinha me puxado de volta para o mundo, por segundos, “saí do refúgio sáfico!” E via os olhares em volta, tanto os que nos observavam, quanto os das outras mulheres. Naquele micro espaço temporal em que minha nuca se arrepiou, eu olhei para elas, e uma gargalhada de Alice me fez voltar para o refúgio, o nosso pequeno coletivo, isolado no espaço e no tempo, me fazia sentir segura de novo e gritar em alto e bom som “fora Bolsonarooooo”. Uma cumplicidade se formou imediatamente entre todas as mulheres ao redor daquela mesa. Passado esse momento entusiástico, lá estávamos nós nos divertindo e bebendo de novo. Em meio ao prazer e um certo entorpecimento de estarmos juntas, uma espécie de gozo de compartilhar o avesso do mofo, soubemos que agora o *Documentadas* tinha um adesivo, *para a gente enfeitar as coisas e sair colando pela cidade*, que diz: *toda mulher merece amar outra mulher*, lema do documentadas que aponta para a tentativa de positivação dessa experiência frente aos desafios da abjeção associada ao universo lésbico.

³¹ Esse grupo é o dos piqueniques

Piquenique no Aterro do Flamengo com as meninas do Documentadas

Era maio de 2023 e eu estava bem empolgada para ver as meninas de novo. Amanda, tinha estado na minha casa para pintá-la na mesma semana do piquenique, e por conta do grupo eu havia descoberto que ela trabalhava com obra e por isso ela veio aqui. Ela tinha deixado minha casa, muito mais aconchegante que antes, com a nossa cara, e para mim era uma grande vantagem em uma casa onde moram duas mulheres, poder receber uma mulher para fazer serviços de obra e não um homem. Fomos para o Aterro do Flamengo mais uma vez com nossas comidinhas e bebidinhas na mão e encontramos com Amanda e Carol que chegaram primeiro, era um lindo dia de sol. Depois Alice e sua namorada, Bia, depois um casal novo de duas meninas negras que ainda não conhecíamos. Nossas conversas foram andando, e as meninas novas começaram a falar de ações sociais, do que elas faziam e a Carol que já as conhecia falou que elas tinham que participar do DOC, que elas iam fazer diferença, que lá *“só tinha casal branco”*. E elas disseram que ao verem majoritariamente pessoas brancas lá foram se questionando se queriam participar ou não, além da agenda apertada delas. Depois de um tempo Fernanda chegou com uma amiga e comentei com ela sobre isso, dessa preocupação com o Doc ser mais próximo da realidade do nosso grupo. Ela disse que o perfil demográfico do DOC é 60% branco e 40% negro pelo que as pessoas autodeclaram quando vão participar do projeto, e que isso também era uma preocupação para ela. Se passa um tempo, os temas raciais vão rolando, assim como outros como a aceitação familiar.

Bia fala que até hoje sua família, em especial seu pai, tem uma relação complicada com Alice e sua orientação sexual. Que em muitos momentos Alice ficou do lado de fora da casa dos pais dela. Que seu pai já até *“fritou um pastel”* para ela, mas não fala com ela. Diz que quando ela vai sozinha pra casa dos pais é tratada de forma muito diferente, como era antes, com o carinho de antes, e quando vai com Alice as coisas ficam bem mais estranhas.

Algumas das mulheres se davam bem com a família assim como eu me dou bem com a minha família hoje em dia, outras nem tanto, essa conversa nos levou para *“as coisas faladas e as expectativas que as pessoas heteros tem sobre mulheres lésbicas”*. De como ser sapatão as vezes te coloca em posições complicadas, esquisitas, como quando na presença de homens héteros, quando querem nos incluir no assunto tentam objetificar mulheres com a nossa presença, ou falar sobre assuntos

relacionados ao universo considerado “masculino”, mesmo que não tenha nada a ver, necessariamente, com o que uma sapatão fosse querer conversar.

Alice trouxe para a conversa de que por muito tempo por ser “do esporte” ela manteve só amizades masculinas. Conta que um dia na feira de São Cristóvão ela estava com um amigo que chegou numa menina. A menina não estava interessada e deu um fora nele, mas ele insistiu, insistiu.... Até que isso incomodou Alice: ver a menina naquela situação. Alice então falou pra o amigo, na frente da menina, pra ele parar que já tava ficando chato. Nessa hora a menina concordou com ela e disse “Se fosse pra ficar com alguém, eu ficaria com ela” E Alice então chegou na menina e elas acabaram se beijando.

Ela diz que seus amigos homens sempre disseram que pra você chegar em alguém “tem que ficar insistindo à beça”, basicamente ser inconveniente. No final da noite, esse amigo, que tinha ido de carro e daria carona para ela, disse pra ela ir de outro jeito pra casa porque “no carro dele ela não entraria”. E ela teve que ir sozinha pra casa, mesmo sendo mulher, à noite, porque o “amigo” ficou com o orgulho ferido. Ela disse que nesse momento percebeu que não era um deles. Ela era uma mulher, que se relaciona com mulheres sim, mas uma mulher. E que os seus amigos só a tinham ali como igual enquanto era legal pra eles.

“De repente eles estavam ali até me fetichizando” ela diz. E eu acrescento “Enquanto é uma brincadeira é ok.” Penso que quando ela virou uma competição real, isso não foi aceito, e ela teve que voltar sozinha pra casa, independentemente de ser mulher ou não, o limite era muito claro. Ela não era um homem, e não poderia lutar pelo mesmo objeto de desejo de “seu amigo”.

Continuamos conversando e fomos percebendo que o lugar estava ficando mais escuro, estávamos perto de árvores mais escondidas, onde homens iam fazer xixi e acabávamos, conforme a noite caía, tomando sustos com eles. Afinal qual mulher que não se assusta vendo um homem inesperado sair do meio das sombras?

3. As pistas do campo: da busca por segurança até a criação de redes

3.1 Pista 1 *refúgio sáfico*: motivo para ter espaços exclusivos e a experiência de ser sapatão.

Nesse capítulo trago as pistas que fui encontrando ao longo do campo. A escolha por trazê-lo através de pistas reflete o método cartográfico e a firme aposta de que o percurso da pesquisa se fez a partir do interesse e da implicação nesse campo. E que, posteriormente, se juntando a essa implicação, os adensamentos dos fluxos e dos sentidos que foram surgindo. “As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa.” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p.13).

Essa atitude de abertura permitiu que eu pudesse “ouvir” o que de fato ia aparecendo como repetição e como importante para essas mulheres e pudesse amplificar de certa forma esses momentos em que as pistas saltam. Faço esse movimento então desde a ideia de construção da segurança até o ponto da criação de redes entre as mulheres ao longo de todos os tópicos desse capítulo.

A primeira pista que trago é a do *refúgio sáfico*, um ponto chave dessa análise, que fala sobre a percepção de segurança em espaços voltados para mulheres sáficas. Iniciarei essa construção a partir de cenas, fortemente inspirada por Cunha, Maciel e Moreira (2022):

Para compor nossas histórias e memórias [...] construiremos como ‘cenas’, compostas a partir de passagens de campo que consideramos exemplares, no sentido de que encerram densidades temáticas e emocionais no âmbito das interações, capazes de elucidar o cerne das questões em jogo e de trazer a intensidade necessária a ponto de representar muitas outras observações realizadas no âmbito da pesquisa. (CUNHA, MACIEL e MOREIRA ,2022, p.254)

Importante salientar que as cenas, assim como os recortes do campo e das entrevistas, são recortes de encontros. Feitos a partir também do meu olhar sobre os acontecimentos. Eles não pretendem ser supostas verdades absolutas e imutáveis sobre as mulheres sáficas, assim como não representarão completamente as pessoas com as quais travei contato nesse caminho. Eles possuem sua legitimidade enquanto

fluxos que ocorreram nesses encontros, e o exercício que faço aqui então é de produzir tensionamentos e análises a partir desse movimento. Seguem as cenas.

Cena 1

Fernanda anda um pouco desanimada com as coisas, a grana está curta, o trabalho tá pagando pouco e o Rio de Janeiro continua quente demais. Mas ela não desiste, sua arte merece ser vista e ela não desistiria agora. Ela sai para colar lambes naquele dia. O papel fino se mistura a parede depois de algumas pinceladas de cola, é um trabalho que pode demorar horas e ser retirado em segundos, mas a colagem fica bonita demais para abrir mão dele.

Fernanda coloca os lambes na altura do olhar, porque eles devem ser vistos. O seu conteúdo é *amor em forma de arte, casais de mulheres, bem diferentes uns dos outros*, alguns com mulheres negras, outros com mulheres brancas, alguns com mulheres gordas, outras com magras, de cabelo crespo, liso, cacheado, alguns com filhos, são inúmeras variações e assim que os lambes forem colados elas serão vistas, mesmo que ao lado de propagandas de banco, de lojas, e de todo tipo de serviço, papéis que já estão ali e continuarão ali por muito mais tempo.

A rua de Fernanda tem para ela um ar confortável e familiar, ela volta pra sua casa, e para compensar o dia cansativo ela decide aceitar o convite de sua amiga e ir a uma festa, ela merecia aquele agrado. Ela decide comprar então alguma coisa para comer no mercado da esquina antes de começar a se arrumar, e só por curiosidade aproveita para ver como estavam seus lambes, quando seus olhos encontram rasgos do papel que colou ali há pouco tempo. Sua primeira reação é de paralisia rápida, de segundos. O papel estava completamente furado, os furos pareciam a ela criados por faca, mas provavelmente foram causados por chaves duras demais contra o papel macio como a pele das mulheres que o estampavam. Bem poderia ser um caso isolado, mesmo que todos os outros lambes de anúncios estivessem intactos bem ao lado do seu.

Movida pela adrenalina desse encontro, ela decide então continuar até o fim da rua, com a nuca em brasa, e ver o que poderia ter acontecido com sua outra arte, que só tinha a frase “toda mulher merece amar outra mulher”. O calor passa e dá lugar a uma sensação gelada, esse papel também estava completamente destruído, fatiado, em especial nas partes em que estava escrito “mulher”. O esforço para destruir o

lambe colado pouco tempo antes fazia com que as palavras quase não pudessem mais ser lidas. O ódio naquela reação ao lambe era latente e Fernanda conseguia senti-lo, a rua que parecia pacífica não seria pacífica ao seu corpo? Quando estivesse sozinha ou acompanhada de outra mulher? Ela seria identificada como lésbica? Seu corpo seria passível de perfurações, rasgos e brutalidades como foi o papel?

Cena 2

Carol coloca uma blusa de botão larguinha, um short e um chinelo para ir a uma loja. Ela sai de casa animada em sua bicicleta, com seu cabelo curtinho balançando ao vento e seus óculos trepidando junto com sua bicicleta. Ela está determinada a comprar o primeiro enfeite da casa nova, que tenha sua cara, mas não só a sua como a de sua namorada também. Seria o primeiro item de decoração da casa, a primeira coisa cuja utilidade é somente deixar o ambiente bonito para elas. Desde que se mudou para morar em Maranhãozinho alguns meses antes, com sua namorada, ela começou a trabalhar muito na loja de conveniência do posto, para conseguir transformar a casa em um ambiente bom para se viver.

O lugar era tranquilo, e mesmo que elas fossem o único casal de mulheres da rua inteira, tudo parecia bem. A decoração ajudaria a passar um pouco dessa alegria de viver, da doçura, e da vontade de construir que Carol tinha para dentro da casa como dizia sua mãe. Carol então chega na loja e começa a olhar as prateleiras buscando o objeto perfeito, ela olha as opções, manda mensagem e foto perguntando qual a namorada gostou mais. Elas gostam de uma pequena estátua e Carol procura uma que não esteja com nenhuma parte quebrada, e finalmente encontra, missão cumprida! Ela volta para casa e coloca a decoração em cima da estante.

Sua namorada finalmente chega em casa, e Carol já quase precisa sair para trabalhar na conveniência do posto, mas não antes de perguntar o que a namorada achou da decoração. Ela responde que ficou ótimo, elas trocam beijos e risadas. Desde que foram morar juntas Carol sentia que a vida estava mais divertida de alguma forma. Mesmo tendo que trabalhar na loja de conveniência para ajudar a sustentar a casa, e sabendo que demoraria um pouco até conseguir entrar no Corpo de Bombeiros. A vida estava boa. Carol e sua namorada estavam apaixonadas e cheias de planos para o futuro, pouco importava quantos horas passaria trabalhando até

achar que a casa estava pronta. Um beijo de despedida, Carol pega seu celular e sua bicicleta e sai para trabalhar, sem saber que não conseguiria voltar para casa.

O movimento da escrita, acho que até o movimento da própria vida, você faz pra vencer a dor, ou pra vencer a morte. Acho que é o espírito de sobrevivência mesmo, o desejo de você agarrar-se à vida de alguma forma. Pra mim a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar à vida, né, porque você registra a vida, você inventa a vida, você discorda da vida e escrever, tem até um texto meu que eu digo isso, escrever é uma forma de sangrar, por que você(...) é porque é uma forma de sangrar mesmo e a vida é uma sangria desatada, né... (EVARISTO, 2020)

Ana Caroline Sousa Campêlo³², Carol, tinha cabelo curtinho como o meu, usava óculos como eu, morava com sua namorada como eu, ela no Maranhão e eu no Rio de Janeiro. Principalmente era uma “lésbica visível”³³, como eu. Temos semelhanças e diferenças, mas o que mais me motivou a escrever sobre Carol aqui é a possibilidade de a vida dela ser reduzida apenas à violência grotesca e banalizada do que lhe aconteceu, à sua tortura e morte brutais, cujos detalhes não vejo sentido trazer aqui. Busco em Conceição Evaristo, na citação acima, uma forma de falar sobre a morte de Carol, de tentar criar uma história para ela entre a realidade brutal do que aconteceu a essa mulher lésbica negra tão jovem, aos seus 21 anos, e a recusa de reduzi-la, a essa violência, recorrendo a ficção do cotidiano que pode ter vivido, ou poderia ter vivido se a tivessem deixado viver. Sua história vai continuar entre nós, lésbicas e quem mais quiser passá-la adiante.

Escolhi esses trechos de histórias reais misturadas com ficção, para começar a falar sobre porque ter espaços para mulheres lésbicas e mulheres que se relacionam com mulheres é importante ainda hoje. Histórias de luta, resistência, de violências invisíveis como a de Fernanda ou visíveis como a morte brutal de Carol, mas feitas invisíveis, ao não sair em jornais de grande circulação e nem mesmo em um grande

³² Notícia sobre o assassinato de Ana Caroline, Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/12/12/veja-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-da-jovem-de-21-anos-que-foi-encontrada-com-a-pele-do-rostro-couro-cabeludo-e-olhos-arrancados-no-ma.ghtml> Acesso em: 14 dez. 2023.

³³ “Lésbica visível” é um termo utilizado dentro da própria comunidade lésbica para se referir às mulheres lésbicas que são facilmente reconhecidas como lésbicas, geralmente são mulheres que não performam os estereótipos de gênero entendidos socialmente como “feminilidade” ou tido como femininos. Dentro da comunidade essas mulheres lésbicas são chamadas também de “desfem”.

número de páginas e perfis online sobre a militância LGBTQ+ ou de figuras públicas do movimento LGBTQ+. Essa notícia circulou de forma quase que exclusiva em meios de comunicação e páginas de mulheres lésbicas, bissexuais e de mulheres que se relacionam com mulheres, páginas de onde partiu também a indignação e o pedido de justiça e até mesmo algum tipo de investigação sobre o acontecido.

Os acontecimentos envolvendo a morte de Ana Caroline Sousa Campêlo³⁴ e a mobilização, principal e quase que exclusivamente da nossa comunidade, parece que apontam na direção de que, nós lamentamos nossas mortes, nós enxergamos as violências “invisíveis” e outras escancaradas, mas que não ganham holofotes, nem grande escala mesmo dentro da própria comunidade LGBTQ+. Nessa lógica social em que nossos corpos podem ser considerados invisíveis e tão abjetos que nem mesmo nossa morte tenha o poder de aparecer como absurdo, enxerguei os lugares pensados para receber mulheres sapatão como uma tentativa de sobrevivência.

Digo isso porque dos aspectos que mais se destacam logo de cara são relacionados a um certo nível de segurança, conforto e pertencimento em comparação com outros lugares de sociabilidade não específicos para mulheres lésbicas, como aparece no trecho da entrevista de Fernanda, a seguir:

Fernanda: “Então porque elas são mais comprometidas [a organização do evento] né, tipo elas te oferecem um evento que é para você, no caso, né tipo um evento que te complementa né? Assim não que te completamente, mas acho que dialoga com o que você é, na maioria das vezes, e acho que tá disposta a caso aconteça alguma coisa. então é o que você espera, no caso, né; Tipo se você vai numa festa assim, se acontece alguma coisa falando de segurança especificamente que a gente tá nisso, o que eu espero dessa organização é que eu possa contar com ela, então dessa produção tipo da segurança que sejam capacitadas para lidar comigo, tipo, pensando também não só sendo uma mulher lésbica Branca, mas se acontecer um caso de racismo, se acontecer um caso de uma transfobia tipo se é uma mulher lésbicas trans, que as seguranças estejam aptas a lidar com pessoas trans, que as seguranças estejam aptas a lidar com mulheres negras. Então [...]tipo que essa festa também saiba lidar com todos, com um público dela sabe? Tipo que essa festa saiba lidar com casos de assédio entre mulheres, que essa festa saiba lidar com relações abusivas entre mulheres porque tem muito também, que outras festas não tão interessadas sabe? Que tipo outras festas e outro bares só querem saber ganhar seu dinheiro, e aquela história de tipo “marido e mulher não se mete a colher” e eu acho que se a gente quer mudar isso como um plano mesmo de sociedade sabe, se a gente está

³⁴ Trago aqui uma notícia veiculada pelo G1 Maranhão, uma das poucas veiculadas, todas em meios digitais. Eu mesma fiquei sabendo da notícia de páginas lésbicas do Instagram, que comentavam sobre o fato de ser absurdo um crime com esse nível de barbárie só ser noticiado, mesmo que em pequena escala, dias depois do ocorrido. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/12/12/veja-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-da-jovem-de-21-anos-que-foi-encontrada-com-a-pele-do-rostro-couro-cabeludo-e-olhos-arrancados-no-ma.ghtml> Acesso em: 14 dez. 2023.

disposta a mudar isso no nosso dia a dia, a gente vai ter que estar disposto a mudar isso numa festa também quando acontece algum caso dentro da festa a gente vai ter que estar disposto a meter a colher, a mudar, a dialogar com os casais. Ou com não só casais, mas enfim com as pessoas que brigam, com amigos que se, sei lá, tiveram um conflito[...] a gente vai ter que mediar também, não é só olhar e falar “ah eles que brigam eles que se resolvam” sabe, é tá disposto a lidar com isso acho que isso é mais importante” (Entre colchetes minhas adições)

Complementando a fala de Fernanda, Carol também traz de suas experiências em festas voltadas para mulheres:

-Carol: “Nas duas vezes eu me diverti horrores assim e tipo cara, eu tô num ambiente tocando pagode e tipo não tinha ninguém para passar a mão em mim! Cara fiquei assim “Ãh??” Não tinha ninguém pra me puxar pelo braço na hora que eu tô indo no banheiro, me puxar pelo braço e “Vem cá” porque homem gosta dessas coisas, esses tipos de abordagem sutil né? Pega e puxa pelo braço, pega pelo cabelo. É aquela coisa né romântica, aquela coisa que sexy né, [fala ironicamente] cara tava me divertindo sabe eu tava ali tipo dançando com a minha mulher tudo bem que eu faria, eu faço isso em qualquer lugar, mas ali eu não precisava me preocupar se teria alguém olhando com olhar ou de desejo ou de nojo ou de tudo bem que isso não é exatamente uma preocupação. Mas você percebe, isso e te incomoda se você percebe.” (Entre colchetes minhas adições)

O conforto ou o desconforto, a sensação de segurança ou não, também vão se modificando através de como os espaços são construídos, a forma como os eventos são realizados, o público e o lugar:

Katurrita: “E aí quando eu vim aqui quando eu conheci o Boleia não era novidade para mim, entendeu? Mas era um local assim que a gente sentia assim um pouco mais confortável, de se acariciar, se sente um pouco mais segura, entendeu? Por exemplo a Lambe quando a gente começou a frequentar que eu fui nas primeiras festas da lambe. Só tinha sapatão, só tinha mulher!

Eu: O sonho!

Katurrita: E agora não mais, agora você vê homem hétero entrando, gay entrando. Eu não acho nem que teria problema os gays entrar, porque a sapatão sempre tem seu amigo gay né. Mas por exemplo quando a gente foi na *Lambidinha*, você foi na... você foi, que foi nosso último role. Meu amigo viado que tava na fila falou: “Eu não vou entrar aí não, quero pegar homem. Vou fazer o que aí com vocês, tudo sapatão? Ah não! Pelo amor de deus é muita buceta junta, vou pra outro rolê.” E ele foi para o rolê de viado, então, ou seja, os homens que a gente vê, na maioria né, não vamos generalizar, mas são homens héteros né, eles estão fazendo o que ali?”

Apesar desse ponto de partida compartilhado sobre as vantagens de se estar numa festa “para mulheres sáficas”, fui reparando ao longo das entrevistas que as

percepções de cada uma delas se entrelaçava diretamente com a experiência do entendimento da própria sexualidade e dos meios que frequentavam quando foram se entendendo como sapatão/lésbicas, por isso acho que será interessante compartilhar com vocês uma parte da história de cada uma dessas mulheres para continuarmos a análise das pistas encontradas ao longo das entrevistas.

Katurrita, por vir de família muito religiosa, demorou bastante tempo até entender o porquê de não se interessar por homens como suas amigas. Quando pergunto como ela se entendia com relação a sua orientação sexual, ela fala que se apaixonou aos 7 anos por uma vizinha 2 anos mais velha que ela, e que elas juntas resolveram contar para as respectivas mães que: *a gente se gosta, a gente não vai casar e a gente vai morar junto quando a gente crescer*. Esse comunicado gerou uma revolta nas duas mães, fazendo com que para Katurrita isso significasse uma surra e para a outra menina isso significasse mudar de cidade pouco tempo depois. Essa sinceridade infantil com relação ao próprio desejo, que se expressava através da afetividade, e a repressão que a acompanhou, fizeram com que Katurrita entendesse de alguma forma que a heterossexualidade compulsória existia, como nos traz Adrienne Rich (2012):

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. Ela inclui, certamente, isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres. Ao nosso próprio risco, romantizamos o que significa amar e agir contra a corrente sob a ameaça de pesadas penalidades. E a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal o que tem sido colocado à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade, a coragem e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação e a dor. (RICH, 2012, p. 36)

Katurrita conta de outras punições sofridas por elas pela transgressão de se interessarem uma pela outra:

Katurrita: “Sabe o que a minha mãe fez? A minha mãe trouxe o meu primo que era 4 anos mais velho pra entre aspas namorar a minha vizinha que eu gostava, eu via e ficava enfurecida. Eu e ele, a gente se engalfinhava de rolar no chão, de porrada, porque ela já tinha 9-10 anos, ele tinha 11-12 anos, então ele tava entrando na adolescência, já tava naquela fase de tipo “pegar meninas né”. E aí ia ficando com ela. E aí eu achei que eu ia ser freira na

adolescência porque eu não tinha pretensão nenhuma de casar, ou de ter um marido, nada disso. Mas eu não tinha consciência. Ao longo do tempo eu fui perdendo a consciência [que essas coisas tinham acontecido] e tentando me adaptar cada vez mais, então eu sempre achei que eu era hétero. Até que eu encontrei uma pessoa também [*um rapaz*], demorei a perder a virgindade, acho que eu já tinha 20 anos uma coisa desse tipo”

E eu *achando toda essa história muito violenta* pergunto: A sua mãe, por exemplo, não entendeu essa coisa que ela fez de chamar o seu primo pra ficar com sua amiguinha, que era sua paixão da época, como uma violência?

Katurrita: Óbvio que não.” (Entre colchetes minhas adições)

Com muita eficiência a heteronormatividade foi enraizada em Katurrita através desse e de, muito provavelmente, outros acontecimentos em sua vida. Como nos traz Preciado (2013) ninguém foi a defesa dessa criança “*queer*”, como ele fala em seu texto, mais especificamente, nesse caso, ninguém saiu em defesa da criança sapatão pelo seu direito de imaginar um mundo em que ela pudesse existir.

A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos. Se você não é heterossexual, é a morte o que te espera. (PRECIADO, 2013, p. 98)

Essas intervenções heteronormativas fizeram com que Katurrita acreditasse que suas únicas opções eram ou *se casar com um homem ou ser freira*, e ela traz que a vida religiosa de certa forma era mais “confortável” por gerar mais aceitação do que o fato dela ser uma mulher que não se interessava por homens.

Katurrita seguiu dizendo durante a entrevista que, posteriormente, sua mãe interveio sobre a escolha desse caminho religioso, e a incentivou a estudar ao invés disso. E ela, após sair da prática mais recorrente na igreja, se viu novamente nessa obrigação de casar-se com um homem, conheceu um rapaz e se casou com ele.

O **mofo** em Katurrita era tão eficiente, que somente depois de 10-11 anos se relacionando com seu ex-marido, ela revisitou os seus sentimentos e acabou se apaixonando por outra mulher. Depois de muito relutar se separou dele com 30 anos de idade. Katurrita diz que foi considerada bissexual pela primeira mulher com quem teve um relacionamento, pelo fato dela ter sido casada durante muitos anos com um homem, e essa nomeação vinda externamente era o que ela aceitava naquele momento. No trecho a seguir ela comenta um pouco mais sobre esse momento:

Katurrita: “Eu tive que viver outras coisas e ela achava que eu era bi, e para ela era uma questão eu ser bi, só que eu...e eu achava também porque se

ela que era sapatão e tava dizendo que eu era bi, então eu era bi. Não importava o que eu sentia não entendeu?

-Eu: Isso porque você já tinha sido casada com o cara então...?

- Katurrita: Então eu era bi! E aí eu fui ficar com outras mulheres, continuei fazendo terapia. Depois que eu me apaixonei pela minha primeira mulher, que eu não consegui, em que eu tipo assim: “não consigo mais esconder isso sabe” que eu gostava de mulheres, eu nunca mais tive qualquer relação com homem, então enfim. E aí eu casei, mas enfim me relacionei com várias mulheres e tal, então eu sou lésbica mesmo, me identifico enquanto lésbica e eu não acho que eu seja Bi ou nada disso mas eu quis, meio que contextualizar essa história toda.”

Katurrita traz duas coisas interessantes nesse trecho: tanto como o processo de fazer terapia foi importante para que ela se entendesse com relação ao seu lugar no mundo e sexualidade, mesmo que em alguns momentos tenha sofrido também violências nesse espaço como trazido anteriormente no texto. Inclusive, ela encontrou uma deslegitimação no próprio relacionamento lésbico, pois sua primeira parceira não a entendia como *lésbica*, por conta de sua história de casamento de muitos anos com um homem. A esse respeito, ela identifica que sofreu um processo de heterossexualidade compulsória e traz que essas dificuldades são transgeracionais:

Katurrita: “E não importa hoje, as meninas de hoje ainda tem isso hoje. É o que eu converso com a minha prima que tem 20 anos né, que se descobriu com 17, eu fui no aniversário dela de 15 anos e cara, eu já era nítido que ela era sapatão, mas ela tava lá vestida de princesinha, super desconfortável no vestido. Ela ainda não tinha consciência disso, que ela era sapatão. Ela só foi descobrir dois anos depois quando ela se apaixonou por uma mulher. Então tipo eu meio que vi o que eu vivia na minha prima sabe, e pra você ter uma ideia ela veio na minha casa. Ela dormiu na minha casa e é São Paulo sabe, não é interior de nada, é São Paulo. Ela veio e dormiu na minha casa e ela não se ligou que eu e a minha ex-mulher éramos um casal, não passou pela cabeça dela que a gente era um casal.

Eu: Vocês eram tipo amigas que moravam juntas, rs?

Katurrita: Mas tinha só uma cama de casal entendeu. ela dormiu no sofá eu dormi junto com a minha esposa e ela não se ligou que a gente era um casal. Eu fui conversar com ela outro dia ela não se ligou. por que que ela não se ligou sabe?!

Eu: Não poderia ser um casal

Katurrita: Não poderia ser um casal.”

Essa percepção de que, ainda hoje em dia, as questões de ser uma mulher que se relaciona com outras mulheres passa por dificuldades com relação a aceitação,

não é compartilhada por Carol, mulher negra de Niterói, cabelos longos, aos seus 40 anos se entende como uma “sapatão feminina”. Ela, uma mulher um pouco mais velha que Katurrita, teve uma experiência bem diferente de entendimento da própria sexualidade. Ela fala de ser sapatão nos anos 1990 e que era muito difícil na época ser “GLS³⁵”, pois não existiam espaços que ela frequentasse para lésbicas em si, apenas para homens gays. Ela diz que por conta de seus pais sempre terem tratado a questão de sua sexualidade com naturalidade, ela mesma não percebia grandes dificuldades em se identificar como sapatão:

Carol: “Era uma coisa, não era um problema na minha família. Sabe tipo minha mãe e meu pai vieram conversar comigo eu tinha 12 anos, sei lá 13.

Eu: Novinha

Carol: É, pra me explicar sobre sexualidade, que tava tudo bem, que não era um problema, que eles não iam deixar de me amar e não sei o que. E aí obviamente meus pais eram loucos né, eu sou de 83 então eu tô falando de uma adolescência anos 90, ninguém falava muito sobre isso, e paralelo a isso eu tinha um amigo que é afilhado do meu pai inclusive que é gay e o pai dele tipo cara: “Vou te matar”. Tipo assim. “Te botar pra fora de casa”. E de fato botou. Ele era tipo “Fala direito, fala mais grosso.” Então pra mim era muito esquisito que eu tivesse tanto apoio e considerando o contexto na época, e aí depois aos 16 eu me tornei bissexual porque eu achava que eu não precisava me limitar. Eu falei “Po, mas como é que eu vou saber que eu não gosto, será que eu não gosto mesmo?” Então vou me explorar sexualmente, e aí eu fiquei como bissexual até meus 20- não vou saber 21 por ali, até que... porque pra mim sexualmente falando era muito mais rápido e muito mais prático ficar com homem, muito mais fácil. E eu como sapatão feminina era tipo cara tinha que suar muito, tinha que aprender a chegar na mulher e tal, e eu era sempre a amiga do gay. Ninguém olhava pra mim como uma opção né.”

Acho interessante, como já havia trazido anteriormente, essa perspectiva de que “transar com homens seria uma coisa mais fácil ou acessível” para uma sapatão no processo de descoberta da própria sexualidade. Carol diz que a princípio no cenário entre *sair no 0 a 0* e *sair com um cara*, fazia mais sentido para ela à época *sair com um cara*, já que nos ambientes de mulheres que se relacionavam com outras mulheres que ela frequentava, ela não era lida nem mesmo como uma opção para as outras mulheres, *por ser muito feminina*. Ela diz que por conta dessas dificuldades se definiu como bissexual até os 20 anos, quando ela parou de ver sentido de se relacionar com homens, já que segundo ela mesma *não fazia mais sentido porque nem prazer eu tinha, então era só ocupar um tempo*. E o que me parece mais

³⁵ Antes da mudança para a sigla “LGBT”, era utilizada aqui no Brasil a sigla GLS em que se tratava respectivamente de Gays, Lésbicas e Simpatizantes.

interessante sobre esse relato é que Carol não enxerga as experiências com homens como “negativas”.

Olhando mais de perto essa diferente perspectiva trazida por Carol, em contraste com a minha experiência e a de Katurrita, me parece apontar para que a maior aceitação familiar por parte de Carol, que não sofria imposições tão duras com relação a própria sexualidade, refletisse na percepção dela sobre poder gostar de mulheres se relacionando com homens e sendo mais “feminina”, o que posteriormente a ajudou a chegar na conclusão de ser sapatão de forma aparentemente mais “tranquila”. Não me parece que os conflitos desapareceram, mas sim, passaram da família e de Carol para as outras mulheres, que a olhavam com mais desconfiança, até o momento dela conseguir de fato se afirmar como sapatão. Acho importante ressaltar também que ser uma *sapatão feminina*, como Carol mesmo fala, na década de 1990 e hoje em dia podem ser experiências muito diferentes, principalmente nesses dois grupos em que realizei o campo. Existe um esforço de afirmação de diferentes formas de ser sapatão, o que acaba por se refletir em performances diversas por parte das mulheres, e também existe um esforço de afirmação da existência e de não discriminação de mulheres transsexuais nesses espaços, o que nem sempre acontece em todos os espaços lésbicos³⁶. Quando pergunto para Fernanda sobre desde quando ela se entende como lésbica ela ri e fala que *desde sempre*, mas que tomou consciência de fato um pouco mais tarde:

-Fernanda: “Hmmm...sei lá uns 14 anos, uns 14-15 que eu entendi, acho que é o mesmo tempo que eu entendi, eu entendi que eu não tinha espaço onde eu tava assim sabe [com relação a onde morava]. Mas [...] não era uma questão, então eu sempre tava muito tranquila com isso assim só que eu entendi... eu nunca tinha me apaixonado por outra mulher então eu me achava meio assexuada. Com 12-13 anos e eu comentei com a minha mãe tipo “Ah, que besteira né?” e a minha mãe ficou tipo assim: “Ué? Mas tu não acha os menino interessante?” eu falei “Não né bobagem!”. Daí a minha mãe falou tipo “Então tu acha o que então?” E daí eu fiquei tipo “Não acho nada” daí ela falou “Ué o que que tu é então?” daí eu falei “Eu não sei eu acho que eu sou assexuada” e daí ela ficou “AHN”

Eu: O pânico com uma criança de 12 anos!!

Fernanda: Aí eu tinha uns 12-13, e aí quando eu tinha 14 eu andava com pessoas mais velhas eu andava tipo sei lá com as meninas de 16 anos assim, e aí tinha uma menina que era muito apaixonada por mim, só que eu não era por ela, e eu achava que eu não era por mulheres porque eu não era por ela. Até que eu conheci uma menina e eu me apaixonei por ela, e aí eu entendi que eu era uma mulher lésbica, porque eu me apaixonei entendeu? E como

³⁶ Não me aprofundarei na questão das mulheres transsexuais nesse texto, mas achei importante trazer que quando digo “mulheres” incluo tanto as mulheres cisgêneras quanto as transexuais.

eu nunca tinha me apaixonado por nenhuma outra pessoa, tipo por nenhuma outra menina. E aí eu entendi que essa possibilidade existia, mas nunca foi uma grande questão porque eu sempre entendi que eu era uma pessoa diferente, mas eu nunca me julguei por isso também, então sempre foi um processo que tipo eu sempre me acolhi. É sempre foi ok, eu sempre vivi numa cultura de muita diversidade também então não era uma questão uma pessoa ser diferente da outra sabe. Tipo sempre foi muito bem recebido dentro da minha cabeça porque eu fui construída nisso assim, então a minha diferença também era uma coisa bem comum. Então é isso sempre fui.”

Fernanda conta que sua inserção nos espaços mais abertos para ela expressar sua sexualidade aconteceu por poder acompanhar uma prima dela que era mais velha e frequentava espaços mais alternativos. Diz que era uma pessoa que sua mãe gostava e por isso tornava as saídas mais fáceis. A mudança de Santa Catarina para Porto Alegre veio consolidar uma liberdade maior, uma vontade de fazer faculdade e de descobrir mais sobre sua sexualidade, que encontrava dificuldades maiores em ser vivida no lugar onde ela morava antes. Ela conta que, depois da mudança, e por tantas outras mudanças, e *por ter se jogado nessas experiências* ainda bem jovem, acabou vivendo um período muito intenso de sua vida, em que precisava trabalhar em vários lugares para se sustentar morando em uma outra cidade em um pensionato com outras 40 mulheres, fazer faculdade e poder experimentar as coisas também ligadas à sua sexualidade que antes não tinha acesso.

Fernanda traz que apesar do entendimento de que gostava de mulheres, o *momento em que começou a se ver como lésbica*, foi aquele em que conseguiu se estruturar mais com relação a alguns aspectos importantes: sua vida financeira, uma moradia mais estável e o início de uma militância política:

Fernanda: “Aí depois eu fui morar sozinha isso era 2014, em 2015 eu fui morar sozinha e aí eu adotei a Rose [sua gatinha]. E aí eu já comecei a trabalhar num tipo de carteira assinada, num estúdio. E aí a minha vida virou do avesso, porque eu já trabalhava e estudava já preenchia 100% do meu tempo, e aí meio que sei lá tipo virou assim, não era mais a mesma pessoa de antes. E aí os meus ciclos mudaram também tipo a visão que eu tenho sobre esse ciclo de lesbianidade em Porto Alegre mudou. E eu acho vale falar que no fim de 2015 eu entrei na militância do PSOL, e aí foi onde eu talvez eu tenha conhecido muitos LGBT, e foi aí que eu comecei a militar nessa pauta. E aí começa mais a minha lembrança de tipo, ver essas pessoas, conhecer essas pessoas, andar nesse ciclo assim e aí eu acho que aí eu posso falar mais de memória mesmo sabe, de tipo me reconhecer mais como mulher lésbica mesmo, talvez. E aí eu comecei a frequentar mais esses espaços, eu comecei a organizar a parada LGBT de Porto Alegre, e era sempre assim só eu e a Claudia de mulheres, e tipo mais uma mulher lá sabe?

-Eu: Na parada toda?

Fernanda: Na organização da parada em si. Mas na militância, assim, falando de mulher lésbica mesmo era tipo 3 ou 4. Sendo que era eu e a Claudia minha melhor amiga, e mais duas ali tipo, uma perdida ali, uma perdida lá sabe? E era tipo sempre essa sensação onde estão as mulheres lésbicas né, tipo principalmente dentro dessa militância? Que que a gente tá fazendo? Onde que a gente tá? E aí tinha sempre uma sensação também de que tipo as mulheres tinham sempre um padrãozinho, sabe tipo eram sempre o que eram muito mais para Claudia assim, que eram mulheres caminhoneiras, que chegavam e todo mundo já botava um respeito sabe. Eu era muito feminina."

Nota-se, após a exposição de vivências e percursos das mulheres entrevistadas, que a questão dos padrões de feminilidade e masculinidade aparecem nas três entrevistas, o que me chama bastante atenção. Acho importante aqui dizer que quando falo de feminilidade e masculinidade estou falando de performance, principalmente estética, e da forma como essas mulheres se sentem confortáveis para estar no mundo. Isso não quer dizer que as mulheres que não performam feminilidade vão "agir como homens" e vice-versa. Na fala de Fernanda a feminilidade nela aparece como uma forma de ser menos respeitada *em comparação com uma sapatão mais caminhoneira*, e que era mais levada a sério nos círculos em que Fernanda frequentava. No caso de Carol, aparece como uma forma dela em muitos momentos não ser lida como uma possibilidade afetiva/sexual com relação a possíveis parceiras. E Katurrita, em certo momento de sua entrevista, também traz que flui entre mais "masculinidade" ou "feminilidade" dependendo de sua vontade no momento, mas que quando se assumiu mesmo como sapatão, quis raspar a lateral da cabeça como uma forma de ser lida como sapatão nos seus círculos.

O fato de as mulheres que estão "fazendo esses grupos acontecerem" serem lésbicas que performam mais feminilidade, acaba trazendo as questões que elas têm com relação à performance delas³⁷. As questões relacionadas à performance e a reprodução de comportamentos heteronormativos tem sido bastante levantadas por algumas mulheres desses grupos que acompanhei no campo, assim como em comunidades lésbicas, sobretudo de mulheres "desfem"³⁸. E nesses ambientes dos

³⁷ Acho interessante trazer aqui alguns estudos que abordam um pouco mais essas interessantes questões com relação a performance de feminilidade e masculinidade dentro do meio lésbico "De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro (2007)" de Andrea Lacombe traz as complexidades de "mulheres lésbicas masculinas" que acabam por reproduzir muito do comportamento heteronormativo e as quebras a essa reprodução. Assim como em "Entre umas e outras: Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo (2008)" de Regina Facchini também traz uma visão sobre vários tipos de performances diferentes e como elas se embaralham e as vezes se endurecem.

³⁸ Indico uma busca mais aprofundada sobre o assunto, como um bom ponto de partida para esse caminho das problematizações relacionadas a lésbicas que não performam feminilidade recomendo o podcast SapaJusta número 57 "Desconstruindo estereótipos de Lésbicas desfem" em que duas

grupos essa reprodução heteronormativa tem sido colocada como uma armadilha para mulheres lésbicas, já que favorece a reprodução também de *comportamentos problemáticos*, como trazido anteriormente no texto em um piquenique que aparece no capítulo 2. Nessa cena, algumas mulheres do grupo estão conversando sobre como as incomoda o fato de que, mesmo sendo *aceitas* em seus ambientes familiares e círculos de amizade, quando esses círculos não são de mulheres lésbicas, as pessoas acabam por tratá-las como se elas fossem ter os mesmos interesses ou as mesmas atitudes de homens, como por exemplo inclui-las em momentos de objetificação de outras mulheres, tentar conversar sobre “churrasco e futebol”.

Outro aspecto que aparece bastante como um incômodo nas entrevistas para as três é que por elas se alinharem mais com aspectos da feminilidade, são lidas como hétero, e isso ainda é dito como forma de *elogio* vindo tanto de homens quanto de mulheres LGBTQ+ ou não. Como se fosse “uma coisa boa não parecer sapatão”, e como se precisasse haver uma confirmação simbólica de pertencimento ao mundo heteronormativo.

Fernanda traz, por exemplo, em sua entrevista, que por ser lida como hétero também já foi abordada algumas vezes de *formas horríveis por homens em ambientes de festa*, principalmente quando era mais nova e antes de vir para o Rio de Janeiro:

Fernanda: “Eu já vivi situações muito ruins em festas de tipo, eu já fui agredida numa festa por ser lésbica por um cara, que ele me bateu quando ele soube que eu era lésbica, e eu só fui perceber que eu tinha apanhado quando eu cheguei em casa, porque tipo na hora eu relevei, tipo e isso, eu tinha 18 -17 anos.

Eu: Isso era uma festa...hétero? Ou uma festa LGBTQ?

Fernanda: Não, era uma festa x assim, aleatória. E eu fui depois de trabalhar, tava trabalhando no bar. Fui depois de trabalhar tava sóbria tinha acabado de chegar e uma amiga minha tava muito bêbada e chegou um cara tipo muito hétero, gola polo e falou assim “Oi posso saber teu nome?” Eu tava muito cansada, tipo eram 3 horas da manhã tava trabalhando até 2:30h. Eu trabalhava de bartender, e essa casa noturna era literalmente na frente do bar. Daí eu fiquei tipo assim: “Cara não.” E daí ele falou assim: “Poxa eu não posso nem saber seu nome?” Eu falei “Não cara, eu tô de boa, quero ficar de boa.” E aí ele enche o saco um pouco assim, aí nisso chegou minha amiga, e ela era realmente era só minha amiga, e ela tava muito bêbada. E aí eu olhei para cara dela e falei tipo: “Cara me tira dessa situação?” E aí ela entendeu que me tirava dessa situação era me dar um beijo! Só que ela fez isso na frente dele, e ele começou a gritar e falar tipo “Ah entendi o que tu é, tu é uma puta, é isso que tu é nananana.” Começou a me xingar muito, e aí enquanto ela tava me beijando porque eu fui pega totalmente de surpresa. Ele tava gritando e eu não tava entendendo nada, ele me deu um soco na cara,

mulheres lésbicas que se apresentam dessa forma falam bastante sobre o assunto. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7GtCLNzbk2zT66Fe4BJIDe?si=L10haweaRlu-2n-crmRI5g>. Acesso em: 14 abr. 2023.

enquanto ela tava me beijando, e aí o meu corpo fez assim para trás, e eu voltei e ele saiu. E aí... enfim foi isso! Na hora eu retribui o beijo e olhei pra cara dela e falei “Cara tu tá muito bêbada, e eu acho melhor tu terminar de beber o que tu comprou e pegar um táxi e ir embora.” Porque ela tava tipo muito mesmo assim, e foi isso que aconteceu, eu botei ela num taxi e fui a pé pra casa e tipo isso é, a minha casa era relativamente longe do lugar ainda, enfim. E aí a segunda questão foi, a partir, nesse dia, eu não... eu fui a pé pra casa e eu não pensei no que tinha acontecido, eu acordei com tudo muito dolorido.

Eu: Foi um soco mesmo não foi de raspão?

Fernanda: Foi! Tudo muito dolorido, e aí eu entendi que eu tinha sido agredida. E aí acho que tipo a partir desse momento eu entendi que eu era também uma mulher lésbica, acho que foi uma nova percepção, e eu lembro que eu fiz um texto sobre isso que eu entendi qual era o sentimento da minha mãe quando ela disse que tinha medo de eu ser uma mulher lésbica, perante as coisas que eu poderia sofrer, e que isso era uma das coisas que eu poderia sofrer. E que isso tudo tipo mudou muito a minha percepção das coisas, e que a partir daí eu não ia mais ser uma pessoa passível, sabe, de agressões. E eu acho que essa virada de chave me fez sempre reagir depois disso. Aí muda para: em situações assim nas festas, daquele momento em diante, eu comecei a reagir muito. Teve uma situação numa festa, aí eu estava muito bêbada, eu estava beijando uma menina e eu senti uma barba entrando no meu beijo, e eu dei um soco na cara do homem. Tipo eu fechei minha mão e dei um soco na cara dele ao ponto dele voltar com três pessoas e um saco de gelo na cara pra me bater. E aí a minha reação foi olhar para segurança e tipo “tira ele daqui” e ele saiu da festa, mas assim sabe, tipo assim, eu lembro de poucas coisas daquela noite, mas assim eu lembro da minha mão enchendo a cara dele, e pensando eu nunca mais vou aceitar esse tipo de coisa, eu nunca mais vou aceitar uma barba entrando na minha cara. E assim é a situação dar um soco? “Não!” Mas eu vou agir assim.”

Importante não idealizar o universo investigado como supostamente livre de padrões ditos masculinos e de violências. Aspecto que se apresentou no campo, como no dia em que presenciei uma briga entre mulheres pela primeira vez, mostrando que mulheres sáficas podem reproduzir comportamentos e discursos machistas.

Fui ao banheiro e tinha uma filazinha, a primeira da noite. Duas meninas entraram no mesmo box e começaram a se pegar. Era visível, não era fechado embaixo nem em cima na cabine, só o meio ficava para a imaginação. Como esse tipo de coisa sempre acontece eu não estava ligando, ao contrário de uma menina que estava na minha frente, que resolveu começar a brigar com as duas que foram se pegar no banheiro. Essa menina mandou as duas saírem, que ela precisava usar (mesmo tendo outras cabines que na hora estavam ficando desocupadas). As meninas a princípio ignoraram, mas ela continuou até que elas saíram falando pra ela parar (de ser empata foda). A discussão delas foi aumentando e elas começaram a crescer fisicamente uma para cima da outra. Fiquei perplexa, só tinha visto macho fazendo isso antes. Uma segurança entrou no meio e separou elas antes que comessem a cair na porrada de verdade e tirou elas do ambiente, uma das meninas do casal começou a falar alto com as outras que estavam próximas e eu lembro de ter falado algo como “que onda errada é essa” e a menina respondeu dizendo que a garota que queria puxar a briga tinha falado que ela era do exército, que não ia aceitar calada. (Trecho do diário de campo 30/04/23)

A forma como a produção do evento lidou com a briga dessas duas mulheres, levando a sério e tomando providências com relação ao ocorrido me faz pensar que, mesmo com meu desencantamento com relação ao que seria um “rolê lésbico, perfeito, militante, seguro”, ainda existe uma grande diferença entre estar num ambiente voltado para mulheres, ou num ambiente mais hétero, onde uma briga entre mulheres como essa seria ridicularizada ou ignorada. Fernanda, em sua entrevista, traz um episódio com relação a esse tipo de comportamento agressivo praticado por mulheres, que normalmente atribuímos apenas a homens:

Fernanda comentando sobre uma festa da Lambe em que estive: “Teve uma menina que segurou na minha mão ao ponto de eu fazer assim [faz um gesto de jogar a mão pra baixo com força], e ela não largar. Eu tava passando com minha amiga e ela tipo ela segurou eu fiz assim, e tipo ela continuou segurando. E eu falei tipo: “Tá maluca?!” E daí ela falou assim “Ah te achei muito bonita”, eu falei: “Ah! E é assim que tu aborda?” E daí ela só fez tipo[dando de ombros], eu bati [a mão] e eu falei “Assim que tu aborda?!” E aí eu saí andando e daí ela ficou parada assim. Daí minha amiga falou “Ah amiga...” Aí eu falei “Maluca da porra”, ainda dei um grito sabe. E eu acho que isso, tipo, cara foda-se o que vai pensar sabe, mas é isso, tipo não gosto, tipo não, não quero e vou ser agressiva porque não quero mais voltar para essa situação sabe, é meio reativo. E aí claro, só que a diferença é: na Lambe eu vou ter um acolhimento, tipo, se isso acontecer sei lá na Lapa, o máximo que foi a menina riu, as pessoas ficaram “ah” e ficava naquele negócio tipo as pessoas ficaram “Ah é Lapa”, tipo, ela tá doida! [nesse trecho Fernanda comenta sobre outra situação que viu de assédio entre mulheres na Lapa, em que as pessoas ao testemunharem o momento acharam engraçado, ao invés de preocupante]. Tu quer um curso de quatro aulas sobre assédio? Sabe, porque geralmente, sei lá né, a gente pode te dar se tu quiser, pra tu entender que o que tu tava fazendo é errado. Mas eu acho que tem essa conscientização diferente sabe que é uma coisa que nunca ia acontecer na Lapa, tu acha que o bar que elas tavam vai ligar pro que aconteceu?” (Minhas adições entre colchetes)

Esses embates, desconfortos e situações violentas parecem culminar em um certo alívio em encontrar espaços voltados para mulheres sáficas, e mesmo quando situações de embate acontecem nesses ambientes com relação a outras mulheres, parece que existe uma maior sensação de segurança nesses territórios. Atribuo isso a como Fernanda trouxe anteriormente de que nesse espaço existe minimamente uma preocupação específica com as mulheres, de que não chegue a acontecer uma agressão da parte de um homem, ou de que um homem indesejado entre em um beijo de duas mulheres, mesmo que a reprodução de comportamentos heteronormativos ainda aconteçam nas festas, e que a presença expressiva de homens possa se apresentar como um fator de maior desconforto.

Os ambientes como as festas e os piqueniques, por exemplo, aparecem como “refúgios” (BONA,2020). A princípio entendia que esses lugares “seguros” para as

sapatão seriam o que eu havia chama de “bolhas sáficas”, mas esse conceito foi revisto na qualificação e recebi a indicação de Dénètem Touam Bona, através de seu livro “Cosmopoéticas do Refúgio” (2020). O livro em si fala sobre muitos assuntos, mas o principal deles é a de criação de refúgios, resistência aos processos de escravização colonialista, bem como de resistência ao capitalismo, através da criação de refúgios. Bona (2020) traz a noção de que os processos de criação de refúgio e fuga da captura do poder colonialista, racista e heteronormativo, são simultâneos. Não existiriam “bolhas” de segurança, existiriam processos de resistência e fuga que seriam capazes de criar “refúgios sáfico”, sempre em questionamento, tensionamento e movimento. É sobre a construção desses refúgios que me debruço nesse trabalho, além de focar nos trânsitos e territórios que produzem os corpos, as lutas e as resistências cotidianas.

3.2 Pista 2 *saber andar*: territórios, trânsitos dos corpos, afetos e sentidos.

Assim como consegui visualizar melhor minhas andanças através da materialização do meu mapa, indo e vindo dos rolês, considerei que seria uma boa ideia propor às minhas interlocutoras que construíssemos juntas um mapa de afetos dos rolês sapatão delas, num molde parecido como tinha feito o meu, mas onde pudessem imprimir as suas próprias experiências e os seus afetos. Elas pareceram achar engraçado a ideia de construir de fato “um mapa delas”, mas toparam. Disponibilizei diferentes cores de canetas para que marcassem da forma como achassem melhor cada um dos lugares que escolhessem colocar no mapa. Também avisei no início do processo que se houvesse algum lugar que elas quisessem marcar e que não estivesse no mapa, poderiam fazê-lo, e as três escolheram adicionar locais que não estavam ali anteriormente, cada uma um território diferente. Notei também que como principal ponto de convergência entre as minhas três interlocutoras estava o centro do Rio de Janeiro e o Boleia como territórios que já tiveram, ou ainda tem, alguma importância para elas. Trarei a seguir os mapas de cada uma delas e levantarei algumas questões a partir disso:

Conhece nesse bar uma cantora de MPB que estava em vários ambientes dessa noite sapatão e com ela começa a rodar pelas noitadas.

Carol: “[...] Bar Sal e Pimenta que pra gente era um role muito assim de MPB, então não ficava ali refém de ter que ir ... e aí tinha uma outra boate também no centro do RJ Cine Ideal. E aí também era um lugar só que aquilo, não gosto de música eletrônica porque boate mesmo aquela energia gay masculina assim sabe. Então assim que os gays gostam muito, música eletrônica, ferver tirar a camisa botar a camisa na cintura, mostrar...

Eu: O físico?

Carol: É, e aí você sapatão fica ah que saco sabe, e aí o Sal e Pimenta era meu lar, então eu saía do trabalho, saía da faculdade ia pro Sal e Pimenta. eu não vou dizer que foi o primeiro tá? Eu vou dizer que foi o que me marcou.

Eu: O que te marcou mais nesse início?

Carol: É, porque é o que meio que me introduziu nesse universo LGBT, na verdade na época era GLS, que conste nos autos. Então é isso, e aí passado esse processo, eu já tô namorando [com outra mulher que não é o seu atual relacionamento] era uma boate enorme, tipo 3 andares no Centro do Rio perto do João Caetano. E aí nesse Cine Ideal que [ela foi com o amigo gay que apresentava alguns lugares que ela acabou frequentando depois]. [...] Eu fui pro último andar, por que no último andar? Porque no último andar é onde era mais destinado às mulheres, porque lá tinha barzinho, tinha voz e violão.” (Minhas adições entre colchetes)

Carol conta que nessa época suas interações nesses ambientes eram todas voltadas para flertar e sair com mulheres, e esse era o tipo de interação que ela tinha interesse nesse momento com a vida mais noturna. Nesse circuito entre boates e bares ela acaba na “Papa G” conhecendo seu atual relacionamento e após algum tempo, decide por se relacionar exclusivamente com ela. As duas estão juntas há muitos anos e Carol lembra com carinho dessa época e fala que para ela é importante ser respeitada como sapatão tanto no contexto *casada* quanto na “putaria”, e que percebe que, por exemplo, no ambiente de trabalho ela se colocar como sapatão é mais levado a sério por ela ter um relacionamento longo, como se de certa forma legitimasse mais a experiência como sapatão.

Tanto seu antigo relacionamento quanto o atual se deram pelas interações que aconteceram nesses espaços de sociabilidade para o público LGBT+ (ou GLS como ela mesma brinca ao longo da entrevista), e Carol indica que todos os outros ambientes em que frequentava durante grande parte das suas experiências de sociabilidade eram “muito héteros”, o que me parece apontar para a importância de existirem lugares frequentados por mulheres que ela pudesse estar, flertar e se relacionar com as pessoas. Muito importante também destacar no caso de Carol que

ela conseguia sair do trabalho ou da faculdade e ir para esses lugares por eles estarem em locais mais centrais da cidade, ou até mesmo ir para locais mais distantes como Madureira, mas que ela considerava “mais baratos” e se tornavam então possíveis de serem habitados.

Carol, então, traz como essa mudança para um relacionamento fechado, e como isso fez com que aos poucos começasse a habitar mais o ambiente da casa da sogra e de outras pessoas para socializar e não mais tanto as boates e os bares. Carol diz posteriormente sobre os desdobramentos de *querer parar de frequentar ambientes* mais voltados para interações *que envolviam sair à noite, beber e fumar*. Esse processo todo ocorreu ao longo de anos, e ela conta sobre a transição de hábitos ao longo desse tempo, para coisas que ela considera *mais saudáveis hoje* em dia. Afirma que sua condição física após anos tendo hábitos noturnos que envolviam constantemente beber e fumar muito, acabaram deteriorando sua saúde, o que levou ela e a esposa a terem vontade de mudar e fizeram com que ela se sentisse afastada de suas redes, já que eram pontos em comum entre suas amizades, que não faziam outros tipos de atividades. A conexão acontecia ou pela vontade de se relacionar ou por uma cadeia de hábitos compartilhados, e quando existiu uma mudança nesses dois fatores não havia mais pontos de conexão.

Essa mudança pode ser vista através do mapa de Carol que aponta para rolês em Niterói, próximos de onde ela morava e que começa a fazer com sua esposa depois desse período. O mapa de Carol conta uma história de praticamente 20 anos como sapatão e não reflete tanto os seus rolês de sapatão atualmente, através dos piqueniques e as conexões mais recentes relacionadas a eles. Mas mostra um “andar” ao longo desse tempo, de sua própria história.

Duca - CRICIÚMA

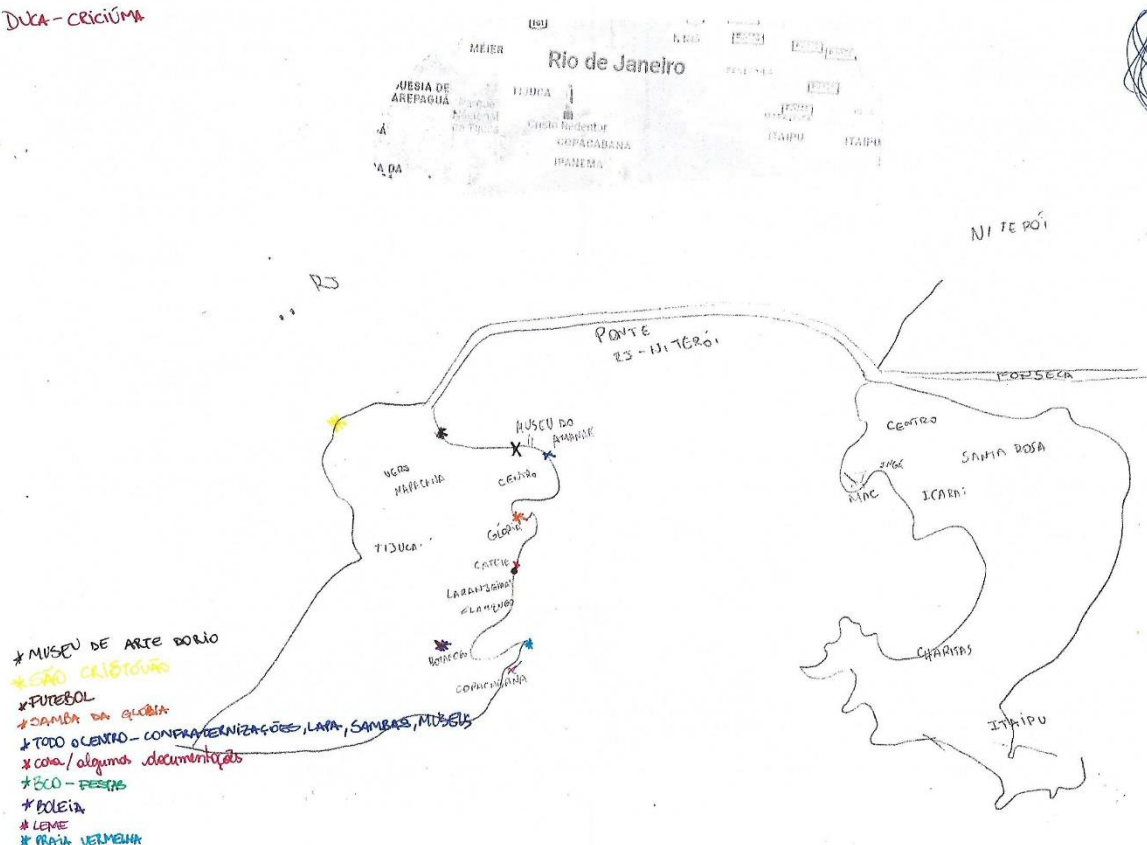


Figura 4 Mapa da Fernanda

O mapa de Fernanda, que mora no Rio de Janeiro, vai mais longe ainda. Como ela veio do Sul do país para o Rio de Janeiro, seus rolês de sapatão começam num lugar chamado “Duca” em Criciúma, marcado bem na pontinha do seu mapa, é o lugar que ela trouxe anteriormente e que podia frequentar por ir junto com uma prima mais velha. O “Duca” parece ter ditado um pouco dos espaços que Fernanda se sente confortável de frequentar até hoje, com pessoas mais alternativas e também frequentado pelo público LGBTQ+. Ela conta que se sentia mais confortável nessa casa noturna do que nos espaços voltados especificamente para o público LGBTQ+ ou para o público lésbico disponíveis onde ela morava na época. Fernanda traz que existiam coisas que a incomodavam nesses dois tipos de ambiente. Com relação à festa lésbica, ela diz que o fato dela não ser aberta a todos que quisessem entrar da comunidade LGBTQ+ acabava por deixar a festa muito esvaziada e o clima que sentia era mais fechado por exemplo pra pessoas transexuais, o que não a deixava confortável em ir. Já sobre a festa LGBTQ+ Fernanda diz:

Fernanda: “É que era um LGBT muito, eu não sei explicar porque, hoje em dia existem outros espaços LGBT, que são LGBT, que é tipo sei lá rola um show de drag muito maneiros que sabe é diferente. Aquele lá era um LGBT feio, escancarado, vulgar no sentido de meio assediador sabe?”

Eu: Caramba

Fernanda: E eu não me sentia bem lá, porque tinha uma cama no meio da festa, e era uma festa tipo meio “Agyto³⁹”, que era uma festa de tipo assim, você vai para sei lá pegar todo mundo e enfim tinha uma cama no meio da festa e as pessoas usavam.

Eu: Mas era uma festa, pelo que eu tô entendendo era uma coisa meio bagaceira assim...

Fernanda: É era bagaceira, bagaceira total. E aí eu não curtia muito esse espaço específico. E esse era o lugar LGBT. Não era igual várias casas noturnas que era LGBT/alternativa ou LGBT, aí eu também não curtia esse. Não curtia a festa lésbica e também não era muito desse. Então eu ia no LGBT/alternativo porque aí era todo mundo junto entendeu, e eu acho que eu sempre fui mais dessa vibe do que da vibe tipo sei lá bagaceira/vulgar. Eu sempre fui mais do outro, e aí eu acho que fico mais nesse estilo até hoje. Sabe tipo acho que se for sei lá aqui no Rio de Janeiro a gente poderia comparar as festas que tem sei lá mais um rolê “BCO” sabe.

Eu: BCO é o que?

Fernanda: É aquele lá do lado da rodoviária, que tem as Lambes de vez em quando. Que tipo é um role mais festas sei lá mais ok assim, é tipo tem umas festas mais de boas, tem umas festas de música brasileiras mais tranquilas. Que tipo são festas legais, tem vaca profana lá, tem umas festas maneiras, do que sei lá “Portal⁴⁰”

A fala de Fernanda aponta para o fato de que nem todo ambiente LGBT+ pode ser amigável para mulheres, principalmente lésbicas. Katurrita também sinaliza que se sente mais confortável em “ambientes alternativos” em comparação com ambientes mais heteronormativos *porque as pessoas parecem estar mais abertas à diferença*, segundo ela. Essas percepções trazidas pelas entrevistadas me parecem apontar para uma noção de que não basta um território ser frequentado apenas por mulheres, ou apenas por pessoas da comunidade LGBT+ para que exista um conforto maior para mulheres lésbicas. Se as pessoas que frequentam esses ambientes não estiverem de alguma forma tentando criar um ambiente mais amistoso para as frequentadoras ou não estiverem problematizando a instituição da

³⁹ Inclusive uma das “Lambe Lambe” que eu fui que estava muito cheia de homens foi nessa casa noturna, “Agyto”. Bem conhecida na Lapa aqui no Rio de Janeiro, por ser frequentada majoritariamente pelo público de homens, principalmente gays.

⁴⁰ Outro local onde fui em uma festa da “Lambe” que tinha a mesma pegada de ser um território mais frequentado majoritariamente por homens, principalmente gays.

heteronormatividade, diversos tipos de desconfortos e violência ainda podem acontecer.

Ao construir seu mapa Fernanda conta que, apesar de viajar razoavelmente pelo Brasil para fazer as documentações para o projeto do Documentadas, quando está no Rio ela se locomove majoritariamente de bicicleta, principalmente por não ter dinheiro para bancar andar de transporte público. Então, acaba por conhecer o território da cidade através de duas rodas, até mesmo para ir para as festas. Ela traz como espaços afetivos muito importantes A “Praia Vermelha”, “Leme” entre outros lugares importantes que frequenta através da bicicleta, como ela indica que alterna entre rolês de sapatão e rolês mais alternativos. Destaco aqui o “Boleia” que ela traz como um lugar que frequentava bastante com as amigas, além do futebol, como rolês de sapatão mais marcantes para ela. Esse espaço de jogar futebol parece estar sendo um importante espaço de socialização pra Fernanda, e é território bem sapatão segundo ela:

Fernanda: “É um grupo de sapatão muito forte, e que elas têm sido um suporte muito maneiro. Eu acho que isso fala muito sobre os afetos também, elas são muito fodas por minha semana tem sido bancada por conta dela.”

Ela traz a importância das trocas e das redes formadas com esse grupo, quando diz que a semana tem sido “bancada por conta dela”, no sentido de ser um dos melhores pontos de sua semana, ela também conta que quando precisou levantar dinheiro rapidamente para tratar os custos do tratamento de sua gatinha resolveu vender a cachaça que produz, e que esse grupo do futebol, que ela ainda nem conhecia direito, ajudou em peso e que isso a surpreendeu muito. Fernanda parece, assim como Carol, sentir a importância de rolês que sejam mais diurnos, o que me parece uma afirmação, também sim, das festas, mas de um tipo de vínculo que não precise se restringir apenas a esses ambientes noturnos, que possa aparecer na luz do dia, ou que seja disparador de outros tipos de relação para além somente do flerte.

Fernanda: [...] “eu acho que eu gostaria que tivessem tipo gostaria de marcar aqui mais rolês diurnos tipo, tipo sei lá tipo esses encontros, como foi o piquenique ou coisa assim, eu acho que foi muito importante. Tipo são muito maneiros assim como trocas sabe. Porque os rolês sapatão noturnos são importantes, mas sei lá, como era um boleia por exemplo. agora não tem mais né.

Eu: Você ia muito no Boleia?

Fernanda: Não, eu ia, mas acho que tem um negócio de eu ser amiga da Lela⁴¹, mas acho que tirando esse fato, por eu ir muito, era surreal como tipo lá sempre estava lotado sabe. Principalmente o Boleinha, porque teve o Boleinha e o Boleião. E aí o Boleinha era surreal, tipo, você chegava lá num dia de chuva é tipo, uma sexta-feira muito chuvosa, e eu pensava: “Caralho porque que eu estou indo pra lá?” E eu chegava lá e tinha uma fila sabe? Pra sentar e eu ficava tipo: “Meu Deus, vai pra casa caralho.” E quando foi para o foi para o Boleia maior, que fechou porque assim né deu errado. Mas mesmo assim, tipo era um espaço que no começo tava dando muito certo assim sabe. Que tipo era um espaço, que mesmo muito grande estava sendo ocupado, e tipo que maneiro as meninas, sei lá assim, se reunindo pra ver jogo de futebol sabe? Uma coisa que até então eu nunca tinha visto tipo durante o dia um monte de mulher se reunindo pra ver jogo de futebol. [...] acho que esses locais viram em locais comunitários também acho que isso é muito importante, que falar de uma comunidade LGBT é também propor lugares comunitários sabe? Que talvez em festa, dependendo se tu vai numa frequência como as meninas da Lambe fazem, não só da Lambe porque tem outras festas aqui, e tal, é importante mas em festa dá um certo distanciamento né, diferente de bar que tipo tem uma bancada que as pessoas sentam que as pessoas conversam, que sei lá rola festa junina, rola *halloween*. Que rola todo tipo de festa e em sentido de confraternização né, não em sentido tutz tutz tutz assim. Mas no sentido de conversar ,de ser acolhimento também, sabe? Eu acho que esses lugares são muito propícios assim a isso, eu acho que isso é muito importante para a comunidade num todo sabe, de fazer uma conexão, acho que como o Doc também se propõe a fazer assim, de dialogar, de fazer com que as pessoas se conheçam também sabe de gerar afeto assim. De gerar novas histórias. acho que isso é muito legal isso é muito importante, assim é uma coisa que não sei, eu acho que talvez os homens tenham tanto sabe. Tipo em outros lugares e as mulheres não têm sabe tipo mulheres lésbicas são muito carentes em alguns pontos assim sabe. Eu acho que esses lugares são muito essenciais assim.”

⁴¹ Lela era a dona do Bar Boleia, e uma das produtoras das festas da Lambe Lambe.

com mulher. Tudo que foi tipo situação eu passei, passei assim de conhecer, pra me envolver emocionalmente é diferente. [...] E aí eu conheci muitas mulheres, mas algumas eu tive vínculo de amizade, eu tenho uma amiga, muito amiga minha, que mora em Manaus, é que ela era aqui do Rio [...] a gente meio que se interessou uma pela outra, a gente chegou a ficar uma vez mas não rolou. [...] Somos amigas até hoje.”

Esse trecho é interessante porque mostra como o momento de descoberta, além de parceiras afetivas/sexuais trouxe também amizades, e como essas relações entre erotismo e amizade podem se desenvolver de formas inesperadas. Katurrita então continua montando seu mapa, diz que de uma mulher que saiu e se relacionou conheceu outra e que dali veio o seu “primeiro brejo” de mulheres “40+” como ela chama, diz que enxerga diferenças entre o grupo que frequentamos de Niterói que possui mulheres de diversas idades, mas majoritariamente mais jovens entre 20 poucos e 30 e poucos anos, e os grupos em que frequenta com mulheres mais velhas:

Katurrita: “Você conversar com sapatões mais 40 e conversar com sapatões menos 30 tem um nicho aqui assim entendeu?”

Eu: Você vê muita diferença?

Katurrita: Vejo, vejo! Muita coisa, muita diferença muita diferença. E por eu circular né é muito nítido: As mais 40 são mais reservadas, são mais... foram muito mais machucadas, acredito entendeu? Reproduzem muitas coisas que... porque acontece, uma coisa é a gente que tá na academia, outra coisa quem tá vivendo o dia a dia, que não tá não tá tendo acesso a essas leituras que a gente tem acesso né. Que faz a gente refletir que faz a gente “Caralho realmente é isso cara! Nossa como é que eu não vi isso!” Entendeu? Essas pessoas estão vivendo no dia a dia, elas me perguntam “Katurrita que que é esse negócio de mulher trans, de homem trans que eu não entendo nada?” E é uma mulher lésbica entendeu. “Ah outro dia uma mulher lá ela foi falar comigo e tudo, mas depois eu não descobri que ela era mulher “que virou” era homem... que era homem que virou mulher aí eu não quis mais conversar com ela não pô eu gosto de mulher.” Aí eu: “Então vamos sentar aqui pra gente conversar” ...

Essa fala de Katurrita mostra o quanto, no ambiente do grupo que frequentamos de Niterói, de pessoas mais jovens, a transfobia, por exemplo, não é uma coisa que é aceita no grupo, assim como outras formas de preconceito e de depreciação ou interações violentas com relação a nenhuma das mulheres participantes. Até porque esse grupo conta com a participação de uma mulher trans⁴³,

⁴³ Até esse momento tenho conhecimento de uma única pessoa, mas como não conheço todas as mulheres (e são muitas) do grupo, já que a participação das pessoas vai acontecendo de forma bem aleatória, é possível que existam outras mulheres trans que não chegaram ao meu conhecimento ou não foram a nenhum rolê que eu estivesse participando durante o tempo do campo.

o que tornaria a convivência do grupo insustentável se houvessem comportamentos transfóbicos sendo reproduzidos. Importante salientar aqui que quando falo sobre “comportamentos violentos” também incluo o comportamento com relação a qualquer uma das mulheres do grupo. A exemplo do que Katurrita traz em um momento de sua entrevista, sobre uma mulher que foi convidada a se retirar do grupo por ter tido comportamentos agressivos com outras mulheres:

Katurrita: “Então tinha uma pessoa que começou a ser violenta e abusiva com algumas meninas, ficou com uma foi violenta... foi abusiva. Ficou com outra foi abusiva aí a outra falou que também tinha sido abusiva, e aí quando a gente juntou geral aí eu fiquei assustada porque cada um tinha uma história para contar, eu falei: “Não! ADMS[se referindo às administradoras] vamos sentar todo mundo, vamos botar a pessoa porque ela tem direito de fala e vamos ver o que vai acontecer.” E a pessoa “Ah, mas foi culpa de fulana, foi culpa de sicrano, foi culpa de beltrana, ah porque foi quando eu tava bêbada não sei o quê”

Eu: Hmm tava bêbada...

Katurrita: Botou culpa da cachaça, botou culpa no fulano, no beltrano, no sicrano que não tava ali pra se defender. E aí eu deixei né o cheque mate para o final. Eu falei “tá bom mas você disse isso isso sobre mim, e agora eu quero que você fale para roda aí, se isso aconteceu, como é que foi .” E aí ela não teve a cara de pau [...]

Eu: Ela se sentiu confortável de, mesmo estando num grupo de mulheres, fazer isso com várias mulheres do grupo?

Katurrita :É o que eu tô te falando caráter Independente de tudo, é construção histórica, construção de vida né. Então ela achou normal aquilo ali, ela achou normal porque ela é ativona. E aí ela chega nas mulheres assim mesmo, porque ela sabe quando “as mulheres estão querendo ela”, e ficou puta porque ela deu em cima de mim a noite inteira eu fiquei com outra... e eu virei pra ela e falei “eu fico com quem eu quiser minha querida” “Ah, mas eu sou muito mais bonita do que Fulana” (Minhas adições entre colchetes)

Nesse trecho acho interessante destacar que mesmo estando em um grupo só de mulheres, mais jovens, existe um contraponto da reprodução da heteronormatividade tão forte que vários comportamentos problemáticos que são associados à masculinidade são reproduzidos aqui, até em relação a presumir que uma mulher quer ficar com ela ou não, “ser ativa” de forma virilocêntrica em contraponto com “ser passiva”. O que nesse grupo é visto como um comportamento problemático e que não deve ser incentivado, resultando na retirada dessa mulher.

Katurrita também traz que seus trânsitos e seus territórios variavam em função das mulheres com quem se relacionava, conta que através de aplicativos como Tinder e Badoo, que marca em seu mapa, acabou conhecendo lugares de sociabilidade sapatão em Copacabana, na Tijuca, onde acabou por conhecer sua ex esposa.

Mostrando que os meios virtuais são territórios de sociabilidade relevantes. Nesse casamento ela passou 6 anos e depois de se separar começou a frequentar os rolês da Lambe Lambe e também através desse grupo, que se desloca de Niterói para o Rio para as festas, cria territórios de sociabilidade através do *Whatsapp*, que posteriormente viram idas ao bar, filmes na casa de alguma das mulheres, entre outras saídas. Ela completa seu mapa com uma parte que eu não havia colocado em São Gonçalo, uma cidade próxima de Niterói, por dizer que tem um brejo, que é importante pra ela de lá. Esses rolês mais recentes ela marca como “rolês lésbicos” e sua última marcação no mapa, já em Niterói Santa Rosa, tem a ver com seu relacionamento atual, que faz com que ela habite muito esse território.

O ambiente noturno, de bares e festas parece favorecer mais o flerte, e interações mais rápidas. Enquanto o ambiente diurno, dos piqueniques, ou a aula de defesa pessoal, parecem favorecer criação de redes de outros tipos, como amizade, redes de suporte, de acolhimento, de segurança. Mas essas interações não são fechadas em si mesmas, como a exemplo das mulheres de Niterói que frequentavam a festa Lambe Lambe e que, por isso, decidiram criar um grupo que acaba por gerar outros tipos de redes, outros tipos de rolês também. O que quero dizer com isso é que apesar de existirem diferenças entre os rolês, eles não se dão por oposição, e nem quer dizer que os tipos de interação que acontecem em um não vão acontecer em outro, só parece existir um ritmo em que as coisas acontecem com maior frequência.

Interessante ver como as relações tanto afetivas/sexuais quanto de amizade movimentam e fazem existir territórios de sociabilidade. Katurrita com suas buscas nos brejos, Fernanda com a militância e Carol com sua ida a bares gays, posteriormente a barzinhos e rolês diurnos. Os lugares mudam do momento de entendimento da própria sexualidade para o momento atual, já se entendendo como sapatão há alguns bons anos. É possível perceber as diferentes interações que os territórios, os horários e o motivo para o qual se buscam esses espaços mudam radicalmente o tipo de interação nesses campos.

3.3 Pista 3 *burburinho*: os rolês, consumo e formação de redes

A pista do **burburinho** talvez seja a menos óbvia de todas, ainda mais relacionando-a com o consumo, e formação de redes. Entendo que é preciso ter um *burburinho* sobre um lugar, um grupo ou uma coisa para que as mulheres tenham

interesse de ir atrás e frequentar ou consumir esse ambiente ou coisa. Também uma aposta de que nesses espaços, físicos e virtuais, vão ter outras mulheres com os mesmos interesses afetivo/sexuais, e por último compondo esse *burburinho*, existe uma dimensão erótica (LORDE,2020) pulsante nessa escolha dos lugares. Como trouxe anteriormente no capítulo 1, essa relação erótica passa tanto pela possibilidade de encontrar parcerias afetivas e sexuais, quanto por uma vontade de conexão, um estabelecimento de sentido e vontade de viver.

Percebi também que as festas em si tinham um caráter muito diferente dos outros tipos de encontros que eu participei nesse processo. Parece que tinham menos preocupação com a manutenção dos papéis de sapatão em si e um interesse maior no consumo, tanto que algumas situações estranhas foram acontecendo como em uma das festas. Esse tipo de coisa não acontecia nos outros encontros, piqueniques, marcações na casa das pessoas. Percebi que no ambiente das festas o evento principal era o consumo tanto pela forma como as coisas se organizavam e os grupos eram bem delimitados, não havendo muita interação entre eles, enquanto nos outros encontros o “principal” era o encontro em si, a vontade de construir redes de apoio, amizade e afeto.

A percepção de valor de alguma coisa parece estar também atrelada ao burburinho que ela gera, seja através de algum símbolo ou signo que fique para a pessoa, da representação daquilo nas redes sociais, no que estar associada àquela coisa pode representar para cada pessoa. Sobre esse tema, Isadora Lins França nos traz: “[n]essa direção, podemos dizer que estabelecimentos comerciais podem ser consumidos na medida em que oferecem acesso a ambientes aos quais são atribuídos significados particulares pelas pessoas.” (FRANÇA, 2010, p.8)

O que me faz pensar diretamente na entrevista de Fernanda, no dia de sua entrevista antes de ligar o gravador. Ao chegar em sua casa, perguntei como ela estava com toda a situação de sua gata estar doente, ela responde que são tempos difíceis. Depois de ligar o gravador, começamos a entrevista dela nesse tom, sobretudo diante do fato de o projeto do Documentadas não ser valorizado e da *difficuldade de viver dele*. Ela conta que trabalhava em um emprego estável que pagava um bom salário antes, mas que consumia todo o seu tempo, deixando praticamente impossível conciliar o trabalho com o Documentadas, e depois de se planejar por um tempo decidiu pedir as contas do trabalho para trabalhar com o “Doc”

como chama carinhosamente o projeto, por entender a importância desse registro, que até então não existia em nenhum outro lugar do mundo dessa forma.

Ela diz que já passou por situações muito difíceis, como por exemplo, estar viajando com pouquíssimo dinheiro para lugares que não conhecia para *registrar histórias de amor entre mulheres*. Ela explica que hoje em dia para participar do Doc é necessário contribuir com pelo menos 100,00 reais e que quanto mais você contribuir até 300,00 reais mais “benefícios” do ensaio fotográfico você consegue acessar. Essa contribuição era voluntária, mas Fernanda decidiu torná-la obrigatória depois de passar por uma situação em que foi para um estado do Brasil em que nenhum dos casais contribuiu. Por conta da falta de dinheiro ela teve que ficar na casa de um dos casais, que acabou por descobrir ser muito longe do centro da cidade onde ficaria, o que fez com que ela tivesse que se deslocar com sua câmera, que é sua forma de ganhar a vida, por lugares que a deixaram muito insegura, durante horas e no fim da viagem acabou voltando sem nenhum dinheiro nem para continuar tocando o projeto. E ela conta dessa mudança nas regras do Doc para falar de um caso que tinha acontecido na semana em que fui entrevistá-la:

Fernanda: “Vou te dar um exemplo de uma coisa que aconteceu essa semana. Uma mulher entrou em contato comigo porque tem um grupo de maternidade aqui no Rio é de dupla maternidade né. E são tipo um grupo com várias mães cariocas e elas queriam... elas vão fazer um encontro, acho que tipo já acontecem encontros, e elas iam fazer um encontro para sei lá assim compartilhar coisas enfim, elas entraram em contato com o Documentadas porque acharam interessante que eu fotografasse, que elas fossem documentadas. E são muitas famílias são tipo 35 famílias.

Eu: Caraca!

Fernanda: E eu pensei: “Cara que maneiro!!” Imagina 35 famílias no Doc tipo sensacional sabe?

Eu: Elas queriam ser fotografadas juntas?

-Fernanda: É acho que tipo se eu fosse nesse encontro tipo documentasse essa galera toda sabe, tipo não todas juntas, tipo todas juntas numa foto, mas tipo aproveitar o encontro para fazer uma grande documentação. E eu achei muito maneira a gente trocou e tal e daí ela perguntou: “Tá, mas como que funcionaria?” Aí eu boleei todo uma situação falei tipo “Cara a gente pode ir no Aterro, aí lá no Aterro tem todo tipo de [...]” Enfim, eu dei a ideia do Aterro porque eu acho que como são muitas famílias lá tem meio que tudo: arquitetura do MAM⁴⁴ pra quem quer arquitetura, paisagem do Pão de Açúcar, pra quem quer uma coisa mais carioca. Tem a Praia do Flamengo, tem tipo árvore para quem quer a natureza, tem grama para quem quer piquenique. Cara, tem muita coisa ali que dá. Tem parque pra criança porque são famílias, então tipo tem muita coisa ali para se aproveitar sabe, e as fotos não vão ficar

⁴⁴ Museu de Arte Moderna do Rio

iguais porque são 35 famílias, são muitas fotos. Eu precisaria fotografar tipo 7 horas direto então um dia todo de trabalho, e a gente conseguiria com que... imagina, tipo tu entrar no site do Documentadas e todas as fotos são iguais, ia ser um tédio. Então ali a gente tem uma diversidade muito grande de trabalho e aí eu dei essa ideia para ela e expliquei: "Tipo a partir de 300,00 reais você ganha um ensaio que é um valor muito barato, porque se você for fazer um ensaio fotográfico esse valor não baixa de 600,00 reais hoje em dia. Tipo eu já cobro metade sabe, tipo pensando que o Doc que é um projeto sabe não é uma empresa. então tipo o que eu fiz eu pensei cara não tem como eu botar um valor assim as 35 famílias, tipo não tem como eu cobrar sei lá um valor, não tem como eu pensar em sei lá cobrar nem que seja o valor mínimo dos 100,00 ali. Como é muita gente eu pensei em cobrar tipo sei lá 50,00 de cada uma. E aí todo mundo vai ganhar as fotos. De cada família! É um trabalho da porra, tipo assim 35 pessoas eu fotografo em 1 ano, em meio ano, tipo são seis meses eu ia fotografar em um dia. Tipo eu ia fazer textos, é tipo é um trabalho de meio ano feito em um dia, é muita coisa!!! [...] Se for para pensar o número de pessoas são mais de 120 pessoas, é muita gente. [...] A gente agendou e daí a mulher falou "Não então na real a gente vai cancelar, porque as pessoas acharam muito caro."

Eu: Porra!! 50 reais é muito caro?"

Fernanda continuou então tentando negociar com essa mulher porque ela mesmo ficou empolgada com a possibilidade de registrar tantas famílias com duas mães. Fernanda explicou para ela que o Doc funciona de forma a fotografar também casais que não conseguem pagar o valor cobrado, quando um casal paga acima da taxa mínima ele pode trazer outro casal que não tenha condições, e para além disso, disse que estava disposta a fazer as coisas funcionarem, abrir mais exceções, mas elas só não achavam que valia o dinheiro. Eu vibro com Fernanda de frustração nesse momento da entrevista, pelo contexto todo que ela foi me dando dessa negociação e dessas mulheres, era possível perceber que a maioria delas teria 50 reais para outras atividades. A questão em si não era ter ou não o dinheiro, mas a percepção de que um ensaio fotográfico do Documentadas não valeria os 50 reais!

Fernanda: "Sei lá, já estive em trabalhos insalubres assim sabe, tipo até conseguir me consolidar com currículo muito bom na minha profissão, e [...]eu fui muito humilhada trabalhando, e nem quando eu fui muito humilhada eu me senti tão não reconhecida sabe?! Isso é muito foda porque [...] é muito maluca sensação de tipo, ter a consciência de que tipo o Documentadas é necessário e ao mesmo tempo não ter essa consciência dentro da nossa comunidade."

Essa percepção de valor muito baixa e essa sensação de não reconhecimento, como se o projeto do Doc fosse "menor" até mesmo, dentro de um grupo de mulheres que se relacionam com mulheres, é um indicativo de como os regimes visibilidade/invisibilidade estão presentes e podem ser reforçadas até mesmo pela própria comunidade, quando não se há o que chamo de **burburinho** e demonstra a

complexidade de se dedicar a um projeto que tenha como alvo “mulheres que amam mulheres”.

O interesse em territórios de sociabilidade como as festas da Lambe ou o Boleia, por exemplo, parecem aumentar o burburinho sobre eles e aumentar a perspectiva do quanto se vale pagar para estar ali. Numa festa de sapatão, que pode gerar flerte, desejo, parcerias afetivas e possivelmente sexuais. Analisando essa fala de Fernanda sobre a dificuldade de cobrar um valor bem abaixo do mercado para realizar um ensaio fotográfico e o quanto se gasta para ir num rolê sapatão como esses acima citados, penso em algumas possibilidades. A lógica do rolê de ser fotografada através do projeto, e ir a um piquenique é diferente da lógica de ir a uma festa ou a um bar. Nesse campo que acompanhei parece existir uma divisão mais clara, mas não imutável, entre os ensaios do Doc serem feitos com casais, e os rolês de piquenique serem também mais frequentados por casais. Enquanto as festas e os bares são frequentados em maior número por mulheres solteiras, e essa busca por parceiras, pegação, sexo parece aumentar bastante essa tensão/tesão de buscar esses espaços, o **burburinho** relacionado a eles.

Isso de forma alguma quer dizer que o projeto do Documentadas, os piqueniques, e trocar cartas não tenham um apelo erótico, no sentido que Audre Lorde (2020) traz, no sentido de força de vida. Mas me parece que o apelo ligado ao consumo de uma festa por exemplo é mais claro, mais rápido, e de mais fácil propagação. As festas são importantes territórios de sociabilidade, a partir delas se criam grupos e redes, se gera pertencimento, e através dela o compartilhamento de signos relacionados, a ser parte ou não da comunidade lésbica. Ao mesmo tempo em que essa ocupação das festas e dos bares é mediada principalmente pelo consumo. Como nos traz França (2010):

No contexto do mercado relacionado à homossexualidade, os espaços de sociabilidade, notadamente as boates e bares, cumprem um papel especial: neles se atualizam referências a respeito da homossexualidade, expressas nos ambientes, na música, nas roupas, nos acessórios, na aparência e apresentação corporal, entre outros. A formulação a respeito do consumo nos lugares está relacionada não apenas ao que efetivamente se consome nesses lugares, no sentido mais imediato do que as pessoas comprem dentro de suas fronteiras (bebidas, alimentos, camisetas, cigarros, psicoativos em geral, lugares VIP, serviços de massagem, serviços de estacionamento, entre outros). O consumo nos lugares passa também pelo uso que as pessoas fazem dos objetos nesses lugares, independente de onde adquiriram os objetos. (FRANÇA, 2010, p.10)

Em paralelo, temos os territórios dos piqueniques, que parecem ser resistências furtivas não só a heteronormatividade, quanto ao capitalismo de alguma forma (BONA, 2020). Esses territórios, assim como algumas conversas no Whatsapp se formam como lugares de debate para questionar questões sobre performatividade, representações negativas sobre mulheres sapatão, que podemos inclusive também levar para os ambientes das festas e dos bares. Trago aqui como exemplo a passagem que trouxe no Capítulo 2 sobre o piquenique, vou expandir e adicionar mais uma camada sobre essa passagem aqui:

Muitas mulheres reunidas somadas a conversas no grupo do Whatsapp nos dias anteriores, combinações diversas sobre a comida, quem vai levar a caixa de som, os coolers e várias outras coisas. A chegada, mulheres novas, em casal, solteiras, uma grande bandeira de arco-íris pendurada. Piadas em tom de briga, conversas sérias em tom de piada. Nossa roda de conversa descompromissada vários assuntos como o racismo, ou sobre como é ser sapatão me tensionam e relaxam, por vezes um refúgio (BONA,2020) de muito entendimento mútuo, por vezes um refúgio de diferença demais. (Trecho do Diário de Campo do dia 28/05/23)

Me parece uma “assembleia” pela definição de Anna Tsing (2015):

Assembleias são agrupamentos abertos. Elas nos permitem indagar sobre os efeitos comuns sem tomá-los como dados. As assembleias tornam visíveis os processos de constituição de outras histórias possíveis [...] as assembleias não se limitam a reunir formas de vida; elas as criam. Pensar a partir de assembleias nos convoca a perguntar: como os encontros às vezes se tornam “acontecimentos”, isto é, maiores do que a soma de suas partes? (TSING, 2015, p.68)

Uma assembleia é o que se cria quando se juntam sapatonas, a grama, a comida, o mofo, música, cor, a brisa, cerveja, tensão, relaxamento, tesão de estar partilhando aquele momento juntas? Ou talvez um refúgio? “É preciso insistir nesse ponto: o refúgio não preexiste à fuga; é ela que o produz, o secreta e o codifica.” (BONA, 2020, p.47). Pergunto a cada uma das minhas entrevistadas qual é o auge dos rolês de sapatão para elas, quero saber a resposta:

Carol: “Como a gente se comunica, como é fácil, é fácil, não tem disputa de ego, não tem disputa para ver quem é a mais gostosa, não tem tipo a ver quem tá melhor vestida pela Ótica sabe lá de quem. Não tem disputa para

ver quem é mais intelectual, ninguém ali tá querendo saber a condição financeira de ninguém, ninguém quer saber, porque é uma coisa muito muito comum acontecer quando você tá num ambiente hétero por exemplo, pelo menos o meu era assim, o que que você faz? você é formada em quê? “Mas você trabalha aonde? Mas quantos anos você tem?” Esse questionário ele é uma introdução para você ver se você vai ter uma amizade com aquela pessoa, se a pessoa fala assim: “Ah então eu moro no morro do cavalo”, aí vai: “Deus me livre então não dá” Entendeu? Então assim e ali cara isso não fazia a menor diferença. Inclusive eu não sei que ninguém faz assim sabe. Sei assim, que vocês são psicólogos porque vocês comentaram.”

Carol dá o contexto de que apesar de não se conhecerem de antes, uma das mulheres que foram no piquenique a convidou, enquanto rolava o encontro, para participar de seu projeto, e conta de como isso criou uma rede inesperada e muito positiva pra ela:

Carol: “E aí Calhou que a gente, eu aceitei claro [participar do projeto] porque é um projeto de mulheres pretas, e aí ela me chamou para participar depois desse encontro. E aí olha que loucura né as conexões que a gente vai fazendo. Porque é através desse encontro possibilitou que Amanda fizesse o trabalho na casa de vocês, que possibilitou que eu participasse do projeto da [da primeira pessoa mencionada] [...], para eu participar de um projeto que ela tava fazendo aqui no Fonseca. E aí sabe e achei isso incrível, essa rede que a gente vai construindo e quando eu vi tipo, a gente tava eu tava lá, Deus me livre, mas tava no enterro da mãe da Alice. E aí eu falei cara como que a gente vai penetrando na vida uma da outra sem muita cerimônia porque eu acho que a gente se sente tão à vontade, para que isso, aí eu falo isso é muito exclusiva da mulher, eu acho que a mulher sapatão também.”

Fernanda aponta que para ela o auge desses rolês passa por lugares parecidos dos trazidos por Carol:

Fernanda: “É eu tô pensando talvez que essas movimentações estão sendo até mais importantes do que quando eu saio tipo, sei lá, para ir numa festa talvez sabe? Tipo ultimamente, quando eu tô indo em algum rolê de, sei lá, nem festa, mas tipo um samba por exemplo, eu não volto para casa com a sensação tipo “Caralho isso aqui foi maneiro sabe.” Eu volto para casa com a sensação de tipo: “tá bom”. Mas é muito diferente desses encontros assim que tipo a gente troca com outras mulheres e eu acho que talvez por isso que eu tenha depositado muito nesse curso⁴⁵ que eu quero fazer. Tipo que eu não quero fazer só sei lá nesse dia 6 sabe, tipo eu quero dar continuidade em fazer. Porque eu acho que essas trocas são muito fudas assim, tipo e eu acho que talvez seja muito parecido com a sensação que a Carol talvez saiu do piquenique, de tipo assim “Caralho, eu quero fazer isso mais vezes, tipo eu quero continuar vendo essas mulheres. Vamos fazer um grupo com essas mulheres?” Sabe porque é muito isso, tipo é uma questão de conversar aleatoriedades, mas também conversar coisas importantes, sabe? Aquele momento que tu chega lá no piquenique tipo, eu já conversei coisas importantes a full [por completo] com a Amanda assim sabe de tipo chegar e trocar altas ideias, ou só por estar ali naquele primeiro piquenique, tipo eu sinto que eu sei lá, saí de lá com a alma muito lavada assim sabe. Tipo assim cara olha isso tipo o Documentadas reuniu essas pessoas aqui, parecia que tava todo mundo muito conectado ali sabe, tipo parecia que tava todo mundo

⁴⁵ Nessa ocasião específica era curso sobre fotografia que Fernanda queria realizar com outras mulheres.

muito ali mesmo, presente sabe, deixou os problemas lá e foi ali se reunir. Eu acho que isso é muito precioso assim sabe, tipo é precioso mesmo a palavra. E eu não tenho sentido isso em outro rolês assim, eu acho que por isso que eu tenho dado tanto valor a esses encontros mesmo sabe, que é diferente sei lá ir numa roda de samba, sentar numa mesa de bar, que também são importantes, mas em outras medidas assim.” (Minhas adições entre colchetes)

E por fim Katurrita traz sua perspectiva sobre o auge para ela:

Katurrita: “O auge disso é poder conhecer tudo e quanto é tipo de sapatão diferente isso é bacana, você vê sapatão de tudo quanto é tipo jeito, raça, cor, tamanho, entendeu? Tudo quanto é espécie de sapatão você vê. Isso é o auge pra mim, eu acho isso fantástico! A gente vê as múltiplas formas de se viver como uma sapatão então você vê de tudo quanto é tipo, tamanho, forma, qualidade, personalidade e esse colorido me encanta, esse colorido me encanta, esse colorido me faz assim: “Caraca, como tem sapatão diferente nesse mundo sabe?” Como tem várias, várias formas de você expressar sua sexualidade de diferentes... e aí me dá uma vontade de conhecer cada uma daquelas pessoas sabe que a minha história a construção de cada uma daquelas pessoas e eu acho que isso que também me motiva a manter e tá perto do nosso grupo entendeu? Essa possibilidade acho que uma coisa está interligada com a outra.”

O que me salta aos olhos quando leio novamente essas entrevistas, depois de tê-las vivido, e agora no momento da escrita é esse desejo tão pulsante que aparece, desejo de criar conexões, redes, uma cumplicidade. Sejam elas afetivas, sexuais, de apoio financeiro, de apoio na manutenção da vida, de sentido, de cuidado, de amizade, de refúgio. Parece que o sentido de ir para uma aula de “defesa pessoal para mulheres” num domingo de manhã em outra cidade se reativa. O mesmo de escrever uma carta a mão e ficar com o coração acelerado ao abrir a caixinha de correio e ver que tem um envelope te esperando de uma amiga de correspondência do outro lado do Brasil. Existe algo de poderoso em contar histórias não contadas, que não enxergam a luz do dia. Mulheres que sentem medo a espinha gelar, a nuca quente quando sentem os olhares na rua, quando demonstram afeto, mulheres que sentem a alegria de amar outras mulheres.

Considerações finais: Sapatonas no fim do mundo, a vida através do mofo

Esse trabalho foi um esforço de entender como é possível para uma mulher sapatão existir e viver em um mundo com instituições heteronormativas tão endurecidas e cristalizadas. Ao longo do campo foi possível compreender como o entendimento e a criação de si e da própria sexualidade passa pelos trânsitos nos territórios de sociabilidade e do reconhecimento de outras mulheres nesses territórios.

Também foi possível compreender, à luz da perspectiva interseccional, a diversidade de experiências que são constitutivas e parte essencial com relação às mulheres desse campo. Nesse mapa que fomos construindo traçados saltaram do campo e se apresentaram como fluxos de sentido em comum: segurança, a experiência, flerte, formação de rede, consumo, trânsitos, territórios, marcadores sociais da diferença. As pistas dessa investigação foram sendo formadas até que suas intensidades saltassem aos olhos e se condensassem em “burburinho” como a forma de fomentar o estar nos territórios, misturado com o desejo de fazer esses territórios acontecerem.

As pistas também levaram até o “saber andar”, uma tática de entender o ambiente, as movimentações, saber onde é seguro e onde não é, saber mobilizar um tipo de atenção específica de quem sabe o que é ser observada e transitar na cidade. A “cumplicidade” e o “refúgio sáfico” se apresentaram também, muito próximos, quase juntos, através da percepção de que a existência passa pela resistência às instituições além da heteronormatividade, mas também o racismo, o capitalismo e a todas as outras Instituições que se associem a impossibilidade de que uma mulher sapatão tenha uma vida que não possa viver em coletividade. Tudo construído ao longo de idas a festas, bares, piqueniques, visitas a casas dessas mulheres, enquanto compartilhávamos comidas, pensamentos, ao trocar intimidades.

Esse estudo pretendeu abrir questões e apontar possibilidades de respostas para algumas dessas questões, assim como deixou outras em aberto para posteriores investigações que parecem pertinentes, como a percepção de mulheres sapatão que não performam feminilidade, os tipos de relações que podem advir de interações de sociabilidade que não priorizem o consumo e a importância da existência dos animais não humanos para mulheres lésbicas. São algumas das questões que me chamaram mais atenção ao longo desse percurso e que não tive a oportunidade de me debruçar mais intensamente.

Colaboração é o trabalho que atravessa as diferenças. No entanto, não se trata da diversidade ingênua dos caminhos evolutivos independentes. A evolução da nossa "ideia de si" já está poluída por histórias de encontros; estamos misturados uns com os outros antes mesmo de iniciarmos qualquer colaboração nova. [...] Contaminação produz diversidade. (TSING, 2015, p. 75-76)

Assim, ao longo desse trabalho tentamos fazer um esforço de acompanhar grupos de mulheres lésbicas entre Niterói e Rio de Janeiro, com o objetivo de enxergar que tipo de relações apareceriam dali e a importância dos espaços de sociabilidade lésbicos para essas mulheres. Acabamos por nos deparar durante esse rolê cartográfico, em meio ao mofo, com uma grande rede fúngica sapatão que nos intoxica, nos conecta, cria caminhos, desenha mapas, conta nossa história e faz com que cuidemos umas das outras através das nossas diferenças.

Referências

- ALMEIDA, G. HEILBORN, M. L. **Não somos mulheres gays**: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. Niterói, v. 9, n. 1, p. 225-249, 2. sem. 2008
- ANZALDUA, G. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 08, n. 01, p. 229-236, 2000 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2022.
- AZEVEDO, A. **Corpo Atritável ou uma nova epistemologia do sexo**. In: HOLANDA, H.(org.) Pensamento Feminista Hoje: Sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. P. 303-313
- BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n. 19 [Acessado 26 Julho 2022] , p. 20-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- BONA, D. T. **Cosmopoéticas do refúgio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.
- BORBA, R. **A linguagem importa?** Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. Cadernos Pagu, 43, julho-dezembro de 2014, p. 441-474. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>. Acesso em 10 jan. 2024
- BUTLER, J. **Corpos Que Importam**: Os limites discursivos do “sexo”. Crocodilo Edições. São Paulo, 2020.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano 1**: Artes de Fazer. 3a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- COLLINS, P. H. **Interseccionalidade** .1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.
- CUNHA, C; DE ABREU; M. MOREIRA M. **Um ensaio sobre a cronicidade do viver com HIV/Aids na infância, adolescência e juventude**. Saúde debate [Internet]. 27º de maio de 2023 46(especial 7 dez):251-63. Disponível em: <https://saudeemdebate.emnuvens.com.br/sed/article/view/7503>. Acesso em 10 jan 2024.
- D'ANGELO, L.; HERNÁNDEZ, J.; UZIEL, A. **Por entre fronteiras e dobras da prisão**: traçando cartografias em ethos feminista. Cadernos Pagu, n. 55, p. e195502, 2019.
- DELEUZE, Gilles, 1925-1995 **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 / Gilles v.l Deleuze, Félix Guattari, Rio de janeiro: Ed. 34, 1995.

EVARISTO, C. **Escrevivência**. 2020. Youtube. Canal Literaturas Brasileiras. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FACCHINI, R. **Entre compassos e descompassos**: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S.l.], v.3, n.04, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FACCHINI, R. **"Sopa de Letrinhas"?** - movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo / Regina Facchini - Campinas, SP: [s.n], 2002.

FERNANDES, M., DANTAS, L. S., & BURGOS, M. C. P. L. (2018). **Saúde das mulheres lésbicas e atenção à saúde**: nem integralidade, nem equidade diante das invisibilidades. *BIS. Boletim Do Instituto De Saúde*, 19(2), 37–46. Disponível em: <https://doi.org/10.52753/bis.2018.v19.34590>. Acesso em: 26 ago. 2022

FERREIRA, M. **Textualidade da cidade contemporânea na experiência homoerótica**. In: MOITA LOPES, L.P. e BASTOS, L.C, (org.) Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, pp.261-282.

FONSECA, C. **O anonimato e o texto antropológico**: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa' In Teoria e Cultura: Revista do Mestrado em Ciências Sociais da UFJF. Juiz de Fora. v. 2 n. 1 e 2. 2007.

FRANÇA, I. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Campinas, SP. [s.n], 2010.

HAESBAERT, R. **Do Corpo-Território ao Território-Corpo (Da Terra): CONTRIBUIÇÕES DECOLONIAIS**. In: GEOgraphia, vol: 22, n.48, 2020, p. 75-90.

HAESBAERT, R. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo.

NANETTE, H.G. **Nanette**. Direção: Madeleine Parry. Austrália: Netflix, 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80233611>. Acesso em: 25 ago. 2022

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 30 dez. 2023.

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos. 2012, v. 18, n. 37, p. 25-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>>. Epub 31 Jul 2012. ISSN 1806-9983. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>. Acesso em: 4 nov. 2022.

KASTRUP, V; PASSOS, E. **Cartografar é traçar um plano comum**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 25, n. 2, 2013, p. 263-280. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>. Acesso em: 29 ago. 2023.

MARQUES, M.; MATTOS, A. **Políticas Públicas de Saúde da Mulher e o Dispositivo de Heterossexualidade**: silenciamento e apagamento da diversidade sexual das mulheres. Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura., 3(11), 62–88, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.11.11134> Acesso em 05 jan. 2024.

MARTINS, B. A; GUSMÃO, D. **Mapeamento sócio-cultural-afetivo das lésbicas e mulheres bissexuais das favelas de Niterói e São Gonçalo**, 1. Ed, Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

NASCIMENTO, M. L.; COIMBRA, C. M. B. **Análise de implicações**: desafiando nossas práticas de saber/poder. In: Geisler, A. R.; Abrahão, A. L.; Coimbra, C. M. B. (Org.). Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde. Niterói, RJ: EDUFF, 2008. p. 143-153.

PASSOS, E. & BARROS, R. **A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de transdisciplinaridade**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jan-Abr 2000, v. 16, n.1, p. 71-79.

PASSOS, E; KASTRUP, V; DA ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Editora Sulina. Porto Alegre, 2009.

PERES, M. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil**: de 2014 até 2017 / Milena Cristina Carneiro Peres, Suane. Felipe Soares, Maria Clara Dias. – Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018. 116 p. ISBN 978-85-63194-85-5

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, B. **Quem defende a criança queer?** Jangada: crítica | literatura | artes, Tradução MARCONDES, F. [S. l.], v. 1, n. 1, p. 96–99, 2018. DOI: 10.35921/jangada.v0i1.17. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17>. Acesso em: 25 set. 2023.

PROJETO DOCUMENTADAS, Disponível em: <<https://www.documentadas.com/>> Acesso em: 25 set. 2021.

RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

RESENDE, C. **O que pode um corpo?** O método Angel Vianna de conscientização do movimento como um instrumento terapêutico. Temas Livres • Physis 18 (3) • Set 2008 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312008000300011>. Acesso em: 15 jan 2024

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SCOTT, J. W. **Experiência** In: SILVA, A; LAGO, M; RAMOS, T.(org.). Falas de Gênero. Editora Mulheres. Santa Catarina, 1999 p. 21-55.

SOARES, G.; COSTA, J. **Movimento lésbico e Movimento feminista no Brasil**: recuperando encontros e desencontros, Labrys, Estudos feministas, n. 20-21, p. 1-64, jul./dez. 2011 - jan/jun 2012

VELHO, G. **O desafio da proximidade**. In: VELHO, G; KUSHNIR, K. (org.) Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. p. 11-19.

VILLELA, J. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Mana, 8(2), 220–222, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000200015>

Anexos

Anexo I: Roteiro de Entrevista

Como você se define?

Desde quando você se entende assim?

Primeiro momento do mapa(pedir para marcar os lugares afetivos pra ela, que ela se sente segura, quais não sente, o que ela quer marcar)

Como é para você frequentar espaços exclusivos para mulheres lésbicas? E espaços para o público LGBTQ+? Tem diferenças? Se sim, quais?

Existe alguma coisa que você só faz nesses espaços?

O que você mais gosta de fazer nesses grupos, bares e festas?

Você se sente segura/bem nos espaços de sociabilidade tidos como lésbicos?

Como você faz para se sentir segura?

Existem lugares em que você não se sente confortável por ser lésbica?

Como você faz para transitar nos espaços da cidade que você frequenta? Como você se sente nesse trânsito?

Como você se tornou uma pessoa que fomenta encontros, um ponto de referência?

Como você faz para esses espaços acontecerem?

Qual é o auge dos eventos para você, o que você gosta deles?

Você quer contar alguma experiência nesses encontros/eventos?

Anexo II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: OS AFETOS POSSÍVEIS DAS MULHERES LÉSBICAS, O QUE EXISTE DE TRANSGRESSOR E POTENTE NESSES CORPOS

Pesquisadora Responsável: ANA CAROLINA COTTA VIEIRA

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Telefones para contato da Pesquisadora: Telefone: (21)99467-7656

E-mail: anacotta@id.uff.br

Nome _____ da _____ participante:

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa: **Afetos possíveis de mulheres lésbicas, o que experiências em espaços de sociabilidade apontam de transgressor e potente nesses corpos** de responsabilidade da pesquisadora ANA CAROLINA COTTA VIEIRA, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e orientanda da professora Claudia Carneiro da Cunha.

A presente pesquisa objetiva entender como se dá a sociabilidade de mulheres lésbicas e os desdobramentos dessa identidade em seu cotidiano entre as cidades de Niterói e do Rio de Janeiro. Contribuindo para ampliar o diálogo sobre o gênero e sexualidade, buscando maior empenho acadêmico e social para compreender mulheres lésbicas como pauta urgente, a partir de práticas éticas e estudos comprometidos.

Caso você aceite o convite, será submetida ao/às seguinte/s procedimentos: será entrevistada individualmente por parte da pesquisadora. As entrevistas poderão ser realizadas de forma remota ou presencial.

Você tem total liberdade de não responder a qualquer pergunta que possa lhe causar constrangimento de qualquer ordem. O tempo previsto para a sua participação é de aproximadamente 2 (duas) horas de entrevista. Você receberá uma via deste termo no qual autoriza a sua participação na presente pesquisa. A participação na presente pesquisa não irá gerar nenhum custo ou benefício material ou financeiro para a participante da pesquisa.

Os riscos relacionados com sua participação são: o da não confidencialidade sobre alguma fala durante a realização da entrevista e o constrangimento em relação a alguma pergunta durante a resposta à entrevista.

Entretanto, tais riscos serão minimizados pelos seguintes procedimentos que garantirão a privacidade: a pesquisadora se compromete, sob pena de sofrer as devidas consequências legais, com o sigilo em relação a não identificar as participantes nos resultados obtidos. Quanto ao constrangimento em alguma pergunta, a entrevistada tem total liberdade de não responder a qualquer pergunta que considere constrangedora. Se for autorizado pelas participantes, a entrevista remota será gravada (vídeo e/ou áudio), e salva apenas no equipamento da pesquisadora. Os registros serão utilizados somente com fins da pesquisa, garantindo o anonimato das participantes.

Os benefícios esperados com essa pesquisa são: poder repassar para a sociedade um estudo comprometido, que busca entender as experiências da mulher lésbica e que contribui para um debate científico, com a perspectiva de diminuir os estigmas para mulheres lésbicas em uma sociedade heteronormativa e homofóbica.

Para sanar eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa, entre em contato com a pesquisadora, ANA CAROLINA COTTA VIEIRA através do telefone: (21)99467-7656 ou e-mail: anacotta@id.uff.br

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: coep@sr2.uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. O COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

O presente termo deve ser assinado pela pesquisadora, cabendo ser rubricado pelo mesmo as demais folhas que antecedem sua assinatura. A participante também deverá rubricar todas as folhas do presente termo. No caso de entrevistas realizadas de forma remota, o consentimento será registrado em vídeo e áudio no início da entrevista, expressando verbalmente a seguinte informação:

Eu, _____, declaro ter sido informada e concordo em participar do projeto de pesquisa acima descrito.

_____, _____ de _____ de 2023.

(nome e assinatura da participante)

(assinatura da pesquisadora responsável pela aplicação da entrevista)

Anexo III: Aprovação do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Afetos possíveis de mulheres lésbicas, o que experiências em espaços de sociabilidade apontam de transgressor e potente nesses corpos

Pesquisador: ANA CAROLINA COTTA VIEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68747823.7.0000.5282

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia da UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.052.190

Apresentação do Projeto:

Pesquisa de Ana Carolina Costa Vieira do Mestrado do Instituto de Psicologia, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL.

Essa pesquisa pretende ser uma pesquisa qualitativa, baseada em observação participante e por volta de dez entrevistas semi estruturadas. A pesquisa será realizada com mulheres que se identifiquem como lésbicas, em espaços de sociabilidade para mulheres lésbicas no eixo Rio-Niterói, como por exemplo bares, festas e eventos frequentados por mulheres lésbicas ou voltados para mulheres lésbicas. A observação participante e as conexões com o campo têm o objetivo de prover uma ambientação e maior entendimento de como se dão as relações dessas mulheres, além de salientar quem seriam pessoas chave para as entrevistas mais direcionadas. Todas essas investidas no campo visam compreender as experiências afetivas e sexuais de mulheres lésbicas em espaços de sociabilidade da cena lésbica no eixo Rio-Niterói, com foco nas corporeidades que produzem resistência, transgressão e potência em relação ao sistema heteronormativo. Além das táticas de resistência que utilizam em suas vidas. As entrevistas poderão ser tanto presenciais quanto online.

Hipótese:

A hipótese desse estudo é que existe uma experiência compartilhada entre as mulheres lésbicas, por conta de sua identidade e orientação sexual, que é atravessada pelas questões da invisibilidade. Ao mesmo tempo em que isso pode levantar questões do enfrentamento e não

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3º and. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** coop@sr2.uerj.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO - UERJ



Continuação do Parecer: 6.052.190

aceitação plena frente ao sistema heteronormativo, também pode suscitar formas de transgressão e resistência que potencializem suas vidas.

Critério de Inclusão:

Ser uma mulher que se identificar como lésbica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender as experiências afetivas e sexuais de mulheres lésbicas em espaços de sociabilidade da cena lésbica no eixo Rio-Niterói, com foco nas corporeidades que produzem resistência, transgressão e potência em relação ao sistema heteronormativo.

Objetivo Secundário:

Entender como se constroem os corpos e as performances de mulheres lésbicas em espaços de sociabilidade voltados a elas; Investigar como se dão os processos de invisibilidade de mulheres lésbicas no mundo social e da militância; Descrever as táticas de resistência utilizadas por mulheres lésbicas em espaços de sociabilidade voltados a elas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Tendo em vista os pressupostos da Resolução 510/2016 e considerando que a pesquisa se constrói através da relação entre pesquisador e participante, num esforço contínuo e conjunto negociado a todo momento, de forma livre e esclarecida, entendendo que a pesquisa em “Ciências Humanas e Sociais tem especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa”, respeitando a Declaração Universal dos Direitos Humanos, sendo todos esses citados anteriormente princípios éticos dessa pesquisa. Tendo em vista que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, mesmo que muito baixos, os que se apresentam nesta podem envolver o surgimento de algum tipo de constrangimento, desconforto, medo, vergonha, estresse ou inquietações emocionais ao realizar conversas e entrevistas sobre o tema e contar histórias por sua temática evocar momentos e experiências que podem ter sido negativas durante a trajetória de vida da pessoa.

Todas as eventuais entrevistas serão acompanhadas por mim, psicóloga de formação, que oferecerei o acolhimento necessário caso alguma questão ou desconforto apareça durante a pesquisa. Todas as pessoas que forem entrevistadas serão devidamente informadas de sua participação e serão explicados de forma que todas fiquem cientes dos riscos e benefícios presentes, iniciando as entrevistas somente com o seu assentimento e poderão interromper a sua participação a qualquer momento.

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3º and. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

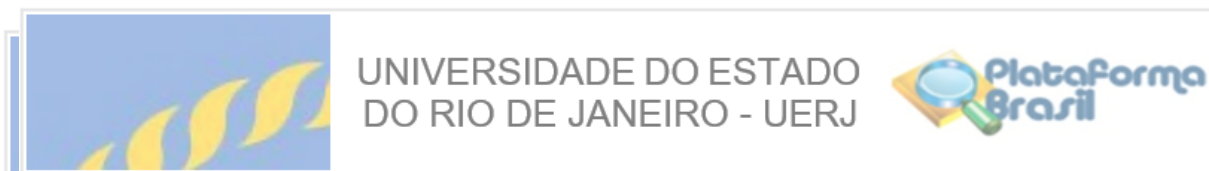
UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: coep@sr2.uerj.br



Continuação do Parecer: 6.052.190
Continuação do Parecer: 6.052.190

Benefícios:

Os benefícios em relação à participação na pesquisa envolvem possibilitar reflexões e questões pertinentes e estão diretamente ligados a produção de conhecimento científico para o campo da psicologia, com o propósito de incentivar a realização de novos estudos de compreensão sobre a experiência das mulheres lésbicas, contribuindo no planejamento e direcionamento de programas e políticas públicas do âmbito da saúde e educação no Brasil. Além disso, como benefício o estudo poderá promover visibilidade lésbica e às questões específicas a elas direcionadas visando então entender estruturas de desigualdade e opressão sociais e tentar a partir do conhecimento torná-las passíveis de transformação almejando melhorar nossa experiência em sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem fundamentado, que permite compreender os objetivos. Apresenta informações para a realização da análise ética.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A folha de rosto está devidamente preenchida.
Apresentou o instrumento de coleta de dados.
O TCLE apresenta todos os itens essenciais.
Apresentou cronograma e orçamento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UERJ deliberou pela aprovação deste projeto, visto que não há implicações éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Faz-se necessário apresentar o Relatório Anual - previsto para maio de 2024. O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UERJ deverá ser informado de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Tendo em vista a legislação vigente, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UERJ recomenda ao(a) Pesquisador(a): Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e/ou no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para análise das mudanças; informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa; o comitê de ética solicita a V.S.^a que encaminhe a este comitê relatórios parciais de andamento a cada 06 (seis) meses da pesquisa e, ao término,

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã CEP: 20.559-900
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180 E-mail: coep@sr2.uerj.br

encaminhe a esta comissão um sumário dos resultados do projeto; os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2090191.pdf	12/04/2023 20:52:20		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	12/04/2023 20:50:49	ANA CAROLINA COTTA VIEIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	24/02/2023 21:52:29	ANA CAROLINA COTTA VIEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	cartaanuencia.pdf	24/02/2023 21:52:19	ANA CAROLINA COTTA VIEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisa.docx	24/02/2023 21:51:40	ANA CAROLINA COTTA VIEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoana.pdf	24/02/2023 21:46:55	ANA CAROLINA COTTA VIEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 10 de Maio de 2023

Assinado por:

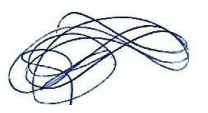
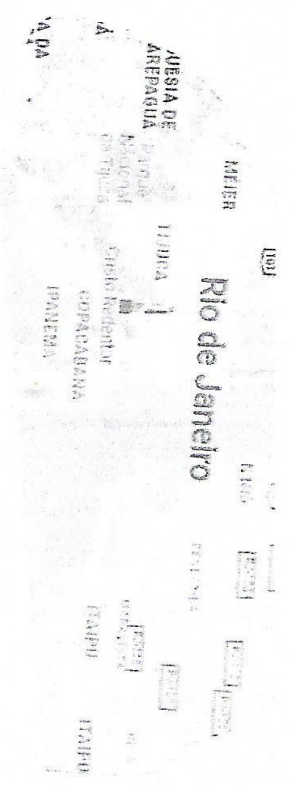
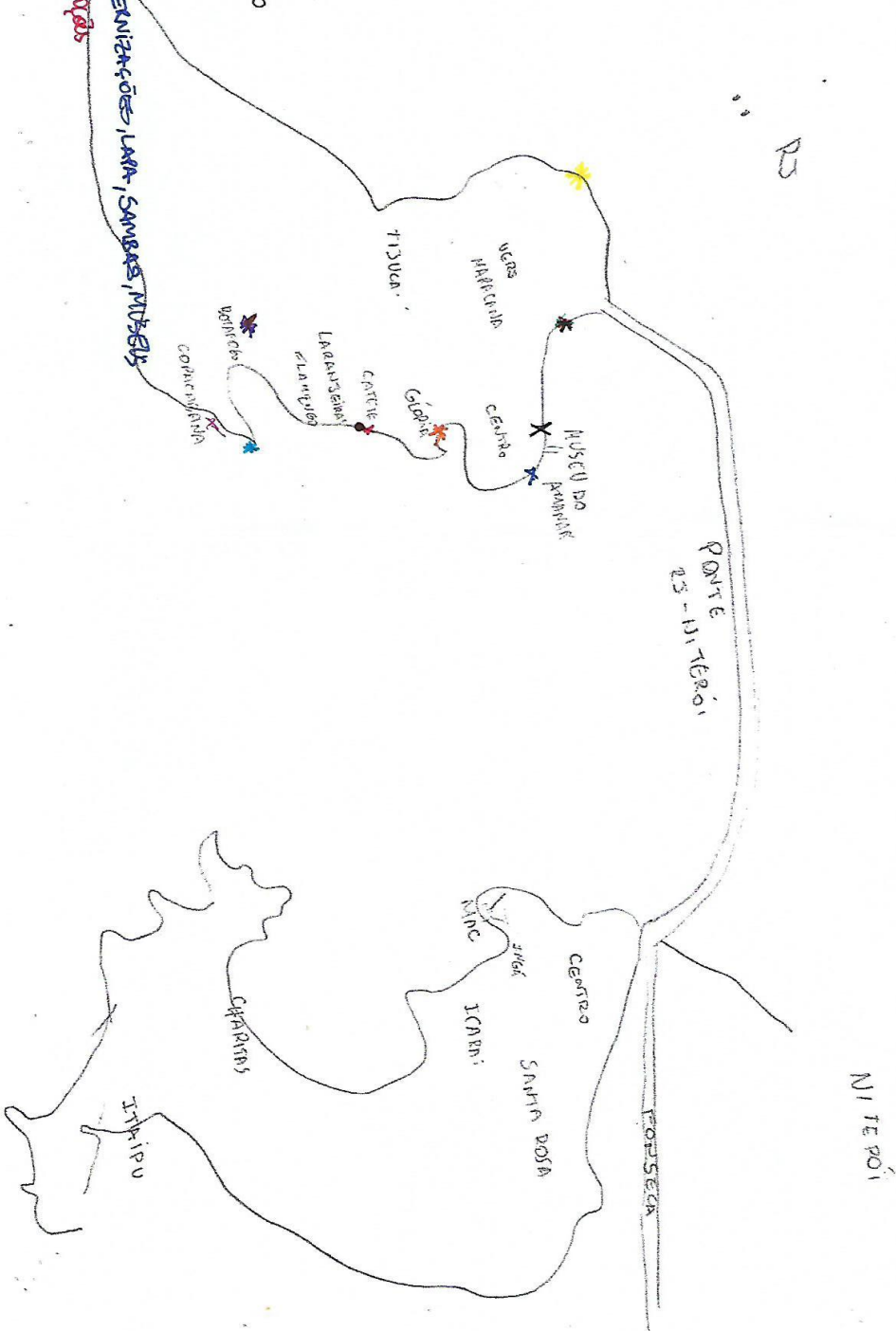
**Rosa Maria Esteves Moreira da Costa
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** coep@sr2.uerj.br

Duta - Ciciúma

Anexo VI – Mapa da Fernanda

- * MUSEU DE ARTE SOBRIO
- * SÃO CRISTÓVÃO
- * FUNEBOL
- * CAMBA DA GIGANT
- * TOD O CENTRO - CONFRADEIRIZAÇÕES, LATA, SANGRIA, MUSEUS
- * COCA / algumas documentações
- * BCO - FESFIS
- * POLEIA
- * LEMPE
- * RUA VERMELHA



Katurrita

Anexo VII – Mapa da Katurrita

